

ROSENALDO DE CARVALHO

**O DESEJO, O PODER, A SEDUÇÃO: A INTRODUÇÃO DA FUMICULTURA
NOS FAXINAIS DE RIO AZUL, REBOUÇAS E IMBITUVA - 1950-1970**

**Irati
2015**

ROSENALDO DE CARVALHO

**O DESEJO, O PODER, A SEDUÇÃO: A INTRODUÇÃO DA FUMICULTURA
NOS FAXINAIS DE RIO AZUL, REBOUÇAS E IMBITUVA - 1950-1970**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em história, curso de pós-graduação em história, área de concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO-PR.
Orientador: Prof^o. Dr. Aldo Nelson Bona

**IRATI
2015**

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

C331d	<p>CARVALHO, Rosinaldo de</p> <p>O desejo, o poder, a sedução: a introdução da fumicultura nos faxinais de Rio Azul, Rebouças e Imbituva – 1950-1970 / Rosinaldo de Carvalho. – Irati, PR : [s.n], 2015. 106f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Aldo Nelson Bona Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em História. Área de Concentração História e Regiões. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.</p> <p>1. Agricultura tradicional – dissertação. 2. Agronegócio. 3. Revolução verde. 4. Cultura – fumo. I. Bona, Aldo Nelson. II. UNICENTRO. III. Título.</p> <p>CDD 20 ed. 613.85</p>
-------	---



TERMO DE APROVAÇÃO


Rosenaldo de Carvalho

**“O Desejo, o Poder, a Sedução: a introdução da fumicultura nos faxinais de Rio Azul,
Rebouças e Imbituva - 1950-1970”**


Dissertação aprovada em 14/05/2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:



Dr. Edson Armando Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Titular



Dr. Helio Sochodolak
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular



Dr. Aldo Nelson Bona
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2015

Dedico este trabalho a meus familiares, a minha esposa, Janete, eterna namorada, companheira de todos os momentos, que apesar de todas as dificuldades, nunca me abandonou. Te amo. Muito obrigado. A minha filha, Ivini Jordana, anjo maravilhoso, presente dos céus, que quero sempre comigo. A minha mãe, Odete, mulher guerreira e incansável e a meu pai Darcy de Carvalho (*In Memoriam*), que me ensinou a amar minha terra. A meu avô Delfino Oliveira, fonte inestimável de força e amor, que junto com meu pai, nas noites em que faltava a energia elétrica, contavam suas histórias. Suas conversas sobre o passado me instigaram a conhecer melhor o mundo deles, que também é meu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade, agradeço também a meu orientador prof^o. Dr. Aldo Nelson Bona, pelas conversas e trocas de ideias que contribuíram não só para o trabalho mas para a vida. Agradeço ao prof^o. Dr. Helio Sochodolak, pelo apoio nas horas difíceis, e nos debates teóricos.

Agradeço também a todos os depoentes deste trabalho, que confiaram a mim suas lembranças e que ao dividir comigo essas lembranças, alegrias, tristezas, vitórias e derrotas, ajudaram-me a construir mais um pedaço do quebra-cabeças da história.

Não poderia deixar de agradecer a uma pessoa muito especial, que me ensinou muito sobre história e pesquisa, o professor Dr. José Adilçom Cmpigoto, mestre e amigo, meus agradecimentos mais sinceros.

Agradeço imensamente a minha família, que contou com a falta de um mestrando, que parava tudo e muitas vezes ficava ausente por causa de leituras, aulas, entrevistas e das horas intermináveis da elaboração do texto, meus amores não teria conseguido sem vocês, muito obrigado.

“A simplicidade é o caminho mais curto para a felicidade”.(autor desconhecido)

RESUMO

Essa pesquisa teve com fio condutor o objetivo de perceber as mudanças que ocorreram nos Faxinais com a introdução da fumicultura em seus territórios. Para um melhor entendimento o trabalho foi subdividido em três partes principais. Na primeira parte apresentamos um debate teórico metodológico sobre o fazer historiográfico, com algumas discussões julgadas importantes para a realização do trabalho. Trazemos uma discussão sobre a narrativa como forma de escrita da história, perpassada por debates que deram contornos a aceitação do gênero narrativo como escrita da história. E a discussão sobre o uso da memória como fonte para a escrita da história e os discursos que existe entre ambos, como superar a velha condição de papel secundário da memória perante a história.. No segundo capítulo o objetivo foi a organização do modo de vida faxinalense, do início do século até o momento em que a fumicultura se apresenta aos faxinais como uma alternativa sedutora de renda, e no terceiro momento como ela foi implantada e sua aceitação, os quadros de comércio e um rápido debate sobre o que foi e como chegou ao Brasil e nos faxinais, discute também como os produtores eram agenciados, quais os motivos que levaram os faxinalenses a optarem pela nova cultura, quais as mudanças no sistema cultural dos faxinalenses acarretadas por uma nova cultura agrícola que interferiu em costumes tradicionais centenários, e aos poucos foram se transformando, e tomando novos contornos. Contornos que aos poucos foram precipitando o fim do que se denomina sistema faxinal, fim esse acelerado com a chegada dos “gaúchos”.

Palavras-chaves: Faxinais; Agricultura Tradicional; Fumicultura; Cultura; Revolução Verde; Agronegócio.

ABSTRACT

This research was to thread in order to realize the changes that have occurred in Faxinais with the introduction of tobacco growing in their territories. For a better understanding of the work was divided into three main parts. In the first part we present a theoretical and methodological debate on the historiographical do with some discussions considered important to carry out the work. We bring a discussion of the narrative as a way of writing history, permeated by discussions that have outlines the acceptance of the narrative genre as written history. The discussion on the use of memory as the source for the writing of history and the discourse that is between them, how to overcome the old secondary role condition memory before history. In the second chapter the objective was the way of life organization faxinalense, the beginning of the century to the time when the tobacco culture is presented to faxinais as an enticing alternative income, and the third time as it was deployed and accepted, the trade boards and a quick discussion about what was and how came to Brazil and faxinais also discusses how producers were brokered, what the reasons the faxinalenses to opt for new culture, what changes in the cultural system of entailed faxinalenses by a new crop that interfered with centuries-old traditional customs and They were slowly turning and taking a new shape. Contours that were gradually precipitating the end of what is called faxinal system, so that accelerated with the arrival of the "gauchos"

Keywords: faxinais; Traditional agriculture; Tobacco farming; Culture; Green Revolution; Agribusiness.

RESUMEN

Esta investigación fue el hilo con el fin de darse cuenta de los cambios que han ocurrido en faxinais con la introducción del cultivo de tabaco en sus territorios. Para una mejor comprensión de la obra se divide en tres partes principales. En la primera parte se presenta un debate teórico y metodológico en la historiográfica hacer con algunas de las discusiones que se consideran importantes para llevar a cabo el trabajo. Traemos un análisis de la narrativa como una forma de escribir la historia, permeada por las discusiones que tienen esboza la aceptación del género narrativo como la historia escrita. El debate sobre el uso de la memoria como la fuente para la escritura de la historia y el discurso que se encuentra entre ellos, la manera de superar el estado de memoria papel secundario de edad antes de la historia. En el segundo capítulo, el objetivo era la forma de organización de la vida faxinalense, el comienzo del siglo hasta el momento en que la cultura del tabaco se presenta a faxinais como una alternativa de ingresos atractivo, y la tercera vez que se desplegó y aceptada, las juntas de comercio y una discusión rápida sobre lo que era y cómo llegaron a Brasil y faxinais también se explica cómo se negociaron los productores, lo que las razones de los faxinalenses que optan por la nueva cultura, qué cambios en el sistema cultural de faxinalenses que conlleva un nuevo cultivo que interfería con siglos de antigüedad y costumbres tradicionales que estaban convirtiendo lentamente y tomando una nueva forma. Las curvas de nivel que se precipitan gradualmente al final de lo que se llama sistema de faxinais, por lo que se aceleró con la llegada de los "gauchos".

Palabras clave: faxinais; La agricultura tradicional; café; la cultura; Revolución Verde; agroindustria

LISTA DE ABREVIATURAS

UNICENTRO: Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

IAPAR: Instituto Ambiental do Paraná.

AFUBRA: Associação dos fumicultores do Brasil.

SINDITABACO: Sindicato da indústria do tabaco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	21
MEMÓRIA E HISTÓRIA: INTERFACES COM HISTÓRIA ORAL.....	21
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	21
1.2 Características gerais da fumicultura e sua introdução nos faxinais.....	24
1.3 Problematização da relação entre memória e história.....	26
1.4. A memória como fonte para a escrita da história da fumicultura nos faxinais.....	33
1.5. Reflexos da mudança de olhares na pesquisa sobre faxinais.....	41
CAPÍTULO II.....	46
PLANTAR, AJUDAR, FESTEJAR: A VIDA NOS FAXINAIS E AS MUDANÇAS PROVOCADAS PELA INTRODUÇÃO DA FUMICULTURA.....	46
2.1 VIDA E PRÁTICAS COMUNITÁRIAS NO FAXINAL.....	46
2.2. A “modernidade” nos faxinais: a introdução da fumicultura.....	64
2.3. Os faxinais em crise: a Revolução Verde e as novas tecnologias.....	65
CAPÍTULO III.....	77
OS QUADROS DE COMÉRCIO DE 1900 A 1960: INSERÇÃO DOS FAXINAIS.....	77
3.1 RELAÇÕES COMERCIAIS INCIPIENTES NA CULTURA FAXINALENSE.....	77
3.2. Novas culturas, novas ferramentas, novas técnicas e novos moradores.....	80
CAPÍTULO IV.....	83
FUMICULTURA E COSTUMES FAXINALENSES: PRÁTICAS EM TRANSFORMAÇÃO.....	83
4.1 DE PRODUTO JÁ CONHECIDO PELOS POVOS TRADICIONAIS À SUA INTRODUÇÃO COMERCIAL NOS FAXINAIS: O FUMO EM BREVE TRAJETÓRIA.....	83
4.2. Expansão da fumicultura nos faxinais da região centro-sul do Paraná.....	84
4.3. A gradativa desagregação das práticas coletivas de produção.....	92
4.4. Transformações no modo de vida ou colapso de um modelo cultural?.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
FONTES.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

INTRODUÇÃO

Atualmente muitos pesquisadores têm se interessado pelos povos tradicionais, tais como antropólogos, sociólogos, ecologistas ambientalistas e também os historiadores, que lançam um olhar de uma perspectiva cultural. Os povos tradicionais podem ser considerados como um campo relativamente jovem de pesquisas no âmbito da história. Talvez até pelas grandes dificuldades de se conceituar povo e cultura, termos polissêmicos, e sem um debate com muitas conclusões. (CAMPIGOTO, CARVALHO, 2011, p 1).

Sabe-se que por muito tempo a história buscou se constituir de documentos oficiais de pessoas ligadas ao Estado, mas a partir dos Annales e suas novas propostas surgiram novos objetos, novos documentos e novas abordagens, fato que possibilitou, anos mais tarde, que os historiadores pudessem se dedicar ao estudo da cultura, mas como lembrou Robert Darnton cultura com “c” minúsculo¹, ou seja, todas elas, sem olhar como o tema foi olhado no século XIX pelos historiadores, como povos com cultura avançada ou atrasada.

Além disso, agora sabemos que houve também um interesse de entender melhor como os sujeitos marginais concebiam sua história, como sentiam e percebiam o mundo a sua volta, e isso aos poucos foi trazendo a possibilidade de hoje os historiadores poderem lançar seu olhar para os povos tradicionais.

O que se quer com isso não é uma história política, nem mostrar mocinhos e bandidos, mas dar vez e voz a sujeitos que não foram somente excluídos socialmente, mas também foram excluídos de seu papel de ator principal de sua própria história, haja vista que por muito tempo esses sujeitos ou foram tratados como submissos, à margem do progresso e incapacitados de se adaptar a ele, ou rebeldes e fanáticos religiosos.

As novas pesquisas buscam uma renovação da abordagem e do sentido da história, apontando a possibilidade da existência de uma multiplicidade de visões sobre um mesmo fato, e agora o sentido das abordagens dos povos tradicionais se refere a um momento em que se quer conhecer a história do ponto de vista deles, e não dos colonizadores e “agentes do progresso”.

Os povos tradicionais, aqui denominados os quilombolas, os indígenas, os caiçaras, os ribeirinhos e os faxinalenses, não tiveram de graça o reconhecimento da sua condição de

¹ Para mais informações sobre o assunto consultar a obra DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa. – São Paulo: Graal, 2011.

sujeitos, mas sim com muita luta. No período do governo Lula² período de fortes movimentos sociais e de reconhecimento das minorias, os povos tradicionais foram reconhecidos por lei, cada povo com um decreto em específico, e em tempos diferentes e, dentre os que primeiro tiveram o reconhecimento, estão os quilombolas.

Com o direito de povo tradicional reconhecido, essas populações ganham o direito à terra em que vivem e o direito de proteger todos os aspectos de sua cultura, tais como a dança, a religiosidade, suas festas, ritos de colheitas, enfim ganham o amparo da lei para proteger suas representações culturais, que eles afirmam estar em perigo perante a enorme e crescente onda de capitalização do campo, principalmente com a Revolução Verde brasileira³ ocorrida nos anos 1950 à 1970.

Dentre os vários povos tradicionais, nossos sujeitos do estudo, os faxinalenses⁴, foram reconhecidos como povo tradicional no Estado do Paraná pelo projeto de lei número 3.446 em 2007, por suas várias especificidades, tais como o uso comum das terras para a criação em compáscuo⁵.

A origem dos faxinais é muito incerta. A maioria dos estudiosos apontam para a não existência de uma origem única e para alguns pesquisadores o sistema foi trazido pelos

2 No governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 2002 a 2010, os povos tradicionais obtiveram maior reconhecimento.

3 Revolução Verde é um fenômeno que ocorreu no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século passado, com o processo de mecanização agrícola e o uso de adubos químicos nas áreas onde antes tinham agricultura de subsistência, ou mata fechada. Foi um projeto do governo militar, com o intuito de modernizar a agricultura nacional e aumentar a produção de alimentos.

4 Chama-se sistema de faxinais a certo modo de utilização das terras em comum, delimitada por cercado para a criação de animais, existente na região sul do Brasil e que se tem classificado como manifestação cultural dos povos tradicionais. Assim, o faxinal é dividido em terras de criar, ou área de compáscuo, e um cercado composto por matas e pastagens em que se localizam as habitações dos faxinalenses. Na parte interior a essa área comum, que pode pertencer a um proprietário não morador do faxinal, ou a vários proprietários, são criados animais de várias espécies, tais como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves domésticas. Soltos no grande cercado, esses animais alimentam-se da grama existente, de pequenos arbustos e dos frutos nativos tais como a gabiroba, a cereja e, principalmente, o pinhão. Os donos dos animais lhes oferecem suplementação alimentar nos períodos de maior escassez. As casas são dispostas no interior da área cercada, sendo boa parte delas protegida por um cercado menor, ao entorno dos quais as criações circulam livremente. As entradas e saídas destas áreas são protegidas por porteiras e cancelas ou por uma espécie de pequenas pontes construídas sobre um vão seco, escavado especialmente para tal fim. Esses artefatos, chamados de mata-burros, são construídos intercalando-se uma prancha e um vão, de modo que as pessoas e os automóveis possam transitar sem a necessidade de abrir porteiras enquanto que os animais os evitam. As terras de plantar localizam-se fora do cercado e podem pertencer ao proprietário que as cultivava ou serem arrendadas. O sistema de faxinal pode ser facilmente vinculado à frente oriental paranaense de extração da erva mate e à cultura da criação de suínos em sistema extensivo praticado nesta região desde o século XVII. Como já foi mencionado, os coletores de erva mate, quando viam escasseando os recursos do lugar em que estavam instalados, adentravam à mata, transportando consigo os apetrechos de que necessitavam, os recursos alimentícios e alguns animais para transportar carga e para o consumo

5 Compáscuo é a área destinada à criação de animais em comum, sendo o oposto das terras de plantar local que os animais não tinham livre acesso.

Jesuítas e adaptado nas reduções⁶, trazendo o olhar de que faxinal não é tipicamente brasileiro, mas outros entendem que

As origens da cultura e modo de vivência dos faxinalenses é incerta, conforme indicam escassos estudos, sendo uma cultura típica da região centro-sul do Paraná. Alguns estudiosos sugerem que a origem remonta aos caboclos que em fins do século XVIII e começo do XIX, chegaram à região centro-sul do Paraná, e adotando um modo de vida peculiar que consistia no extrativismo, iniciaram então a extração da erva-mate, se emaranharam pelas matas, criavam pequenos animais para o consumo e outros para o transporte, sem ter as suas divisas territoriais muito bem definidas, ou seja, sem ter essa posse contestada. Com o fim da coleta de erva-mate essas famílias iam adentrando as matas e levando junto de si o seu modo de vida. (BRITO, CARVALHO, 2013, p. 9).

Nas novas pesquisas acredita-se que o sistema não teve fundador, ou fundadores, mas que em uma época que havia muitas terras e poucos donos, chegavam a esses lugares toda sorte de sujeitos e iam se arrumando e se adaptando ao modo de vida e com os anos passou a ser um modo de vida consolidado, que seduziu os imigrantes europeus, que chegaram a essas paragens com os programas de imigração promovida pelo governo brasileiro.

O motivo de o governo brasileiro trazer imigrantes era a ideia de que eles branqueariam a nação e também trariam aos caboclos o progresso, com novas técnicas de plantio. Aqueles imigrantes que o destino foi o estado do Paraná, ao chegarem encontraram um sistema já consolidado de vida, e como a grande maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil, sem os tão prometidos incentivos do governo, acabaram em uma situação muito difícil, muitos migraram novamente para outros lugares. Aqueles que ficaram nos faxinais, gostaram do que viram e acabaram se adaptando ao modo de vida extrativista, de criação de animais à solta e agricultura de subsistência, deram novos contornos ao sistema, como novas técnicas e ferramentas, mas na essência, o sistema permaneceu como antes da chegada dos imigrantes.

O sistema se tornou alvo de estudos a partir da década de 1980, por causa de suas especificidades, como o uso comunal da terra para criação de animais e suas inúmeras manifestações culturais, únicas no estado e muitas vezes no país, por isso várias áreas do conhecimento deram atenção ao faxinal e o transformaram em objeto de suas pesquisas.

Em um momento de crise do sistema de produção vigente, quando os recursos naturais escasseiam, os faxinalenses e outros povos tradicionais sobressaem como uma

⁶ Chang. Man Yu. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Boletim técnico, nº22. Londrina: IAPAR, 1988, p. 13.

alternativa ecologicamente correta e auto sustentável de agricultura de subsistência. No caso dos estudos sobre os faxinais, ocorre uma enorme transformação no olhar nas décadas de 60 e 70 do século XX. Primeiramente visto como um sistema atrasado, hoje quando o sistema de uso de agroquímicos se mostrou nocivo a saúde, a produção faxinalense é vista com outros olhos, agora como certo, pelos mesmos órgãos que o criticaram duramente cinco décadas atrás. Vive-se um momento de revalorização de sistemas como o faxinal.

Algumas universidades que se localizam em regiões de ocorrência de faxinais no estado do Paraná constituíram-se nos maiores polos aglutinadores de informações sobre o tema, que não é só de interesse da história, mas também de várias outras áreas, como geografia, educação, engenharias florestal e ambiental, além de novas áreas que têm mostrado interesse no tema.

Em história, por algum tempo, principalmente nas primeiras décadas de estudo, o principal foco foi a desagregação do sistema, fortemente sentido em todo o Estado do Paraná nos anos de 1980, que coincide com o início dos estudos. Nos anos de 1990, a pesquisadora Maria Magdalena Nerone, pesquisou o sistema de faxinal no município de Rebouças. Em sua tese ela apresentou o sistema como um todo, desde a formação, passando pelo seu auge e até o momento do fim de alguns deles, além de fornecer algumas descrições sobre representações culturais faxinalenses. (NERONE, 2000, p 45)

Outro trabalho muito visitado foi o boletim técnico do IAPAR, da pesquisadora Chang, que mostrou como o sistema se desarticulou perante as ondas de implantação do capitalismo no campo, principalmente com a chegada de migrantes com outra lógica de produção, que não viam com bons olhos a criação de animais à solta. (CHANG, 1988, p 20).

Esses dois trabalhos são dignos de nota por trazerem traços comuns, como a questão da divisão das terras em terras de criar e terras de plantar, e a descrição dos faxinais como algo fadado a desaparecer perante a capitalização e modernização da agricultura.

Em outro momento das pesquisas sobre faxinais, vários autores trataram de pesquisar a formação do sistema e realizar uma abordagem dos costumes faxinalenses, como o trabalho de Ilma Aparecida Toledo, que buscou mostrar as representações culturais faxinalenses, tais como o puxirão, as rezas, as novenas, bailes e festas.

As práticas culturais também foram alvo de estudos. Nesse campo podemos citar outros trabalhos, como a pesquisa de Franciane Gurski, que abordou a figura mitológica do monge João Maria no faxinal de São João da Palmeirinha, buscando identificar as memórias acerca do monge e dos olhos d'água que ele instituiu (GURSI, 2008, p. 6).

Na esteira da religiosidade faxinalense o trabalho de conclusão de curso de Rosinaldo de Carvalho, que abordou as rezas realizadas nas casas dos devotos, evidenciando que as pessoas davam significados a santos muito festejados, como o Divino Espírito Santo, São João Maria e São Roque, este último entidade ligada à cura e proteção aos animais (CAMPIGOTO, CARVALHO, 2011, p. 12).

A grande maioria das pesquisas que se dedicaram ao tema da desagregação do sistema colocou os gaúchos como responsáveis pelo movimento de fechamento dos criadouros comuns. O nosso objetivo nesta pesquisa é considerar este fenômeno sob outro aspecto, estudando uma temática nova até então nos estudos sobre faxinais, qual seja, a introdução da fumicultura nos faxinais.

Esse elemento novo na cultura faxinalense trouxe modernidade à agricultura pelo menos quinze anos antes da chegada maciça dos migrantes aos faxinais. A fumicultura introduziu novas práticas agrícolas, o uso de defensivos agrícolas e adubos químicos, fatores desconhecidos pelos faxinalenses. Com a introdução da fumicultura muitos costumes faxinalenses foram aos poucos deixados de lado, como o puxirão, as rezas que coincidiam com as colheitas da safra, entre outros.

O faxinalense passou a ter mais perto e a seu alcance novas tecnologias com a introdução da fumicultura. Quando os gaúchos chegaram com a agricultura na “técnica”, como eles designavam nos faxinais, ela já estava presente e se não era praticada por todos, ao menos era conhecida. Assim sendo as práticas faxinalenses tradicionais começaram a ser modificadas antes da chegada dos migrantes ditos gaúchos. O que queremos dizer com isso é que as mudanças podem ter partido de dentro do sistema, mesmo antes da chegada dos gaúchos.

A grande maioria das pesquisas sobre a fumicultura se referem a problemas causados à saúde e ao meio ambiente, pois isso pode estar relacionado às campanhas antitabagistas governamentais.

No Paraná, Schoenhals, partindo de uma ótica de engenharia florestal apoiada em metodologia etnográfica, analisou os impactos da fumicultura sobre o meio ambiente (SCHOENHALS, 2009, p 16), sobre a saúde e sobre a qualidade de vida de fumicultores no município de Verê/PR. Troian e Eichler, em 2009, pesquisaram as práticas de utilização de agrotóxicos e as concepções acerca da toxicidade e como ela é percebida pelos agricultores em Arvorezinha/RS (TROIAN, EICHLER, 2009 p. 117).

Estes trabalhos, conjuntamente com muitos outros, trazem a ótica de que a fumicultura traz grandes malefícios à saúde dos produtores e ao meio ambiente, amparadas

em documentações sobre estes itens, mas não levam em consideração o contexto histórico que fez com que os produtores se vissem “obrigados”, pelas novas circunstâncias, a plantar fumo. Nossa abordagem, diferentemente, terá como grande preocupação o objetivo de constituir narrativas da história da introdução da fumicultura nos faxinais, além de todas as mudanças no modo de vida dos faxinalenses acarretadas pela nova cultura agrícola, totalmente desconhecida até então.

Para tanto, utilizaremos a perspectiva da memória como grande fonte para a história e, assim, com base nos depoimentos e narrativas criadas pelos faxinalenses, buscaremos criar uma narrativa sobre o fenômeno da fumicultura nos faxinais.

Objetivamos, ainda que modestamente, constituir uma nova história de como o plantio de fumo foi introduzido na região centro-sul do Paraná, área de grande ocorrência do sistema de Faxinais, objetivando discutir em que medida a prática do plantio de fumo influenciou e promoveu alterações nesse sistema de vida tradicional.

Partindo da premissa de que ainda existem poucos trabalhos que tratam do assunto sob esse enfoque, nossa dissertação procurará tratar das narrativas que os faxinalenses criaram sobre esse momento único da história de todo o sistema Faxinal.

Nosso estudo está baseado na documentação produzida pelas empresas fumageiras, como as cartilhas informativas dirigidas aos produtores, e em depoimentos orais de fumicultores pertencentes ao Sistema Faxinal, documentos estes que parecem ser contraditórios, pois existem documentos extensos no que tange a preocupação das empresas de informar os produtores, mas raros no que diz respeito ao ponto de vista dos fumicultores.

As empresas, dentre elas a Souza Cruz, têm muitas informações, mas em consulta a essas documentações percebe-se que trazem informações somente sobre seu ponto de vista dos acontecimentos, sempre falando no progresso contra o atraso. Partindo de uma premissa de uma história que busca dar voz e vez aos povos marginais, buscar-se-á dar a oportunidade aos faxinalenses de narrarem sua versão dos fatos, pois são eles os sujeitos mais afetados nesse processo histórico de transição. Para que os faxinalenses possam ter a oportunidade de dar sua versão dos fatos nos utilizaremos de depoimentos orais, visto a escassez de documentos sobre o assunto, com o objetivo de conhecer o ponto de vista daqueles que aos poucos viram costumes tradicionais centenários se esfacelarem em menos de duas ou três décadas.

As empresas fumageiras, principalmente a Souza Cruz, fizeram grandes estudos para o plantio de fumo na região, a partir de 1950, antes do governo militar no Brasil começar com o projeto da Revolução Verde, mas na Região Central do Estado do Paraná, a decisão de

plantar fumo foi uma iniciativa dos agricultores. Através dos relatos e das narrativas recolhidas sabe-se que foi a partir de 1958 que se instalam as primeiras estufas experimentais na cidade de Rio Azul, Imbituva e Rebouças.

Para dar conta do estudo desse fenômeno, dividimos o trabalho em três partes, em três capítulos, nos quais procuramos dar conta dos problemas que se apresentaram ao longo do caminho. No primeiro capítulo procuramos criar uma relação de temas que foram desafiantes e necessários ao trabalho. Começamos com uma discussão sobre memória e história e seus usos e diálogos, trazendo a história oral para conversar com o debate da memória, visto que uma precisa e se completa na outra: a memória se realiza, se exterioriza no relato. Depois buscamos ver essa memória em uma perspectiva hermenêutica fenomenológica das narrativas criadas pelos sujeitos faxinalenses sobre a introdução da fumiicultura nos faxinais na década de 1950 até 1970.

Em outro momento trazemos a discussão sobre a Revolução Verde brasileira e suas ligações com a introdução da fumiicultura, visto que mesmo não coincidindo as datas, pois a Revolução verde chega anos mais tarde, em nossa leitura do emaranhado de fatos e acontecimentos, nas escalas micro e macro, concluímos que a fumiicultura representa a introdução na inovação tecnológica nos faxinais, representando assim os primeiros passos da Revolução Verde nesse território. Depois discutimos o termo faxinal, sua formação entre os moradores e os membros da academia, mostrando que faxinal ou criador sempre teve debates ao seu redor e foi tema de interesse. E para encerrar a primeira parte do trabalho, discutimos o impacto das tecnologias nos faxinais, e como esse debate é construído e visto na academia.

O segundo capítulo é dedicado à narrativa da vida cotidiana faxinalense até a chegada do fumo no faxinal, dando ênfase ao aspecto econômico, com vistas a dar mostras que o faxinal sempre teve ligações econômicas com o capitalismo e mercados abrangentes. Tal abordagem vem no sentido de desmistificar o faxinal como reduto de economia comunal, evidenciando como os aspectos culturais faxinalenses e as relações de trabalho se modificaram com a introdução do fumo no cotidiano desses sujeitos, visto que a economia não era comunal, mas as relações eram mais pessoais e com fortes laços de amizade e ajuda mútua.

No terceiro e último capítulo, criamos um debate com os documentos relacionados a introdução da fumiicultura, produzidos pela empresa Souza Cruz e como era nessa mesma época o horizonte de visão e a percepção que os sujeitos tinham sobre aquilo que estavam vivenciando, as transformações econômicas, sociais e culturais que o sistema estava vivendo, marcos que em nossas considerações não foi o que deu fim ao sistema, mas foi a semente de

uma desarticulação pequena, cotidiana, mas que deu contornos aos confrontos que anos mais tarde dariam “cheque mate”, por assim dizer, a muitos faxinais.

CAPÍTULO I

MEMÓRIA E HISTÓRIA: INTERFACES COM HISTÓRIA ORAL

1.1 Considerações iniciais.

Em um trabalho cujo esforço maior foi o de dar voz aos sujeitos que não tinham ainda dado seu ponto de vista na construção da história, como é o caso dos faxinalenses que muito pouco ou quase nada falaram sobre esse movimento que modificou suas vidas dentro de poucos anos, analisaremos teórica e metodologicamente a relação entre história oral e escrita da história, em um primeiro momento em um debate mais rápido, em seguida dedicando-se a um debate mais longo e complexo sobre a fonte da história oral, que é a memória e sua ligação historiográfica.

Sobre história oral podemos dizer que *“a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”*. (Matos, Senna, 2011, p 1)

Vários nomes consagrados já mostraram a importância desse método para a escrita da história. Vejamos o que Paul Thompson diz sobre o assunto,

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Thompson defende seu uso nas mais diferentes áreas, afirmando ainda que seu uso é promissor. Nessa esteira. Entendemos que no caso do faxinal, encaixa-se a memória individual como também portadora da memória coletiva, já que a vida girava em torno de laços de amizade e reciprocidade, mantendo o grupo unido e o mais coeso possível, no mesmo sentido da afirmação de Thompson, para quem *“a memória de um, pode ser a memória de muitos”*.

Uma das maiores críticas ao uso da história oral é de que seu uso é restrito a uma história recente, pois as fontes podem relatar no máximo, em sua memória, um período curto de tempo, que geralmente compreende o espaço de uma vida. Ela pode ser bem utilizada em

pesquisas que se dedicam a períodos mais recentes e necessitam daqueles que viveram ou participaram dos acontecimentos que se deseja estudar.

Sobre esse assunto, ao transformar a história mais viva, pode acrescentar fatos que não se encontram em documentos, ou até trazer outra ótica, como é o caso de nossa pesquisa, onde a história oral é usada de diversas maneiras, desde complementar até o ponto de mostrar visões contrárias aos documentos escritos por documentos oficiais, como os produzidos pela empresa Souza Cruz.

Sobre esses aspectos da história oral e seus possíveis usos, Alberti pode ser bem elucidativa, quando afirma que seu uso pode ser como complemento dos documentos escritos. Vejamos,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas *contemporâneos*, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989: p.4).

Thompson defende seu uso de maneira restrita e que poderá ter uso para períodos mais longos com o passar do tempo, pois uma entrevista com um ex-combatente da 1º guerra, hoje tem mais valor que a 30 anos atrás, mas sua visão sobre o assunto relega à história oral um papel secundário.

Em nosso trabalho ela terá o mesmo estatuto das fontes escritas, sendo utilizada com maior intensidade em momentos do texto, fazendo delas fonte primordial para que os seus portadores sejam vistos como autores de sua história. Na esteira de Thompson, “*Apesar da subjetividade a que a fonte oral está sujeita (...) “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’*” (THOMPSON, 1992: 137).

Assim entendemos que a história oral poderá mostrar como foi todo o movimento da introdução da fumicultura nos faxinais. As memórias coletadas mostram que, por mais que sejam individuais, se ligam ao todo do coletivo, evidenciando fatos de mais variadas escalas de vivência desses sujeitos, permitindo interpretar como eles viam o mundo, seu mundo, o que simbolizou a fumicultura em suas vidas e quais as mudanças que eles julgaram importantes em suas vidas.

Para dar cabo dessa tarefa fizemos algumas entrevistas com as mais variadas personalidades que supomos que poderiam nos dar informações sobre nosso estudo. O

primeiro entrevistado foi o senhor Jaciel Bucco Martins, adolescente nos anos de 1950, sobrinho de Bepe Zem, viu a primeira estufa ser erguida, os primeiros canteiros, enfim a safra inaugural. Como muitos outros adolescentes de sua época, estava descontente com sua condição financeira, como é o caso de seu irmão Acibaldo, que nos surpreendeu com sua aparição durante a entrevista e colaborou em nossa conversa sobre fumicultura, faxinais e, ao final, sobre música, visto os irmãos serem músicos. Seu Acibaldo apareceu na entrevista porque foi ensaiar músicas com o irmão Jaciel.

O segundo aqui nessa descrição é o senhor Arnaldo Rossa, também jovem na época, iniciou a aventura de plantar fumo na sua comunidade, o então faxinal de São João da Palmeirinha. Falou que o motivo de plantar fumo foi dinheiro, o que, segundo ele, o fumo nunca trouxe de fato, porque sempre representou dívidas e muito trabalho.

O senhor Delfino Oliveira, pioneiro do plantio, viveu um bom tempo como agricultor faxinalense e depois se aventurou em algo novo e desafiador, plantar fumo, no que segundo ele foram por quase 60 anos ininterruptos. Na sua visão, o fumo trouxe coisas boas e ruins, como tudo em sua vida. Afirmou que o motivo que o levou a plantar fumo foi o fato de os filhos crescerem e quererem coisas que ele não tinha recursos para dar com a agricultura tradicional e seus pequenos lucros. Grande conhecedor de quase todas as práticas culturais faxinalenses, já deu mais de 50 entrevistas sobre faxinais, e disse que o fumo mudou tudo, tudo, e sua vida também tomou outro rumo. Viveu desde a infância em faxinais e hoje é um dos moradores homens mais velhos do município, pois segundo ele mesmo *“eu cheguei a fazer cercas de valo nesses criador”*. Os valos foram as primeiras cercas e deixaram de serem usados ainda nos anos de 1930.

O senhor Edgard Germano Goebel, do município de Imbituva, foi pioneiro no plantio em sua cidade, mais tardio que os primeiros, todos Rioazulenses, enfrentou por dois anos a negativa de seu pai, que não via com bons olhos o plantio de fumo. Recém casado na época com *“vontade de crescer na vida”*, contrariou o pai, e se aventurou também, pois segundo ele *“tudo era novo e diferente, difícil, mas parecia ser bom”*. Participou efetivamente da vida faxinalense e foi grande fonte de informação sobre o assunto de engorda e venda de porcos.

O senhor Mariano Romanovicz, na juventude, vislumbrando uma vida melhor, migrou para Curitiba, onde não se acostumou, e ao retornar sem alternativas, viu no fumo a saída para continuar vivendo no campo.

O senhor Darci Cozer veio de Santa Catarina para o faxinal Rio Azul dos Soares, onde comprou terrenos e se estabeleceu como plantador de soja. Segundo ele, ao chegar teve grande estranhamento com o faxinal e teve alguns problemas com animais invasores. Veio

para os faxinais porque com o dinheiro de suas terras de Santa Catarina comprou o dobro no faxinal Rio Azul dos Soares.

O senhor José Ludovich, catarinense, empregado da Souza Cruz desde 1954, teve como grande desafio de sua vida implantar a fumicultura nos municípios de Rio Azul e Rebouças. Como técnico, afirma que aplicou muito de seus conhecimentos para ajudar os agricultores. “Picareta” como ficou eternizado nas lembranças, juntamente com seu compadre Irineu Dietrich, também catarinense, ensinaram os faxinalenses a plantar fumo e são até os dias de hoje tidos como pessoas boas e que deixaram saudades.

O senhor Darcy de Carvalho, natural do faxinal Saltinho, em Rebouças, viveu em faxinais até os 20 anos de idade, onde como muitos sem alternativa foi para a cidade buscar melhores condições de vida e, depois dos 40 anos, voltou aos faxinais, agora de Rio Azul, para plantar fumo, e teve sua vida mudada pelo que resumiu uma vez como a maior das prisões que conhecera, pois havia quarenta anos que plantava e achava que não sairia, como de fato não saiu, pois em 2012, ano de seu falecimento, trabalhou a safra toda e afirmava sempre: *“o que o fumo trouxe de bom, trouxe de ruim”*.

1.2 Características gerais da fumicultura e sua introdução nos faxinais.

Depois de apresentarmos os entrevistados seguimos para um debate que traz algumas dessas memórias e cruzamos com outras informações técnicas para debater sobre a relação história e memória, que é de fundamental importância para o decorrer do trabalho.

A produção de fumo no Paraná, assim como no Rio Grande do Sul e em todo o país, tem uso intensivo de mão de obra. O processo produtivo é organizado pelo sistema integrado de produção (SIP), criado em 1918. O Estado do Rio Grande do Sul possui, segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil, AFUBRA, 71.580 produtores integrados na safra 2001/2002, sendo desta data os dados mais recentes.

A coordenação de todo o processo produtivo está a cargo das agroindústrias fumageiras; são elas as responsáveis pelo fornecimento dos insumos utilizados na produção e pela assistência técnica ao produtor. A adoção dessa tecnologia para a produção de fumo requer altos investimentos, em termos relativos, em estufas e insumos. Assim, se não houvesse disponibilidade de crédito para a aquisição desse pacote tecnológico, a produção estaria inacessível aos pequenos produtores.

Com a expansão do consumo de cigarros no mundo todo, principalmente a partir de 1950, inclusive entre os jovens que viam no uso de cigarros uma maneira de liberdade e rebeldia, Os Estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com suas produções, não davam conta de suprir os mercados nacional e internacional, visto que o Brasil era e ainda é o maior produtor de fumo amarelo em folha do mundo, fumo usado para a fabricação de cigarros. Nesse momento as empresas fumageiras fazem pesquisas em todo o território brasileiro para aumentar a produção de tabaco.

Nessa mesma época o Brasil começa a dar os primeiros passos da Revolução Verde e é nesse movimento de modernização das técnicas agrícolas propostas pela Revolução Verde, que modos tradicionais de agricultura foram aos poucos sendo desmantelados. As empresas fumageiras aproveitaram todos os incentivos governamentais para encontrar novos lugares para se produzir fumo.

Para ser implementada a cultura do fumo, o lugar deveria atender alguns pontos, e nas pesquisas técnicas realizadas por empresas como a Souza Cruz, a região que mais se aproximava das exigências estava no Paraná, mais precisamente no centro-sul do estado, área que atendia as exigências de existência de pequenas propriedades com mão de obra familiar, famílias compostas na maioria por descendentes de imigrantes europeus, solos que atendiam as exigências, como solos com restos vulcânicos onde se produziria fumos de melhor qualidade, e florestas inexploradas para a produção de lenha para o uso nas estufas.

A região escolhida era o local da ocorrência dos faxinais. Assim como tantos outros sistemas centenários de produção voltada para a subsistência, eles também foram invadidos pela Revolução Verde, transformando o modo de produção. Os faxinalenses produziram sempre de maneira artesanal, sem uso de adubos e agrotóxicos. Agora, com a introdução da fumicultura, passariam a utilizar técnicas de produção que desconheciam. A fumicultura simbolizava a modernidade, tanto na agricultura como na maneira de conceber o mundo dos faxinalenses.

A fumicultura penetrou no território dos faxinais do município de Rio Azul, em meados dos anos de 1950, mais precisamente em 1958, com a instalação de 11 unidades de cura, conhecidas como estufas. Vieram para o município e região, técnicos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para dar início as atividades, tudo funcionaria como uma escola pois as famílias envolvidas não dominavam as técnicas de cultivo do tabaco, que neste trabalho denominaremos comumente de fumo (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014).

A empresa pioneira a se estabelecer na região foi a Souza Cruz, até hoje maior empresa no ramo de fumo em folha no mundo. Os técnicos reuniam as famílias em dada propriedade e faziam as recomendações possíveis e necessárias para o primeiro ano das lavouras.

Depois disso, no segundo ano, várias outras pessoas se interessaram pelo cultivo, rentável e pouco trabalhoso, isso é afirmado pelos depoentes, que na época consideravam o trabalho com o fumo, mais fácil que com as policulturas, que exigiam muitos tratamentos culturais, carpidas, e o fumo utilizava venenos, o que para eles facilitava muito os serviços. Na atualidade, eles afirmam que com o tempo o fumo se mostrou contraditório, ele exigiu muito mais tempo e trabalho do que eles imaginaram no início. Tendo no início como maior investimento a elaboração das unidades de cura, que consistiam na estufa, no paiol e nos estaleiros provisórios, depois disso era fazer os canteiros no chão e preparar as terras, com tudo financiado pela Souza Cruz (ROSSA, Arnaldo. Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 20 de dezembro de 2013.).

1.3 Problematização da relação entre memória e história.

Os parágrafos escritos acima são aqui colocados como exemplos de duas coisas que geram muitas discussões no campo historiográfico, o debate entre História e memória. O primeiro parágrafo é de um artigo de um grupo de estudos que aparece no anuário brasileiro do fumo de 2009, trabalho elaborado por equipes de profissionais, que unem desde agrônomos a historiadores, já os outros dois parágrafos fazem parte do depoimento do senhor Delfino Oliveira, 93 anos, pioneiro na plantação de fumo no município de Rio Azul, e de Arnaldo Rossa, 54 anos, filho de pioneiros na plantação de fumo em Rio Azul.

A partir destes parágrafos surgem perguntas de difícil solução, como qual dos dois relatos, o do grupo de estudos ou a narrativa dos pioneiros tem maior valor? Existe História sem memória? Depois de escrita a memória não vira História? Memória é para amadores e História para profissionais? Memória é só o relato individual e oral, e a história se ocupa de documentos escritos relativos às coletividades?

Para podermos apontar alguns caminhos para estas questões usamos aqui o que o filósofo Paul Ricoeur pensa sobre o assunto em sua obra “A memória, a História, o esquecimento”, a partir dos apontamentos do professor Aldo Nelson Bona sobre a obra de Ricoeur, em seu livro “História, verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da história”.

Paul Ricouer admite que a temática da memória surge em suas preocupações tardiamente, mas que este é um assunto que, de maneira alguma, pode ser deixado de lado pelo Historiador. Sabe-se que a História dá um lugar central ao sujeito, e, como o sujeito é o portador da memória, esse é um debate central.

Para começar a responder as perguntas, concebemos, assim como Ricouer, que a memória não tem papel secundário neste jogo e nem é algo individual e oral, mas que a memória é como todo e qualquer vestígio deixado para a posteridade sobre o passado. A memória, seja ela individual ou coletiva, liga-se diretamente aos sujeitos, objeto primordial da História. Não se pode negar esse debate com a memória, principalmente quando se trabalha com narrativas memoriais, como neste caso (BONA, 2012, p. 195).

Por muito tempo a História nada mais foi que a transcrição da memória. Heródoto, ao contar suas Histórias, fez uso intensivo unicamente da memória. Ele ouvia as histórias de personagens que viveram o momento relatado ou de outros que ouviram falar e construía suas narrativas. Após Heródoto os Historiadores se dedicaram a registrar a memória dos reis e das famílias nobres. Já na Idade Média, os monges copistas se dedicaram com a memória da vida dos santos e das pessoas ligadas a religião. (CARDOSO, 2005 p. 68).

Pelo exposto pudemos perceber que a História sempre esteve ligada à memória. Mesmo a História dos “vencidos de 70” era também a memória do povo Francês, usada também pelo governo para dar força à identidade nacional. Mas quando a escola dos Annales passa a ter domínio na historiografia existe uma oposição radical, até mesmo por uma questão de firmar um ponto de vista teórico. A escola dos Annales relegou à memória um papel secundário perante a História, isso quando não a exclui de vez. Mas se a História e a memória já andaram de mãos dadas, com o nascimento da historiografia e a História Crítica⁷ isso muda, pois a memória passou a ser coisa de iniciantes memorialistas e a História, crítica, atividade de profissionais, não dava espaço para a memória.

Vários estudiosos já se dedicaram ao debate sobre a relação entre memória e História. Dentre eles, Maurice Halbwachs que, em seu estudo sobre a memória coletiva, postula uma radical oposição entre História e memória, acreditando que a função da História seria anular a memória. A discussão não é nova e nem tem afirmações conclusivas.

Em sua obra “Entre Memória e História”, Nora afirma que as sociedades antigas viviam uma relação diferente com a História Memória, tanto na escrita como na vida

⁷ Entende-se aqui como História Crítica uma tendência da escola dos Annales, pois para essa escola a história não seria o simples ato de narrar, mas criar análises do passado através de séries documentais, fazendo com que a História deixasse de ser descrição pura dos fatos tal qual aconteceram, mas que houvesse uma crítica tanto das fontes, como da elaboração da História e também da atitude do historiador, presente na obra acima citada de Ciro Flamarion Cardoso, um historiador fala de teoria e metodologia

cotidiana, pois eles viviam de maneira a considerar que presente, passado e futuro estão interligados. O passado não havia passado. Isso acontece também entre a memória, tanto individual como coletiva dos faxinais, pois para eles, por mais que a vida tenha mudado, ainda se vive nos costumes do dia a dia igual antigamente, pois para essa visão, o passado está no presente, e ainda é um grande fio condutor das narrativas que a memória traz à tona.

É no século XX que surge um debate sobre o tema e alguns pesquisadores se debruçaram sobre como o ser humano constitui suas memórias. Henry Bergson define que a memória se constitui no corpo e fora dele, pois podemos lembrar de algo que não vivemos nem experimentamos, mas nos contamos e memorizamos, e também aquela memória que é do corpo, aquela que experimentamos, como exemplo que aqui citamos nas narrativas faxinalenses em torno da fumicultura, alguns depoentes mais jovens relatam fatos que eles não viveram, mas ouviram e por isso fazem parte da sua memória. Para Bergson rememorar e memorizar são fenômenos diferentes, mas que constituem a memória (BERGSON, 1999, p. 76).

Maurice Halbwachs, em sua obra “A memória coletiva”, faz uma diferenciação entre memória individual e coletiva, chamando a atenção para o fato de que toda memória individual faz parte da memória coletiva e que existe a partir da memória coletiva. Para o autor, dependendo das experiências do sujeito na coletividade, é que ele formará sua memória, isso mostra, para esse autor o quanto a memória é afetiva e sentimental, desqualificando-a perante a História (BONA, 2012 p. 203).

Mas a memória sempre é coletiva, se constrói através daquilo que a coletividade pensa, por mais que o sujeito tenha experiências outras à memória do grupo que ele pertence. A memória coletiva apresenta-se como um rio que alarga seu leito ao longo de seu curso sobre uma linha contínua, enquanto a História corta, recorta períodos e privilegia as diferenças, as mudanças e outras discontinuidades.

Essa afirmação para a visão de História de sua época não está errada, pois a História secciona os temas. Por outro lado é escrito em uma linha temporal que se diz contínua, ao passo que privilegia a memória de uns e coloca de outros em descrédito. Mas a História nesse período, para demarcar sua área de saber, diz ser científica, coisa impossível à memória, que aceita tudo, que todos os que dividem uma memória em comum podem contribuir com sua memória, suas lembranças, sem se preocupar com cientificidade muito menos com verdades, é algo comum, cotidiano ao passo que a História encontra-se na vertente da separação teórica, A disciplina histórica encarna, portanto, "um saber abstrato" (Ibid., p. 120) indispensável para restituir o passado fora da dimensão do vivido (DOSSE, 2003, p 280).

Se pensarmos como Halbwachs, se a memória do sujeito se forma na coletividade em que ele vive, isso reforça muito mais a questão de a fumicultura permanecer nas memórias, mesmo daqueles que não viveram o processo fazem dele algo a ser lembrado e glorificado, pois para um dos depoentes, seu Delfino Oliveira “ *no começo era muito difícil, as coisas eram diferentes, tinha que preparar as terras com arado de cavalo, gradear, fazer os murchão⁸ com aleirador, plantar na mão ou enxadinha*”, esse depoimento é de um senhor que viveu a implantação da fumicultura, sua memória estará ligada ao seu cotidiano e de seu grupo, ela também é por ele compartilhada (DELFINO, 2014, p. 3).

A memória hoje é tratada de forma a ser algo mantido e preservado, pois o futuro não assusta as pessoas, mas o passado sim. Em uma sociedade em que tudo é descartável as pessoas têm medo de perder suas origens. Em muitos pequenos municípios em que ocorre a fumicultura, muitos memorialistas escrevem livros usando somente como fonte a memória, deles próprios e daqueles que tem algo a contribuir, mas esses escritos não seriam de forma alguma aceitos como narrativa histórica pela comunidade dos Historiadores, para quem a discussão sobre o uso da memória para se fazer História é muito mais rigorosa, até pelo fato do trabalho do historiador seguir regras específicas de criação, o que a torna ciência, e por mais que os dois trabalhos se utilizem da memória como fonte, são trabalhos com finalidades diferentes.

Mas essas memórias que surgem muito mais do apreendido do que do vivido, como diz Halbwachs, trazem uma dificuldade para uso científico da memória, pois são subjetivas e por mais que se defenda a História como subjetiva, tudo aquilo que seja subjetivo demais não é aceito. Mesmo em plena época das incertezas, em nosso fazer historiográfico ainda reina um certo preconceito com a suposta ameaça à cientificidade que trabalhos que se utilizam apenas da memória para serem escritos.

Halbwachs, em sua Cientificidade Positivista, defendia a impossibilidade de a memória ser científica por causa da sua subjetividade. Como algo que não segue regras não poderia ser uma física social, mas a História encontra-se, portanto, relegada a uma temporalidade puramente exterior, um tempo de fora, simples concha vazia e puro receptáculo do vivido existencial (HALBWACHS, 1994, p. 194). Nesse ponto a História era capaz de construir uma física social e, por ser objetiva, escrita por alguém de fora, tinha a possibilidade de cientificidade, seguindo os métodos da História positivista.

Esse embate perpassa a questão da subjetividade e vai ao ponto da História científica ameaçar a existência da memória, e por isso ocorre um processo, iniciado em meados do

8 Murchão é o nome dado pelos fumicultores do Paraná as leiras de fumo, tecnicamente chamado de camalhão

século XX, de total oposição entre História e memória, quando a História procura constituir-se como elemento erudito, longe das informalidades da memória e da oralidade, mas baseada em vasta documentação, série de documentos que possibilitariam uma análise profunda dos fatos que aconteceram, gerando assim um papel secundário à memória.

Mas essa luta tem altos e baixos. Por mais que a História busque sempre a erudição, em certos momentos a memória ganha destaque, como em momentos de pós-guerra, quando ocorreu pós segunda guerra mundial. A História escrita não dava conta das angústias das pessoas, e a memória daqueles que estiveram diretamente envolvidos foi de grande valia. O depoimento daquele que sentiu os acontecimentos era, nessa época, insubstituível. Podem existir mais de mil teses sobre o holocausto, mas nenhuma poderia retratar melhor o que aconteceu que a memória de um sobrevivente dos campos de concentração.

Nora afirma que nas sociedades de midiatização ocorre um desaparecer da memória, uma desvalorização da mesma pelas novas gerações que pouco se importam com a memória, pois ela se refere a tudo o que já se passou e a atenção deve estar voltada ao que está por vir, como as novas tecnologias.

A dificuldade de aproximação entre uma e outra vai ao encontro com o que nos diz o historiador Nora, para quem “enquanto a memória vincula-se ao passado vivido ligada a lembranças e esquecimentos e passível de manipulações, a História é a reconstrução sempre incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 7-28). A memória é por excelência um reviver do passado e está em constante reelaboração, por isso é de domínio do presente. A História é passível também de reelaboração mais ela pertence ao passado, e ao que parece a História não é tão viva como a memória, ela demora mais para ser rescrita e ser aceita como verdade.

Até mesmo dentro das comunidades tradicionais existem memórias diferentes sobre o mesmo fato e isso não muda a veracidade do acontecido, talvez seja por isso, pelo estatuto de verdade que uma e outra pode assumir que existe certa desconfiança da História pela memória.

Por mais jovem que esta pesquisa seja, traz algumas questões ainda nesta temática, pelo exposto que até aqui. Vimos que de uma fusão total nos tempos de Heródoto, até a radical oposição do século XIX e XX, a História sempre se alimentou da memória. Através do pensamento de Ricoeur (RICOEUR, 2007, p. 455) que existe uma interdependência entre uma e outra vale perguntar, por que tanta confusão? Não seria um posicionamento quase mesquinho por prestígio e poder, pela possibilidade de marcar um campo?

Partindo dessas indagações vamos ao encontro da afirmação de Nora “tudo que hoje é chamado de memória, não é, portanto, memória, mas já História”. (NORA, 1993, p. 7).

François Dosse afirma que a relação e o debate não são tão simples como aparenta ser, mas vai muito além, são complexos e complexificadores. Não podemos nem assumir a postura de total fusão como os primeiros Historiadores, nem pensar em impossibilidade de relação entre memória e história. Nora afirma que estas visões estão em vias de mudança, nem uma História crítica nem uma História totalmente desprovida de crítica aos documentos.

Nora afirma que a História oral é uma possibilidade de união com a memória. Esse nosso texto pretende usar memória oral e arquivística de modo a conciliar as fontes escritas com as fontes orais que trazem testemunhos acerca dos momentos da transição de um modo de vida tradicional para outro de onde se passa a pensar de maneira capitalista. A fumicultura faz parte de um processo maior que se denominou revolução verde, não é tão simples o fato das empresas terem buscado o centro-sul do Estado do Paraná para a implantação da fumicultura, antes houve vários estudos para se chegar a conclusão que esse era o local mais apropriado.

O consumo de cigarros aumentou muito no século XX, e o Brasil que já produzia tabaco desde antes da chegada das naus portuguesas, intensificou sua produção a partir dos anos 20 do século passado nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o passar do tempo esses dois estados já não conseguiam produzir o suficiente para dar conta da demanda cada vez maior e crescente, e em estudos realizados por todo o território nacional, a região centro-sul do Paraná foi a escolhida por atender alguns requisitos como pequenas propriedades com mão de obra familiar, e com específico tipo de solo, além de a população ter origens europeias, com mais predisposição a ter sucesso na nova empreitada (DIETRICH, Irineu Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 16 de dezembro de 2013.).

As possibilidades de escrita da história desse período estão tanto nas memórias das empresas que acreditam terem trazido o progresso para a região, como também nas memórias daqueles que viveram um dos momentos mais críticos da identidade faxinalense. Este trabalho se pode ser visto como um trabalho que se insere na História do tempo presente, e privilegia a memória, em forma das narrativas que os faxinalenses construíram sobre esse fato. Olhando assim a complexidade da memória e sua imensa contribuição para a escrita da História, por mais que a reviravolta historiográfica traga muitos novos sentidos, não podemos fugir de alguns critérios, mas não podemos separar totalmente uma da outra nem uni-las a ponto de não podermos distingui-las. Acatando assim o pensamento de Dosse, de pensar a História e a memória em toda sua relação complexa e complexificadora, em suas palavras “*Os recentes*

estudos da História social da memória demonstram a que ponto essa oposição canônica entre História e memória não é pertinente. A própria aproximação dessas duas noções lembra a dimensão humana da dimensão histórica ...” (DOSSE, 2003, p. 284), a constatação de Nora mostra que não há um problema tão grande ao se trabalhar o tema e que uma História a partir da memória une o tempo histórico ao tempo humano, objeto primordial da História.

Neste ponto a História faz aquilo já apontado acima, secciona, reparte, cria diferenciações dentro da mesma memória, para dar-lhe estatuto de cientificidade no sentido do que nos propõe François Dosse: a História é a reconstrução problemática e incompleta do que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno; a História é uma representação do passado (DOSSE, 2003, p. 282)

Prost, em seu livro “Doze lições sobre a História”, concebe que a história desenterra o fato, ao passo que cria um túmulo para depositá-la. Se pensarmos assim, podemos afirmar que a história captura a memória e faz sua erudição, dando luz à história, mas depois a coloca nas gavetas dos livros prontos, das teses defendidas e ela ficará lá para sempre, quase que sepultada, revisitada sempre que um novo pesquisador necessita de bibliografia para seu trabalho, apesar de na era da internet todos os trabalhos estarem on-line.

A História acredita ser o momento de a memória ser guardada e transformada em História ganhando um novo status, mas se pensarmos que a memória

[..]é a vida, sempre levada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em evolução permanente, aberta e dialética da lembrança e da amnésia,' inconsciente de suas sucessivas deformações, vulneráveis a todas as utilizações e manipulações, suscetíveis de longas latências e súbitas revitalizações (DOSSE,2003, p. 285).

A memória dos grupos humanos é algo sem fim, pois é exterior ao sujeito. Mesmo que um dos portadores da memória venha a faltar, outros dão continuidade à sua memória, pois muitos daqueles 30 homens que estavam com o senhor Delfino naquela ocasião aprendendo a plantar fumo, já faleceram. A sua memória continua nos companheiros e nos filhos e netos que ouviram a História, a registraram em sua memória e a repassam aos seus descendentes. A memória não tem fim.

A História, com sua cientificidade, não pode ser apenas uma descrição da memória, visto que ela não tem isso como única finalidade, mas também de analisar os fatos, desdobrar os discursos, romper com racionalidade linear e ver como as verdades históricas são criadas e aceitas.

A reviravolta historiográfica, a partir dos anos de 1970, abre a possibilidade de novos tratamentos da memória pela história. Ricoeur, com sua postura de conciliador de figuras opostas, diz que devemos cuidar para que haja uma política da justa memória: nem uma exacerbação da memória nem esquecimento total, nem superposição de uma pela outra. A história não elimina a memória. (BONA, 2012, p. 211)

Nora também afirma que existe uma possibilidade de uma visão mais complexa da questão no que diz respeito ao que Ricoeur defende também, que não haja uma destruição da memória pela História nem uma junção em qual não possamos definir um campo do outro. Para Dosse

A via está aberta a uma outra História; não mais os determinantes, mas seus efeitos; não mais ações memorizadas nem mesmo comemoradas, mas o vestígio dessas ações e o jogo das comemorações; não os acontecimentos por si mesmos, mas sua construção no tempo, o apagar e o ressurgir de suas significações; não o passado tal como aconteceu, mas seus reempregos sucessivos; não a tradição, mas a maneira pela qual é constituída e transmitida (DOSSE, 2003, p. 285).

A postura reconciliadora de Ricoeur lembra que essa História pode ser escrita de maneira diferente, com respeito à memória, sem superposições. Ele procura responder duas questões principais: de que há lembrança? De quem é a memória? Para ele a memória se faz de lembranças, mas há dúvidas quanto o que deve ser lembrado e o que deve ou pode ser esquecido. Na esteira dessas perguntas se faz necessário a nós também perguntarmos sobre nosso objeto de pesquisa, os faxinais.

Como anda o processo de memória, lembrando que não entraremos aqui no mérito da discussão sobre imaginação e memória, apenas dando conta de que Ricoeur faz a distinção entre as duas, afirmando ser a imaginação algo direcionado ao irreal ao fantástico, ao possível e ao utópico, já a memória dirige-se a uma realidade anterior, pois a anterioridade é a marca temporal da coisa lembrada. (BONA, 2012, p. 214).

1.4. A memória como fonte para a escrita da história da fumicultura nos faxinais.

Nesse momento se tenta fazer um diálogo entre memória e História, saber que a memória é, como já dito anteriormente, produzida pelos sujeitos e agrega-se aos grupos. O mesmo sujeito cria muitas memórias que se evidenciam em narrativas, como é o caso do depoimento do senhor Delfino,

[...].isso já era no segundo ano, o Jose Picareta reuniu mais de trinta homens e foi nas estufas do falecido pai do Juca Saqueto, ensiná como é que fazia as coisa, é rapaz tinha que aprender, pois ninguém conhecia... nós só conhecia o fumo de corda, que nós fazia pra nós mesmo né... depois aprende o José tava direto em cima, na hora de semear os canteiros era ele, de corta a flor era ele... nas secança⁹ ele chegava de noite vê se o caboclo tava cuidando do fogo...(OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.).

Imagino se tivesse a oportunidade de conversar com todas essas pessoas que estavam lá tendo aula para aprender as técnicas de plantar fumo, quantas memórias únicas, mas que também pertenciam ao grupo de faxinalenses que no segundo ano se aventuraram em um terreno desconhecido e perigoso, plantar fumo (ROSSA, 2013, p. 2). A memória traria muitas diferentes informações, pois ela liga-se totalmente ao testemunho oral. Contrapor essas memórias a alguns escritos de técnicos agrícolas da época é algo a ser feito em um estudo de maior fôlego, porque não é possível dar conta disso no tempo de uma dissertação.

Como já dito anteriormente, os faxinais se incluem na categoria de povos tradicionais. Em 2007, através da lei 15.673/2007, por suas especificidades, tais como o uso comunal das terras para criação de animais a solta, suas relações com a terra, com as divindades, com o sobrenatural, foram reconhecidos como tal, mas também lhe cabe a categoria de povo ágrafo, povo de cultura oral, sua História sua memória são fundamentalmente orais.

Para alguns pesquisadores, o sistema faxinal está em colapso. O trabalho da pesquisadora Chang¹⁰ já dizia que o sistema estava entrando em colapso há mais ou menos 25 a 30 anos, por vários fatores, dentre eles a maciça invasão do agronegócio, tese defendida também por Maria Magdalena Nerone¹¹, que diz que esse processo foi em alguns casos aceito pelos próprios faxinalenses, mas suas memórias nunca foram sistematizadas, como por exemplo, suas origens, nunca tiveram um estudo sistemático.

Mas nos últimos anos o que pesquisadores ligados ao tema, concentrados principalmente nas universidades estaduais do Centro-Oeste do Paraná e de Ponta Grossa, têm mostrado é um fortalecimento das tradições dos sistemas ainda existentes e a organização dos sistemas que ainda estão se desagregando, além da busca de reorganizar antigas tradições,

9 Processo de cura das folhas colhidas do tabaco, que eram colocadas na estufa e passavam por um processo de cura que consistia em fazer fogo em uma fôrnelha na própria estufa, e cuidar das diversas etapas, que iam da amarelacão, murchamento. Secagem da folha e secagem dos talos.

10 Para mais informações consultar CHANG, Man Yu. "Sistema faxinal": uma forma de organizacão camponesa em desagregacão no centro-sul do Paraná. Boletim Técnico n° 22. Londrina: IAPAR 1988

11 Para mais informações consultar NERONE, Maria Magdalena. "Terras de plantar-terras de criar - Sistema Faxinal: Rebouças-1950-1997. Tese de doutorado em história, UNESP\Assis, 2000.

como as rezas em louvor a São João Maria e São Roque no faxinal de São João da Palmeirinha, contrariando as previsões dos pesquisadores do faxinal dos anos 1980 e 1990 (CAMPIGOTO E CARVALHO, 2011, p. 14).

A história das origens, como é típico das sociedades ágrafas, ficou na memória e os portadores das memórias mais antigas estão com a idade avançada. Ainda não há uma sistematização dessa memória pela História. Como o sistema se adapta às mudanças, a sociedade midiaticizada, os jovens não estão fazendo o processo da sistematização da memória e se não houver um trabalho maior de sistematização dessa memória logo, pode-se perder muito mais do que já se perdeu.

Nora afirma que a midiaticização da sociedade moderna está acabando com as sociedades de memória, fato que pode ser constatado nos faxinais. Para ele, caso isso acontecer, lacunas se formarão.

Pensem na mutilação sem retorno que representou o fim dos camponeses, esta coletividade-memória por excelência, cuja voga como conhecimento da História com o apogeu do crescimento industrial, esse desmoronamento central de nossa memória...o mundo inteiro entrou na dança, pelo fenômeno bem conhecido da mundialização, democratização, da massificação, da midiaticização. (NORA, 1993, p. 8).

Para o contexto do nosso estudo essa afirmação de Nora é motivo de preocupação, pois ninguém acreditava que as sociedades rurais europeias tradicionais fossem desaparecer em menos de um século depois da grande revolução industrial, mas isso aconteceu. Houve casos, como na França em meados do século XX, em que se tentou uma busca pelo típico francês-gaulês rural, mas essa empreitada tornou-se quase impossível, pois as memórias sobre eles haviam quase que desaparecido.

De certo modo, vemos esse fenômeno ocorrer nos faxinais, pois jamais se pensaria que aquilo que era comum às pessoas, a vida baseada na criação de animais a solta e agricultura de subsistência, fosse suplantada por novos meios de se produzir, e que os costumes centenários fossem deixados de lado. E que houvesse a busca dessas tradições, mesmo que muitas vezes por pessoas exteriores ao sistema.

Essa busca não se compara a busca francesa do típico francês originário, pois no Brasil seria difícil pensar nesse ser originário, mas a busca advém de políticas públicas de afirmação das minorias, que tem início com as comunidades negras, os quilombolas, depois indígenas e todas as outras comunidades tradicionais.

No momento atual de desvalorização das tradições, frente às inovações tecnológicas no mundo todo, podemos pensar que a memória dos faxinalenses pode ser inserida em uma memória quase em meios de extinção, principalmente pela perda dos costumes, pela nova reinterpretação dos antigos costumes. Não que isso seja ruim para esses povos, pois eles não devem parar no tempo e viver como há cem anos. Eles têm o direito de usufruir das novas tecnologias.

A preocupação quanto a memória é relegada a dois setores: a comunidade antiga, que vê com tristeza, suas tradições serem deixadas de lado pelos mais jovens, que preferem o celular e a internet, redes sociais a aprender seus costumes tradicionais; e a comunidade de historiadores que se dedicam ao estudo do tema.

A preocupação dos historiadores que se dedicam ao estudo da cultura e da memória e o fato do olhar de alguns deles estar voltado aos faxinais, deve-se aos faxinais serem uma fonte muito grande de informações para a escrita da História de povos que dela foram excluídos ou nunca tiveram papel central, como ocorre com várias outras comunidades tradicionais, tais como indígenas, quilombolas e ribeirinhos, grupos estes que têm o mesmo problema dos faxinais: a perda eminente de sua memória, para que se possa escrever sua História, mostrando assim sua importância como atores sociais.

A reviravolta sofrida pela historiografia lança novos olhares a temas antes deixados à margem da escrita da História, como é o caso da memória que se elabora de muitos modos e não é tema só da História, mas de várias outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, procuraremos fazer agora uma discussão sobre como se processa a memória em seus portadores.

A memória se elabora pelo lembrar e o esquecer. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche diz: *"É possível viver, mesmo viver feliz, quase sem nenhuma memória, como o demonstra o animal, mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento"* (DOSSE, 2003, p. 295).

Essa afirmativa traz muitas questões para quem trabalha com a memória, pois se como alguns outros autores aqui já citados, principalmente do século XIX, que afirmavam ser a memória algo com linearidade, o esquecimento não poderia ser uma quebra a essa linearidade?

A memória se divide em consciente e subconsciente e ao serem provocadas pelo processo de rememoração as memórias afloram, surgem, mas o esquecimento se faz necessário simplesmente pela impossibilidade de se lembrar de tudo a todo tempo. Há aqueles esquecimentos que são propositais, ligado a tudo o que faz gerar emoções negativas, que não

é bom de ser lembrando e isso não acontece somente com memórias individuais, mas pode acontecer com memórias coletivas, como é o caso sobreviventes dos campos de concentração nazistas, que Michael Pollak descreve como bloqueados entre a raiva de transmitir e a impotência de comunicar. (DOSSE, 2003, p. 294).

Depois de um trauma imenso como o vivido por esses sujeitos, além de todos os problemas psicológicos que podem ser gerados, por certo eles podem necessitar de um tempo de silêncio, para conseguir entender o que aconteceu. Quando se perde um ente querido, precisa-se de tempo para o luto, para entender o que aconteceu, procurar aceitar, para passar a conviver com a falta, mas esquecer, apagar como se passa a borracha por cima de um manuscrito errado, dificilmente. Lembrar da falta machuca e poucos gostam de lembrar.

Sobre isso, como a memória processa o luto e o esquecimento, Dosse coloca que esse movimento de rememoração pela lembrança e pelo distanciamento, pelo trabalho do luto demonstra que a perda e o esquecimento estão no centro da memória, para evitar-lhe perturbações (DOSSE, 2003, p. 296).

A memória é algo extremamente complexo, mas é fonte primeira para o trabalho com povos sem memória escrita, como os faxinalenses. Os silêncios, sejam como forem, devem ser respeitados, como é o caso dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, ou pelos faxinalenses que criam sua memória sobre a fumicultura e um momento de transição de identidades, considerando todas as ressalvas sobre as duas situações, uma de trauma, de dor e sofrimento, e a outra de mudança de horizontes e adaptações a novas condições.

Os silêncios devem ser respeitados pois fazem parte desse processo. Por mais que não tenhamos feito aqui discussões sobre a questão das metodologias da História oral, apontamos que muitas vezes os silêncios, as paradas, as feições, podem dizer muito mais do que o falado, e nós devemos dar atenção e estar atentos a esses momentos que também trazem muitas informações, indícios de acontecimentos que merecem atenção, e saber que fazem parte da constituição da memória exteriorizada em narrativa verbal.

Esses esquecimentos, como já falado, trazem informações preciosas além de que são parte da memória, como um processo que une lembrar e esquecer. Nora traz essa discussão ao citar Teodorov que afirma que a memória é inseparável do trabalho do esquecimento... "*A memória não se opõe ao esquecimento. Os dois termos que contrastam são o apagar (o esquecimento) e o conservar; a memória é sempre e necessariamente uma interação dos dois*" (DOSSE, 2003, p. 298).

A memória se faz dessa interação e não devemos abrir mão de uma fonte tão rica para a escrita da História. A memória é, no entender de Ricoeur, um fazer do homem capaz,

criador de sua história, além da possibilidade de o presente poder ter um contato mais vivo com o passado, trazendo a possibilidade de o passado não ser encarado como algo a ser ultrapassado. Dosse afirma que a memória, longe de ser um simples fardo que deve ser carregado pelas sociedades do presente, pode tornar-se a mina de sentido com a condição de reabrir a pluralidade das memórias do passado e de explorar a enorme fonte dos possíveis não averiguados (DOSSE, 2003, p. 290).

Mesmo em se tratando de temas já abordados, a memória sempre pode suscitar novas situações cotidianas de grande valor para a História. Para o nosso estudo, ela é uma fonte quase que infindável para conhecer o mundo faxinalense.

Ricoeur, ao propor a política da justa memória, chama a atenção para a necessidade de se evitar tanto a supervalorização da memória quanto o excesso de esquecimento. Pensando em metáforas, podemos afirmar que tudo o que se ingere em excesso pode prejudicar nosso organismo, mas se essa substância também não é ingerida em quantidade suficiente, também pode fazer mal, assim também ocorre com a memória, seu uso deve ser comensurado, nem com abusos nem com faltas. Temos que saber que assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo (RICOEUR, 2007, p. 459).

Outro ponto de grande interesse no debate de Ricoeur é sobre nos avisar quanto aos esquecimentos que se ligam a jogos de poderes, que na construção da narrativa a História autorizada acaba por se fazer muito mais poderosa, e acaba até negligenciando outras formas de memória. O poder atravessa todas as instâncias, autoriza o que pode ser lembrando ou ser esquecido.

Ricoeur chama a atenção para que não nos neguemos a enfrentar o debate, mas que o Historiador aceite que há um forte vínculo entre História e memória, pois a memória é referência sobre o passado, apesar de todos os problemas a que ela possa ser colocada, como seu eterno refazer-se, mas isso também mostra sua vitalidade sua capacidade de se regenerar, de poder criar verdades.

Os faxinais podem ser classificados como lugares de memória, apesar de todos os problemas enfrentados para a manutenção de seus modos de vida e produção. Memória que se reconstrói e passa por diversos usos, desde aqueles do final dos anos 60 e começo dos 70 do século XX, em que o faxinal era encarado como uma coisa a ser transposta, que seu atraso deveria ser o quanto antes substituído pelo progresso trazido pela revolução verde, aos momentos de iniciação de uma nova forma de produção que alterou o conjunto das relações estabelecidas nos faxinais.

Foi na esteira do discurso sobre o atraso da vida faxinalense que as empresas fumageiras, apoiadas pelos órgãos governamentais, trouxeram a plantação de fumo para esses territórios e instalaram algo até então desconhecido pelos faxinalenses na prática, o uso de agroquímicos. A utilização dos adubos e depois dos agrotóxicos, com alto poder de toxicidade, trouxe muitos problemas, pois não eram usados com as devidas precauções, até mesmo pela falta de consciência de sujeitos que jamais viram ou usaram produtos semelhantes. Fato que ocorreu em uma época que as empresas não tinham em suas políticas a preocupação com o bem-estar dos produtores.

Nesse momento, tanto a memória documental, como a memória viva acentua bem um momento de crise, onde já não é mais possível ser agricultor tradicional, mas não se sabe direito o que é ser plantador de fumo, e nesse momento que as empresas usam maciçamente propaganda, para através do desejo e da sedução convencer os ainda refratários a se dedicarem a plantar fumo.

Como Nora afirma, os lugares de memória mudam, como foi o caso da França e sua revolução libertadora e como está sendo o caso dos faxinais que começam, hoje, a reconstruir sua memória, agora saudosa de um tempo bom em que a vida era mais calma, tinha-se mais tempo para se viver na companhia de amigos e vizinhos, realizar as rezadas, os puxirões. Os mesmos órgãos que há mais ou menos cinquenta anos escreveram uma memória de rebaixamento do sistema, hoje lutam para a sua manutenção, criando assim o faxinal como uma nova memória agora positiva.

Isso traz muitas evidências, tais como afirma Nora. O faxinal é um lugar de memória, de memória sobre ele e memória dele próprio. A memória se refaz, é viva e múltipla trazendo sua vivacidade, e outro mais intrigante, nos possibilitando olhar a memória como uma região simbólica¹², onde se operam poderes, como expostos acima, em menos de 60 anos atrás como algo a ser deixado para trás, e hoje algo que deve ser preservado a qualquer custo, mesmo que por força de lei.

Região de lutas e disputas de poder. Se na época da revolução verde o embate era para não plantar fumo e o discurso dominante era para produzir algo que pudesse trazer renda e tirá-los do atraso, hoje se constitui em transformar o faxinalense em um agricultor de produtos tradicionais novamente. Ele, agora seduzido e, muitas vezes, endividado, luta para continuar a plantar fumo. A Saúde Pública que dizia que criar animais à solta era prejudicial e os alimentos eram fracos para a alimentação humana, hoje fala que plantar fumo é prejudicial

¹² Utilizamos esse termo com base nos estudos de Pierre Bourdieu em sua obra o poder simbólico, e também através das discussões feitas nas disciplinas do PPGH do campus de Irati da Unicentro, e também com base nas produções do mesmo PPGH.

à saúde. Assim, os grupos em luta vão refazendo suas memórias para dar suporte às suas posições, mostrando o poder também político que a memória pode ter.

A memória, no contexto dos faxinais, constitui-se em estratégia de defesa de interesses diversos, como por exemplo, a busca das tradições, ou a ultrapassagem de uma vez por todas desse sistema, coisa difícil de acontecer, pois o desenvolvimento destruiu os criadouros comunitários, mas não destruiu as carneanças¹³, as novenas, o puxirão, enfim costumes centenários. O faxinal tem se revelado um território de mudanças e permanências.

A postura reconciliadora de Ricoeur diz muito sobre esse debate da questão História e memória. Não devemos fazer como os Historiadores do período clássico até as monarquias memorialistas, que tinham como base na construção do saber histórico a memória, período onde se buscava na memória uma origem para o povo. Mas sua relação não pode ser também de apagamento da memória pela História crítica, que na busca de uma cientificidade que lhe garanta um campo de atuação, coloque a memória como algo do povo, sem historicidade, nem cientificidade.

Ricoeur apresenta as duas esferas como dialógicas, como complementares, a memória como fonte essencial para a escrita da História, e a História crítica é de fundamental importância para uma sistematização da memória e seu melhor aprimoramento. Não que haja a exacerbação da memória, como em períodos do pós-guerra, mas nem a anulação de uma por outra. Para isso em uma pesquisa que pretende contemplar as narrativas memoriais sobre um momento único na História do sistema faxinal, deve-se ter o cuidado de não dar conta só das memórias, mas também não realizar só um trabalho de crítica das fontes.

É necessário levar em consideração como essa memória se forma e é exteriorizada em documentos e depoimentos, contemporâneos e posteriores sobre esse fenômeno que traz uma mudança, talvez única para a História e funcionamento do sistema, como foi a introdução da fumicultura, pelo processo de modernização agrícola proposto pela Revolução Verde.

Como nos ensina Bona, em consonância com o pensamento de Ricoeur, longe de serem opostas, História e Memória são complementares e exercem, uma sobre a outra uma fecundação recíproca (BONA, 2012, p. 234). “Longe de se fundirem, a memória é para História a sua matriz, enquanto a História é para a memória, por seu espírito crítico, a condição de sua existência regulada” (RICOEUR, 2007, p. 505).

O processo de mudanças provocadas pela Revolução Verde nos Faxinais precisa ser historicizado e uma das fontes para tal é a memória dos sujeitos que viveram esse processo.

¹³ Carneança é o abate de animais de grande porte onde os vizinhos são convidados a participar do abate e depois da festa, revivendo momentos comunitários, dos tempos antigos, só para citar um exemplo.

Por isso, o levantamento dessas memórias é de fundamental importância para a escrita da História desse período, para possibilitar a abertura de um campo maior de visão sobre todos os fenômenos que tornaram possível a fumicultura nos territórios faxinalenses.

Para isso a postura de Paul Ricoeur de união dos opostos, de uma visão mais complexa entre História e memória é de fundamental importância.

Partindo desse pressuposto, através das memórias narradas sobre os faxinais e sobre a implantação da fumicultura em seus primeiros anos, nosso intuito nesse trabalho é o de sistematizar parte dessas narrativas e submetê-las à crítica para escrever a história. Criar a narrativa histórica baseada nas memórias dos sujeitos que vivenciaram os fatos ou que deles ouviram falar, juntando memória individual e memória coletiva.

1.5. Reflexos da mudança de olhares na pesquisa sobre faxinais.

Como nos afirma o professor Aldo Nelson Bona em sua obra “História, verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da história”, no campo da teoria da história, a segunda metade do século XX é profundamente marcada por posturas críticas em relação à história científica. Nessa esteira podemos citar autores tanto do campo da própria história, como Pierre Nora, Roger Chartier e outros, como da filosofia, como Friedrich Nietzsche, Jürgen Habermas e Paul Ricoeur, este último, de modo particular, muito alinhado a uma perspectiva hermenêutico-fenomenológica.

Nessa perspectiva a história é construída como algo mais vivo, ligada ao cotidiano, dando espaço às diferentes vozes implicadas em um determinado fenômeno. Essa postura vai no sentido oposto de olhar o acontecimento como coisa única, ou como fenômeno binário, que cria ganhadores e perdedores, privilegiando sempre os discursos dos ganhadores, extinguindo, assim, a voz daqueles que ficaram à margem da nova verdade criada pelos ganhadores.

Trata-se de uma postura epistemológica que não se acomoda em receber como verdadeira a história reducionista contada a partir da perspectiva dos vencedores, mas busca analisar o maior número de acontecimentos possíveis de um dado momento histórico estudado, buscando saber como esse fenômeno assumiu as proporções que tem.

Nosso estudo sobre a fumicultura nos faxinais, nessa perspectiva, requer um olhar atento a todos os discursos sobre este fenômeno, analisando quais são as rupturas promovidas, os conceitos e práticas que foram marginalizados pelo discurso dominante e observando que

nem todos os faxinalenses se envolveram com este novo cultivo, ou que alguns não se envolveram de todo; que muitos resistiram bravamente à fumiicultura e que, por isso, foram marginalizados; que aqueles que não se adaptaram e desistiram, ficaram à margem da sua comunidade e foram vistos como derrotados. Este deve ser o esforço do hermenêuta: trabalhar com as descontinuidades do discurso oficial e ver por que elas não apareceram ao longo da história.

Nessa mesma esteira de discurso cabe uma breve, mas fundamental discussão sobre os usos do termo “faxinal”, pois este também é inserido em um debate, em que sobre si criam-se ganhadores e perdedores, chegando muitas vezes ao ponto de dar nova nomenclatura, pois faxinal só é faxinal tal qual se conhece e tanto se fala hoje por causa de pesquisas e da intervenção acadêmica, que ao se interessar por um tema, secciona, reparte, recorte, nomeia e dá contornos desejáveis ao todo de seu objeto pesquisado.

Sobre os usos do termo faxinal, a pesquisa que resultou na dissertação de Regiane Maneira tem muitas informações que ajudam a desvelar o uso de faxinal na sociedade iratiense ao decorrer de, pelo menos, duas décadas. No seu trabalho, ela dedicou uma boa discussão sobre qual foi o uso do termo ao decorrer do tempo e quais os agentes que dele fizeram uso (MANEIRA, SOCHODOLAK, 2013, p 53.)

Maneira encontra em escrituras de compra e venda o uso do termo “fachinal”, para designar as terras que não eram para as lavouras, mas que não delimita bem se seu uso era para criar animais em sistema extensivo. O uso do termo faxinal, agora com X, era ainda presente nesse mesmo tipo de documento, encontradas por nossa pesquisa, escrituras de compra e venda mais de cinquenta anos depois das escrituras por ela analisadas. A escritura de compra e venda do ano de 1992 que envolve um terreno de quatro alqueires na comunidade de Palmeirinha, onde o comprador Darcy de Carvalho “adquire uma área de quatro alqueires de faxinal e erval de Jose Antoschievcz” mostra que o termo era usado para designar terras as quais não tinham como função produzir gêneros, quaisquer que fossem (MANEIRA, SOCHODOLAK, 2013, p 30).

Em seguida ela busca mostrar como o faxinal foi visto pela prefeitura, que buscou criar leis e regulamentar esses terrenos, e também o olhar higienista de um médico, Lourival Fornazari, quando afirmava que a vida dos moradores do distrito de Itapará - Irati, eram um perigo para a saúde pública (MANEIRA, SOCHODOLAK, 2013, p. 37).

O discurso iniciado por Fornazari segue por muitos anos, aonde a maioria dos pesquisadores pleiteavam o fim do faxinal, pois era reduto de atraso, sujeira e doenças, e os governantes sempre apoiavam esses movimentos. Quase tudo que eles pregavam foi

concretizado, mais sabe-se hoje que muito do que esses pesquisadores queriam mostrou-se equivocado, e seu saber tão seguro hoje é revisitado e repensado assim como acontece com seu objeto de pesquisa, os faxinais.

Na sequência desse debate Maneira traz os olhares acadêmicos sobre o “faxinal” e faz um voo panorâmico sobre diversas obras das mais diversas áreas que deram aos faxinais estatuto de objeto de estudo, sendo áreas de humanas, florestais, geografia, e os trabalhos de institutos agrônômicos do Paraná. As visões são extremamente variadas sobre faxinal. Ela aponta para o trabalho de Horácio Martins de Carvalho, que segundo a pesquisadora buscou primeiro compreender o que significava o criadouro comum, para depois buscar compreender faxinal (MANEIRA, SOCHODOLAK, 2013, p. 40).

Em seu texto ela chega a conclusão de que

A relação que Carvalho estabelece entre o “faxinal” e o “criadouro comunitário” está no fato de que a criação de animais se dá em terras de “faxinal”. Ou seja, o “faxinal” seria a área de terra caracterizada por determinado tipo de vegetação, que é de propriedade de vários moradores que a utilizam para a criação de animais e para a exploração de erva-mate (MANEIRA, SOCHODOLAK, 2013, p. 42).

Tanto no trabalho de Maneira como em nossa pesquisa, alguns faxinalenses denominam faxinal como “criador”. A utilização do termo faxinal pelos faxinalenses não é com um sentido comum. O senhor Delfino Oliveira, por exemplo, o depoente mais velho desse trabalho, pioneiro na fomicultura e grande conhecedor da vivência faxinalense em seus muitos aspectos, denomina faxinal como “criador”, e sempre foi assim, somente depois que ao conversar e ouvir eu me ao referir “criador” como faxinal ele também em alguns momentos usou o termo faxinal, mas no seu depoimento, na maioria das vezes ao falar de criador, era para dar conta dos animais criados em regime de compáscuo.

O que essa discussão mostra é a dissonância entre povo e academia. Os moradores das áreas de criador comunitário, passaram a ser denominados como faxinalenses, a pesquisa acadêmica mudou os termos, dividiu, caracterizou, enfim deu as cartas e os faxinalenses agora defendem o faxinal, mesmo que um pouco antes, até tivessem pensado em não viver mais em criadouros comunitários.

Mas como sempre a verdade é criada pelo vencedor, nos anos de 1960, o discurso sanitaria e da Revolução Verde se sagrou vencedor e ditou verdades, agora em uma espécie de revanche, os que resistiram conseguem importantes vitórias e a verdade passa a ser reeditada. Reeditada nos valores, no faxinal como algo positivo, digno de ser estudado em sua

especificidade e como algo que pode ser o que ele se define, e não mais algo ruim e pernicioso, como Lourival Fornazzari o classificou nos idos da década de 1960.

Para tanto nossa perspectiva busca reconhecer que na construção da narrativa histórica deve-se dar atenção às lacunas, procurando ver por que elas existem ou foram deixadas de lado; procurar perceber como o discurso histórico é construído e não dado e, se ele é construído, por quem e por que o é.

A história da fumicultura, que sempre foi escrita pelos órgãos ligados às empresas fumageiras, como Afubra e Sinditabaco, segue uma linha de construção de uma história linear, pois esses órgãos pouco ou quase nada trazem de informações sobre como era a vida dos produtores antes de se tornarem plantadores de fumo, pois os seus interesses iam ao encontro de que o progresso veio após a sua intervenção, nem leva em consideração as mudanças drásticas que acabaram, em alguns casos, decretando o fim de um sistema centenário de organização de vida no campo, que são os faxinais.

Esses discursos não levam em consideração muitos fatos, como as doenças causadas pelo uso de agrotóxicos, a destruição ambiental, dentre outros. Trabalha apenas com a ideia de que a vida dos sujeitos só prosperou, utilizando-se, portanto, de uma perspectiva teleológica de uma história racional, marcada por um início obscuro, mas dirigida para um fim perfeito, onde todos estão bem e felizes.

Nosso estudo objetiva promover uma reflexão na perspectiva fenomenológica com o intuito de mostrar as possibilidades de se construir uma nova história sob um novo prisma, tendo em conta as rupturas e descontinuidades.

O intuito é construir uma narrativa que não seja fechada em si mesma e que não tenha o cordão umbilical ligado a um único e originário início, mas que seja uma narrativa que dê atenção aos pontos de dispersão dos discursos, pois as unidades discursivas nem sempre existiram, mas se tornaram possíveis dentro de uma realidade social. Assim o discurso do faxinalense que não deixou das suas técnicas e lavouras tradicionais, ou aquele que abandonou o fumo em prol da agricultura nos moldes antigos, pode aparecer e ser também uma fonte de verdade na história da fumicultura.

O diferencial do trabalho do historiador em uma perspectiva hermenêutico-fenomenológica consiste na possibilidade de olhar para a diversidade de um mesmo fato, ver que não existe a possibilidade de um início único, de um princípio unificador, mas que todos os fatos são um emaranhado de acontecimentos sem ordem racional e que nem sempre seguem uma ordem cronológica, mas muitas vezes eles são cíclicos, se repetem, sem seguir uma linha racional e teleológica dos acontecimentos.

A fumicultura não foi só aquele momento no qual a revolução verde chegou aos faxinais, tendo o fumo como maior expoente desse processo, mas representou também aos faxinalenses a oportunidade de trazer mais renda às famílias, que passaram a consumir mais, e trouxe, também, um embate de ideias, de pontos de vista, entre aqueles que não aceitavam o novo produto e viam com maus olhos essas novas técnicas de plantio e aqueles que aderiram à nova proposta de produção.

Este estudo busca considerar todos os fatos, aqui citados ou não, e analisar quais as circunstâncias sociais que tornarem o fenômeno da fumicultura hegemônico nos Faxinais.

Quando da revolução verde o país vivia o que se chamou de milagre econômico. A indústria produzia sem parar e necessitava vender. O consumo de tabaco no mundo crescia muito e empresas como a Souza Cruz fizeram estudos para expandir a produção, que se concentrava nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nas pequenas propriedades, com mão de obra familiar, em áreas de imigração italiana e alemã.

O Paraná sofreu intensa imigração de europeus em todo seu território, mas a região geográfica que melhor se adaptava às exigências das empresas era o Centro-Sul do Estado, área de maior ocorrência dos faxinais, que atendia a alguns pré-requisitos, como a existência de pequenas propriedades rurais, terras em abundância e mão de obra familiar, além de matas para obtenção de lenha Souza Cruz, manual de orientação técnica 1956)

A implantação do cultivo foi alvo de intensa propaganda das empresas, que iam até as escolas, reuniam pais de alunos e faziam uso de imagens de produtores de fumo que obtiveram sucesso com o seu plantio e com a ajuda dos órgãos governamentais, ao tempo em que faziam a depreciação dos seus costumes como atrasados e incapazes de trazer desenvolvimento econômico. Os primeiros a plantar fumo receberam investimento intenso como forma de convencer os vizinhos que a atividade era um bom negócio. As empresas se utilizavam da vontade, do desejo de prosperidade das pessoas para convencê-las (LUDOVICH, José. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 26 de junho de 2014).

Esses são fatos que dificilmente aparecem na história oficial. Para ela é como se não existisse nada na vida faxinalense antes da chegada do fumo. Há a predominância do discurso de um início único, que não mostra as vozes das dispersões e diversidades que coexistiram. Para fazer aparecer essas vozes é preciso considerar a existência de discursos diferentes, que coexistem e se entrecruzam em um embate de poderes sobre os discursos que, no conjunto, mostram a diversidade dos acontecimentos, sem dar ênfase a um ou a outro.

CAPÍTULO II

PLANTAR, AJUDAR, FESTEJAR: A VIDA NOS FAXINAIS E AS MUDANÇAS PROVOCADAS PELA INTRODUÇÃO DA FUMICULTURA

2.1 Vida e práticas comunitárias no faxinal.

O termo faxinal pode ter ao menos duas definições. Na primeira delas, faxinal se refere à paisagem que diz respeito às matas com árvores frutíferas e outras de pequeno porte, além de árvores de grande porte, onde predominavam os pinheiros do Paraná, imbuías e cedros. Já sistema de faxinal é uma forma particular de organização camponesa, única no país (CHANG, 1988, p. 13), que difere das demais pelo uso comunal da terra para criação de animais em regime comunitário, ou seja, proprietários e agregados, com ou sem terrenos na área do criadouro comunitário, podem criar seus animais, além de muitos outros aspectos culturais que serão esboçados no texto.

Já abordamos anteriormente no texto as várias definições sobre faxinal. Por isso, vale lembrar aqui que em nosso trabalho o termo faxinal será utilizado para designar um modo de vida e de uso da terra para criar animais em regime extensivo, em que não necessita ser dono de terras para ter animais, somente que se participe da vida comunitária que engloba o faxinal. Sabe-se que as terras são divididas em terras de criar, e as terras de plantar, donde as cercas são vitais para o funcionamento do faxinal, como organismo de reprodução cultural.

Modos de criação de animais parecidos existem em outros lugares, como os fundões de pasto no Nordeste brasileiro, o que difere o faxinal como único é seu modo de vivência comunitária, seus costumes e práticas culturais dentre eles se destacando a religião, o puxirão e o modo agrosilvopastoril de utilização dos recursos naturais.

A vida das pessoas nos faxinais sempre foi muito simples. Os costumes dos sujeitos que vivem nesses locais não se assemelham muito aos costumes existentes em outras áreas do país. A começar pelo modo de criação dos animais, que, com algumas exceções, é ainda um sistema único, todos soltos em grandes áreas de terras que não conhecem fronteiras entre comunidades, nem entre donos, as únicas divisões que existem são as cercas que podem ser de várias formas, dependendo do lugar e da época, que dividem as terras de compáscuo das terras de produção dos gêneros de subsistência.

Sobre a origem dos faxinais existem muitas especulações, mas poucas conclusões, pois diferente de outros povos tradicionais, os faxinais não têm um mito de origem. Mesmo os moradores mais antigos, alguns nossos depoentes, como Seu Darcy de Carvalho ao dizer *“isso existe pra mais de cem anos”* (CARVALHO, Darcy. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 19 de abril de 2009), ou Seu Delfino que também afirma *“olha meu avô já vivia em faxinar, ele morreu há mais de setenta anos, com quase noventa anos”* (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de abril de 2009), testemunham essa imprecisão de data em relação ao surgimento do sistema faxinal. Alguns pesquisadores que olharam o sistema há mais tempo, como a pesquisadora Nerone, afirmam que há uma certa semelhança com sistemas parecidos encontrados em Portugal, mais especificamente nos Açores. Para ela

O sistema de faxinal, como uma forma de uso comunal da terra no Brasil, não se constitui como um modelo originalmente brasileiro. Foi decorrente de um arcabouço cultural via colonizador, cujas raízes podem ser encontradas na Península Ibérica, notadamente, nas Reduções Jesuíticas Espanholas (NERONE, 2000, p. 14).

Para essa pesquisadora, os povos das reduções viviam em um modelo comunal parecido com os faxinais, e esse sistema veio da Europa com os padres europeus da Companhia de Jesus, dando uma origem estrangeira ao sistema, que com suas características só existe no sul do Paraná.

Outros pesquisadores, como os historiadores José Adilçom Campigoto e Aldo Nelson Bona, ao pesquisar a hermenêutica dos faxinais, veem muitas outras possibilidades de uma origem, como a vivência dos indígenas abundantes nessas áreas no período da pré-colonização, e depois com a miscigenação, os seus descendentes adotaram o sistema. Outra hipótese é que homens desertores da Guerra de Canudos e da construção da estrada de ferro Brazil Raywail, vieram para esses lugares via sul do Paraná, norte de Santa Catarina, estabeleciam pequenas moradias vivendo da extração da erva-mate e criando pequenos animais a solta. Quando a erva-mate diminuía eles iam mata adentro levando seus animais (BONA, CAMPIGOTO, 2008, p. 5).

Essa possibilidade também deve ser levada em consideração, pois na falta de uma origem certa, nenhuma hipótese deve ser descartada. O que se sabe é que muitos dos moradores afirmam que vivem em faxinais há três, quatro, até cinco gerações, mas a origem pode estar ligada mesmo aos caboclos que viviam nessas áreas, desde a miscigenação pós-colonização, vivendo de maneira muito humilde, da extração da erva-mate e da criação de

pequenos e grandes animais, sendo os pequenos para consumo e os grandes, geralmente os cavalos, serviam de transporte para esses caboclos.

Os faxinais, que chegaram a ocupar 20% do território paranaense¹⁴, tal qual conhecemos, como exposto a frente em um depoimento, se fortaleceram com a chegada de imigrantes europeus de várias regiões, os mais expressivos sendo os ucranianos, os poloneses, os russos, os italianos e os alemães. Estes, ao entrarem em contato com os caboclos e seu modo de vida extrativista e de agricultura de subsistência, gostaram do modelo e o adotaram, passando, também, a criar animais para consumo e transporte, trazendo o gado bovino quase desconhecido até então, mantendo a extração da erva-mate e inserindo a extração da madeira, abundante na região, e a agricultura de subsistência.

Os imigrantes apoiados pelo governo puderam comprar terras nesses locais e, aos poucos, foram enriquecendo para os padrões da época. Os grandes proprietários imigrantes compraram terras onde os caboclos viveram a vida toda e agora não podem mais transitar sem autorização dos novos donos.

Os caboclos passaram por um processo imenso de empobrecimento e enquanto puderam foram adentrando nas matas, mas em certo momento tiveram que trabalhar de camarada¹⁵ e pedir licença para trafegar em seus antigos territórios tradicionais. Isso pode ter acontecido devido ao desinteresse e descaso do governo pelos povos que habitavam o território nacional, dando grande apoio aos imigrantes. Isso não foi diferente com os caboclos dos faxinais.

Mesmo assim todos continuaram a viver no faxinal, possuindo ou não terras, o que se definiu é que as terras de criadouro poderiam ser usadas por todos desde que colaborassem com a manutenção do criadouro. Sobre isso, Chang escreveu em 1986 que:

Com relação ao caráter coletivo, todos os moradores da localidade têm, em princípio, o mesmo direito de criar independente de serem proprietários ou não desde que participem de alguma forma na construção manutenção do criadouro (CHANG, 1988, p. 42).

Fato que a pesquisadora denominou como “*sociologia das cercas*”, pois participar do criadouro significava, na maioria das vezes, construir e consertar as cercas, que eram e são de fundamental importância para a manutenção do sistema de faxinal, visto que ela barra a entrada de animais invasores. Essas cercas eram construídas de várias maneiras dependendo

14 Sobre o assunto consultar Chang. Man Yu. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Boletim técnico, nº22. Londrina: IAPAR, 1988, p. 14.

15 Trabalhar de camarada é trabalhar para alguém por um preço pré-combinado.

do lugar e da época, como escreve Ilma Toledo, para quem inicialmente a passagem dos animais para as terras de plantar era vedada por uma grande vala com aproximadamente três metros de profundidade, aberta ao redor de todo o criadouro comunitário. As dificuldades que esse serviço proporcionava, aliadas a abundante presença de araucárias nas florestas, fizeram optar pela cerca de “*frechame*” (TOLEDO, 2008, p. 112)

As cercas eram construídas pelos faxinalenses de várias formas e, em geral, depois de construídas, cada família ficava responsável pela conservação de um pedaço. Seu Jaciel relata que seus familiares, pais, tios e primos cercaram a propriedade, “*fizeram-na em três irmãos no caso, dividindo aquilo ali, né, não era dividido, tinha o terreno de cada um, cada um deu sua parte de terreno e cada um cuidava da sua cerca e criava cavalo...*” (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014.) .

Seu Delfino conta que durante sua vida viu todas as formas de cercas utilizadas pelos faxinalenses. De acordo com ele,

No começo era vala, valetão de três metros de fundura por dois, três de largura, e não tinha nada, era reto, se tivesse pinheiro arrancava, fazia o que desse... depois era o frechame... muito sofrido... tinha que desdobrar¹⁶ as imbuia no machado, fazer os pau e colocar nos vão, era vão cheio, frechame de troncamento¹⁷...pois não tinha arame, colocava dois murão¹⁸ e enchia no meio de deitado... anos depois que veio o arame, daí fazia meio metro de frechame e três fio de arame por cima... o frechame pras criação miúda¹⁹ e arame pras graúda²⁰.. (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014).

No depoimento de seu Delfino percebemos que a cerca era vital para o faxinal; não importasse a dificuldade para fazer ou consertar, ela era feita; sem cerca não havia faxinal. Outra conclusão que também surge é que a dificuldade advinha de não existir o arame e a grande abundância de imbuias, madeira de lei que aguentavam vários anos na cerca sem precisar de consertos. Depois da introdução do arame é que surge a cerca de frechame na vertical, para os animais pequenos, economizando a metade do serviço.

16 Desdobrar madeiras era um trabalho onde se partiam as toras de imbuia com machados e cunhas de madeira. Depois de partir uma, duas, até quatro vezes as toras de imbuias, as melhores eram as escolhidas para fazer o frechame.

17 Frechame de troncamento era a cerca feita com os troncos da imbuia colocados na horizontal. Acredita-se que troncamento venha de troncos, colocados um sobre o outro sem auxílio de pregos.

18 Murão é, na verdade, mourão, os palanques fortes colocados na vertical, onde eram encaixados e trançados o troncamento explicado na nota anterior.

19 Criação miúda eram porcos cabritos e carneiros.

20 Criação graúda eram os cavalos e gado bovino.

Depois de algum tempo as cercas passaram a ser de oito fios de arame, se utilizando dos últimos frechames que ainda restavam das antigas cercas todas feitas de imbuia, mas no que concerne as cercas o arame significou diminuição de muito trabalho, tanto pra construção quanto para reparos.

Durante muitos anos a vida dos faxinalenses girou em torno da criação de animais em regime de compáscuo²¹, e a agricultura de subsistência, que eram praticadas nas terras de plantar, fora do criadouro comum, cercado por cercas que impediam a passagem dos animais nos locais das lavouras.

As pessoas viviam basicamente da criação de animais, destacando-se os porcos, cabritos, equinos e aves além do gado bovino, em menor escala. As plantações eram poucas e pequenas, cultivava-se milho, feijão, arroz, frutas e verduras para a subsistência. Somente o excedente era comercializado... aravam e capinavam as roças sem utilizar fertilizantes (MARTINS, RUPP, 2008, p. 88).

A agricultura que se praticava nos faxinais era a policultura de subsistência. Dentre os produtos cultivados pode-se citar milho, feijão, arroz, centeio, trigo, batata, mandioca, cebola, entre muitos outros que eram também cultivados nos quintais, tais como o tomate, o pepino, a alface, o alho, a beterraba, a cebolinha de folha²², o cheiro verde, a couve, o repolho, além da existência de pomares com várias frutas típicas da época. Como afirma seu Jaciel Martins

... plantava o milho, plantava o feijão, plantava o arroz, a subsistência né, isso era pra comer fazia a farinha de milho, minha mãe fazia a farinha de milho no monjolo...pra fazer o virado de feijão, pra acompanhar o almoço... tinha batata-doce, mandioca... e o milho era o sustento nosso... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014.).

Em pesquisa no Faxinal de Marmeleiro de Baixo, município de Rebouças, Marla Luciana constatou que nesse faxinal também se praticava algo muito parecido. De acordo com ela, *“o que os faxinalenses classificam como miudezas, são as verduras e os legumes. Eles plantavam repolho, cenoura, beterraba, batata-salsa, batatinha, alface, espinafre, nabo e principalmente couve”*. (RUPP, 2008, p. 91).

²¹ Compáscuo é o regime de criação de animais a solta, onde os donos fornecem suplementação alimentar nas épocas de maior escassez de alimentos e durante todo o ano também, para que o animal crie vínculos com a propriedade de seu dono, e por mais longe que possa ir dentro do criadouro, sempre terá um lugar a retornar, isto é, o lugar onde recebe a suplementação alimentar, que é basicamente composta de milho e sal.

²² Cebolinha de folha se diferencia da cebola de cabeça por ser usada para tempero em quase todos os pratos da culinária faxinalense.

Podemos concluir que a agricultura tinha como função principal o sustento das famílias e dos animais e muito pouco era vendido. Geralmente esses produtos eram trocados no comércio local por gêneros que não eram produzidos pelos faxinalenses, como o sal, o açúcar e os tecidos. A agricultura era de extensões pequenas e seu preparo era também diferente, pois muitos ainda plantavam no queimado e as poucas terras que podiam ser lavradas, eram lavradas com arados puxados com a força dos cavalos.

Sobre o preparo da terra seu Jaciel afirma;

O preparo da terra era todo manual né, a gente roçava as capoeira, naquela época não tinha adubo então o pai tinha, nós tinha 12 13 alqueire que nós trabalhava, então o pai ia dividindo... um ano ele plantava numa capoeira, roçava a capoeira com quatro ano de idade, quatro cinco ano de idade, daí tombava essas terras, plantava um dois anos, daí deixava descansar mais quatro ano, pra depois volta a plantar no mesmo lugar (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.).

A partir do depoimento de seu Jaciel podemos perceber que existia uma técnica de repouso das terras para que as mesmas pudessem descansar e recuperar sua produtividade, fazendo a troca das áreas onde eram plantadas as várias culturas para subsistência. Mostrando assim que era difícil a produtividade sem uso de agrotóxicos, mas o manejo das terras era, no mínimo, muito mais sustentável do que os meios que se dispõe atualmente. Ainda sobre o preparo da terra e o plantio seu Delfino Oliveira conta que

Conforme a terra, era o preparo, mas pra plantar era com foice veia feito cengo²³ para plantar no queimado, milho e feijão era só carpido, não tinha adubo, nós tinha o mantimento, não carecia comprá um quilo disso que dava na terra. arroz, trigo, batatinha, mandioca, batata-doce (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

Mais um depoimento que nos mostra o quanto as lavouras de subsistência eram valorosas para essas famílias, pois garantiam, em uma época de poucas maneiras de se ganhar dinheiro, que nada faltaria à mesa das grandes famílias, compostas, em média, de oito pessoas. Na fala de seu Delfino, hoje com 94 anos de idade, percebe-se um ar de orgulho ao dizer que não se comprava comida, e um sentimento de vergonha por hoje ver filhos e netos comprando verduras nos mercados e de existir vendedores ambulantes que andam vendendo verduras e legumes nos faxinais.

²³ Cengo era uma foice cortada ao meio, fazendo uma espécie de pá para fazer buracos onde eram depositadas as sementes, que eram cobertas com o pé.

A afirmação sobre a inexistência de adubos químicos é uma pista que nos permite pensar que os faxinais podem ter sido um dos últimos locais do Paraná a adotarem o uso do adubo nas lavouras. Ao mesmo tempo, isso demonstra também uma grande fertilidade de algumas terras, mas plantar no queimado era feito em duas oportunidades, geralmente na primeira vez, onde plantar no queimado também era denominado plantar na “coivara”²⁴, pois se retirava as madeiras de valor e cortava o resto das madeiras e queimavam, sem “descoivarar”²⁵, e também plantava-se no queimado em terras menos férteis, onde se deixava criar “capoeira”²⁶, queimando e plantando por um período de um ano (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

Todas essas culturas eram plantadas pelas famílias, geralmente em áreas arrendadas ou em outras formas de comodato, pois nessas relações o dinheiro era pouco usado. Geralmente o plantio era terça parte²⁷, quarta parte²⁸ e às meias²⁹, mas sempre o pagamento era com a própria produção, pois tanto arrendatário como proprietários tinham na terra e seus frutos a base da vida, por isso o milho muitas vezes era mais importante para cuidar dos animais e para fazer farinha, fubá para a alimentação, do que dinheiro. Sobre a importância do milho seu Jaciel é enfático ao dizer

... o maior era o milho né, do milho a gente comia polenta, fazia farinha de milho, e dava de comer as criações ... dava de comer o porco e o leite vinha do milho, porque um agricultor na época não tivesse milho em casa, ele era um agricultor pobre (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

As lavouras eram pequenas. Aqueles que plantavam em terras arrendadas dificilmente a lavoura passava de dois ou três alqueires e para os que eram proprietários, dificilmente ela passava de 10 alqueires³⁰, mas sempre com utilização de muitos empregados. As pessoas plantavam em média 3 a 4 quilômetros de distância de suas casas, por isso paravam nos paióis durante a semana toda ou, às vezes, durante temporadas de serviço como as colheitas.

24 Plantar na coivara consistia em derrubar a mata, queimar os restos e semear nas cinzas do queimado.

25 Descoivarar era retirar a mata derrubada, antes ou depois de queimada, para efetuar a limpeza do terreno para plantar.

26 Mata pequena com 4 ou 5 anos de idade.

27 Plantar na terça parte significava que o dono das terras ficava com um terço da produção, cerca de 35% da produção na verdade.

28 Plantar na quarta parte significava que o dono das terras ficava com 25% por cento do total da produção.

29 Plantar às meias significava que o dono ficava com 50% do total da produção.

30 Na área de faxinais o alqueire é a medida padrão das terras. Um alqueire é composto de 40 litros e cada litro mede 605 metros quadrados. Assim sendo, um alqueire mede 24.200 metros quadrados.

Existiam algumas famílias que possuíam mais terras de plantar do que áreas de criadouro comum. Essas famílias, em sua esmagadora maioria, eram de colonos descendentes das levas de imigrantes que ao entrarem em contato com as formas de vida dos caboclos já estabelecidos, acabaram gostando do modo de viver desses sujeitos, como já dito anteriormente, e acabaram por fazer desse modo de vida o seu também, pois nas suas terras de origem, plantar gêneros alimentícios era difícil, mesmo os gêneros de subsistência, e criar animais era mais difícil ainda. É possível afirmar que no Brasil esses colonos se sentiram quase que no paraíso.

Essas famílias tinham a possibilidade de plantar mais terras, como senhor Edgard Goebel, que juntamente com seu pai, no auge das lavouras, plantavam vários alqueires de lavouras de milho e feijão. Como ele mesmo afirma, “*junto com o pai era dez, doze alqueires... tudo com cavalo*”(GOEBEL, Edgard Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 22 de junho de 2014.).

Para fazer todas essas lavouras o senhor Edgard e seu pai, o senhor Germano, possuíam duas parelhas de cavalos³¹ e trabalhavam um dia com uma e outro dia com outra como segue:

... uma parelha era um doradilho e um rosilho, a outra um cavalo preto e uma égua baia³², os dois primeiros eram meus, que eu trabalhava um dia inteiro, de tarde o pai vinha embora a pé, pra não judia dos animais, e no outro dia, eu trabalhava com a outra parelha, assim ia semana e semana até arar e gradiar 12 alqueires de chão... três meses e meio mais ou menos... dependia do tempo ajudar. (GOEBEL, Edgard Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 22 de junho de 2014.).

Mas casos como da família do senhor Edgard Goebel eram raros. Sua família era de descendência alemã e seus pais eram a primeira geração nascida no Brasil, mas a grande maioria dos faxinalenses morava em pequenas áreas dentro do criadouro comum. As terras de cultivo desses sujeitos eram pequenas também, fazendo com os moradores do faxinal fossem em sua grande maioria arrendatários. Pois se levarmos em conta que somente o senhor Edgard levava mais de cem dias para preparar as terras de seu pai, que totalizavam em média doze

³¹ Parelhas de cavalos eram dois cavalos que trabalhavam em conjunto nos serviços que necessitavam da força de dois animais, como arar e gradear o solo para o plantio. Essas duplas de cavalos necessitavam ter temperamento parecido, pois um animal rápido não poderia trabalhar com um animal lento, nem o contrário. Os dois tinham que trabalhar em sintonia total juntamente com o sujeito que estava no cabo do arado ou atrás da grade. Esses trabalhos, por simples que possam parecer aos nossos olhos, necessitavam de muita sintonia, paciência e adestramento dos animais.

³² A pelagem dita pelo seu Edgard é um pouco diferente da usada no resto do país, e singular das áreas faxinalenses, mas doradilho seria um animal com o pelo pertencendo a um tom avermelhado, já o rosilho tinha o tom de cor de sua pelagem rosado, em alguns casos apresentando tons roxos claros, e baio era tom amarelado na pelagem.

alqueires, quem possuía muitas terras com os implementos disponíveis na época, não podia cultivá-las de todo, por isso, o arrendamento era uma prática boa para todos, para donos, que arrendando as terras tinham maiores áreas plantadas e aos arrendatários que podiam sobreviver no meio rural da época.

Sobre essa afirmativa Chang, em 1988, diz que,

O criadouro comunitário significou uma forma de solucionar os problemas de mão de obra, numa época onde o mercado de trabalho era pouco organizado e historicamente o criadouro comum significou uma interação entre abundância de terra e mão de obra, com a escassez de capital (CHANG, 1988, p. 18).

Os relatos nos trazem informações riquíssimas sobre a vida dos faxinalenses. Era costume dos faxinalenses se ajudarem nos trabalhos, o chamado puxirão, onde quando um dos vizinhos tinha um trabalho, todos os vizinhos se reuniam e realizavam a tarefa. No término da tarefa o dono do puxirão³³ dava uma festa, geralmente um baile que era tocado por músicos da própria comunidade, ou de comunidades próximas, festa essa que podiam participar de graça todos aqueles que trabalharam no puxirão. Aqueles que não trabalharam, mas que quisessem participar, participavam mediante pagamento.

Sobre o puxirão Ilma Aparecida de Toledo, ao pesquisar o Faxinal de Marmeleiro de Baixo, no município de Rebouças, também afirma a existência desse tipo de comunhão entre os faxinalenses, como segue

Segundo relatam os moradores mais antigos da comunidade de Marmeleiro de Baixo, todos faziam suas plantações organizando-se em puxirões até o período de 1970. Cada dia ou semana- variava de acordo com o tempo exigido pelo serviço- o grupo se reunia e plantava, limpava e colhia suas roças... (TOLEDO, 2008, p. 137).

Os entrevistados e colaboradores desse trabalho são dos municípios de Rio Azul, Imbituva e Ipiranga, todas áreas onde existiam criadouros comunitários e que se organizavam em puxirão, fato também comprovado no município de Rebouças, de onde escreve Ilma Aparecida Toledo.

Sobre o puxirão seu Delfino afirma que em Faxinal dos Paulas, local onde viveu por quase 70 anos, o puxirão no conserto das cercas e nas lavouras era:

ah esse era a união, os confrontante... se reunia tudo e fazia a cerca... cada um fazia por conta, mais se não, lá o fulano tava apurado vou ajuda ele, dois três dias, não é como hoje, dá o dinheiro, aí vou ajudá ele (enfático)...

33 Dono do puxirão era a pessoa que estava sendo beneficiado pelo serviço comunitário.

(OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014)

A fala de seu Delfino nos traz pistas que cada um fazia suas lavouras e que o puxirão era realizado em momentos de apuro nos serviços. Os vizinhos se reuniam para atividades, mas cada um era responsável por suas lavouras, mostrando que o puxirão era ativado em um momento que poderia ser crítico para uma família, comprometendo a produção de suas lavouras, o que poderia significar dificuldades para a família. O puxirão era ativado em momentos de plantar, de carpir e colher. Momentos cruciais em que as atividades não poderiam atrasar, a comunidade se reunia e estava feito o puxirão. Após os trabalhos realizados vinha a recompensa, a festa.

Sobre a festa seu Delfino afirma como ela era:

Tinha baile, ou era o fandango tinha, e não entrava ninguém se não fosse trabalhar, lá a justiça era o povo mesmo que fazia, se não trabalhou não pode vir aí... parava tudo que tava fazendo pra ajuda o fulano que tava precisando..oi nós fizemo um puxirão com o compadre Antonio Moro... três alqueire pra carpi...veio gente lá de Rebouças... matemo porco, fizemo comida pro povo (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho 2014.)

Nessas afirmativas de seu Delfino, além de conhecermos um pouco mais sobre os costumes faxinalenses, como o puxirão, a festa de puxirão, nas suas palavras de quem não trabalhasse não participava, *“La a justiça era o povo mesmo que fazia”*, mostra uma das coisas mais importantes do sistema faxinal: as leis consuetudinárias, leis que, contrariamente às judiciárias, mesmo não sendo escritas eram respeitadas por todos. Ninguém iria nesse baile que o senhor Delfino falou para tentar entrar a força ou perguntar aonde estava escrito que sua entrada era proibida, pois todos conheciam e respeitavam essas leis ao pé da letra.

Diga-se de passagem, essa coexistência faxinalense se dava com muito mais harmonia do que após o momento da chegada das leis judiciárias, que nem sempre levavam em consideração os anos de convivência e bem viver. Enquanto o sistema funcionou apenas com suas leis consuetudinárias, o inspetor de quarteirão³⁴ procurava resolver as coisas de uma forma que todas as partes envolvidas se sentissem bem, sendo menos lesadas possível (TOLEDO, 2008, p. 136).

Mas havia outros puxirões onde não havia a festa, somente a ajuda entre os vizinhos, como ocorria na comunidade de Mato Branco de Baixo, município de Imbituva, local das

³⁴ Pessoa reconhecida pela comunidade como exemplo de bem viver e escolhido pela comunidade para resolver as questões que poderiam surgir entre os faxinalenses, donde raramente essas questões iam até os ouvidos dos órgãos policiais responsáveis.

lavouras de seu Edgard e seu pai. Sobre o puxirão ele relata que *...era só na carpida... daí nós fazia o tar puxirão... tinha base de trinta quarenta pessoa, só que não tinha festa, depois ajudava de novo quem tinha vindo...* (GOEBEL, Edgard Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de 2014)

Sobre essas festas Ilma Toledo escreveu como elas eram realizadas no faxinal de Marmeleiro de Baixo. Vejamos as semelhanças com as festas que seu Delfino contou

Era costume ao final de cada etapa o dono da área em que haviam trabalhado, pagasse aos envolvidos um baile. Nessa festa, quem havia participado do puxirão se divertia gratuitamente. Somente aqueles que não tendo participado, quisessem ir ao baile é que pagavam uma pequena contribuição... (TOLEDO, 2008, p. 137).

O puxirão era uma das maiores práticas culturais entre os faxinalenses. Nele vemos que os laços de amizade e companheirismo afloravam sempre que necessário e mesmo sem um sistema escrito de leis, todos sabiam o que era certo ou errado e ninguém desobedecia, com medo de ser eliminado dos laços do grupo comunitário. Através do puxirão a própria vida comunitária se reproduzia e se revitalizava; ele era lugar de trabalho, divertimento e de se manter bons laços de amizade.

Através dos relatos podemos perceber que terminado o puxirão desse vizinho a comunidade poderia se reunir novamente em puxirão para a tarefa de outro vizinho, que ao final dava outra festa e a comunidade realizava puxirão para aqueles que sempre faziam seus grupos de puxirão para carpidas, roçadas, colheitas, entre outras tarefas. As pessoas se ajudam e vivem de maneira muito próxima a se ajudar em bons e maus momentos.

As cercas eram sempre cuidadas de maneira comunitária, desde os valos³⁵, o concerto dos frechames³⁶, e das demais cercas. Também a tarefa de carnear um animal³⁷, as novenas, as rezadas³⁸, tudo sempre foi realizado de maneira comunitária. As pessoas tinham um modo bem simples e quase centenário de viver. Nas palavras de seu Jaciel

Lá onde que nos vivia, nos era em três família, meu pai seu Durval, a tia Helena e o tio José Zem e o tio Pedro Martins... Lá eles dividiram tinha 5

35 Valos eram as cercas do início do sistema, que consistia em valetas de 3 metros de fundura por 3 de largura, que impediam o acesso dos animais.

36 Cerca de frechame eram as cercas que eram feitas de madeira lascada, colocadas uma do lado da outra, com vistas a impedir a passagem dos pequenos animais, como porcos e cabritos.

37 Carnear um animal era matar o animal e fazer dele carne para o sustento da família, e pedaços eram doados os vizinhos.

38 As rezadas eram momentos em que a comunidade se reunia na casa de um dos moradores, que era festeiro e devoto de um santo, e realizava em sua casa uma pequena cerimônia, onde as pessoas da comunidade dirigiam os ritos, e todos os convidados levavam alguma coisa para colaborar com a festa, ou uma prenda para o leilão que era realizado durante a festa.

alqueires pra cada família, e 13, 14 alqueires de faxinal só, cada um tinha seu terreno e cada um deu sua parte de terreno pro criador e nos criava cavalo, vaca, cabrito, porco, carneiro faxinal pro consumo né. (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

Mesmo que o dinheiro não tivesse importância, as pessoas precisavam de dinheiro para coisas de primeira necessidade e que não eram produzidas pelos faxinalenses, como por exemplo, tecidos para roupas, artefatos domésticos, e concerto e compra de ferramentas usadas para o trabalho. Esse dinheiro vinha da venda dos pequenos excedentes da produção, mas principalmente das safras de erva mate e da venda de porcos.

Seu Jaciel Martins nos conta como sua família fazia a erva mate

Nóis tinha bastante erva. Nosso terreno era cinco alqueire de faxinal, e o pai separava em quatro lote, todo ano nois cortava um lote dessa erva, todo ano...então era um cinco alqueire, tinha umas partes que não tinha, tinha partes que tinha bastante, então era separado.. essa erva nos vamo corta esse ano, ano que vem cortamos essa, pra nois ter sempre, esse era o dinheiro que circulava, esse era o dinheiro garantido que nois tinha... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

As safras de erva mate aconteciam nos meses de maio a agosto. Na grande maioria das vezes as pessoas mais despossuídas trabalhavam nos ervais de terceiros, geralmente donos das terras onde plantavam e aqueles que tinham ervais colhiam suas pequenas safras, que apesar de pequenas geravam lucros e em geral eram comercializadas para a empresa Leão Júnior, que nos anos de 1920 a 1940 tinha filiais em inúmeras cidades do Paraná.

A erva era cortada, depois era sapecada³⁹ em pequenas fogueiras, processo conhecido como tostar, depois era encarijada⁴⁰, depois era triturada em um redondel, chamado de maiador, local em que existiam tábuas furadas no assoalho e um grande tronco cheio de cunhas⁴¹ de madeira e era puxado por cavalos ou mulas. A erva caía em um lugar onde ficava descansando por um certo tempo e depois era comercializada. E então era comercializada por trem ou navios, na cidade Rebouças e Rio Azul, nos portos do rio Potinga, a erva era levada até nesses locais de carroça. Nas safras de erva mate também existia a prática do puxirão já acima citado.

³⁹ Sapecar era tostar as folhas em uma pequena fogueira para a folha da erva não entrar em deteriorização.

⁴⁰ Encarijar a erva mate era colocá-la dentro do barbaquá, para passar por um processo de dessecação.

⁴¹ Cunhas são pequenos pedaços de madeira, que serviam para triturar a erva mate.

Muitas famílias que tinham ervais, tinham, também, seu próprio barbaquá⁴², como era o caso da família de seu Jaciel. Ele nos conta em seu relato que

Então fazia a poda da erva, daí sapecava, daí nois tinha o carijó, o barbaquá... daí sapecava a erva lá... e essa erva a gente vendia, fazia lá cento e cinquenta arroba, duzentas arroba, quando era um pedaço de terra com mais erva mas em media cento e cinquenta arroba... e o pai vendia aqui, tinha a cooperativa da Leão Junior, cooperativa agrícola, tinha os Pallú, os Chauscz, nois negociava e dava um bom dinheiro... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

Seu Delfino conta sobre o comercio através do rio Potinga no município de Rio Azul nos anos de 1940 e 1950, como segue:

Depois que fazia a erva, de primeiro vendia lá pra São Matheus, daí que vendia aqui, pros Abib, o velho Pedro Abib, era compradô de erva, comprava erva e batatinha..pra São Matheus tinha a balsa velha lá nos Ferreira, lá embaixo, lá eles tinham depósito de erva, no barranco do rio... quem tinha erva levava lá... quando tava seco o rio não vinha o coisinha⁴³ levar a erva... mas levava pelo rio.. (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014)

Mas não eram só as pessoas donas dos ervais que tinham lucros com a erva- mate, mas também os arrendatários que na safra de erva-mate também tinham sua safra ao fazer a erva para os donos de barbaquás. Os serviços eram vários, desde a poda e transporte até o carijó, as noites em que necessitava cuidar do fogo para sapecar a erva e depois moê-la e ensacá-la e transportar até a cidade ou na barca do rio Potinga. A família de seu Arnaldo Rossa, como a de seu Delfino, sempre trabalhou com erva-mate, mas em ervais de terceiros: *“trabalhava tudo ano, de maio até julho, agosto, mas era tirando erva pros outros...era o que dava um dinheirinho pra compra açúcar, sal uma fazenda⁴⁴”*(ROSSA, Arnaldo. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.)

A erva-mate era retirada sem agredir a natureza, pois como explicou seu Jaciel, os ervais eram divididos em lotes de forma que nunca um mesmo lote era colhido em seguida. Cada lote tinha três a quatro anos para se revitalizar. Essa prática, além de não retirar todos os anos a erva das mesmas árvores, também era e ainda é feita somente com a poda dos galhos que dentro de pouco tempo tornam a brotar. Isso mostra que os faxinalenses podiam não ter

42 Barbaquá, carijó ou acampamento era o local onde a erva era produzida. Estima-se que cada família dona de ervais tivesse ao menos um barbaquá, totalizando inúmeros barbaquás por comunidades.

43 O coisinha que seu Delfino se refere era um pequeno navio de reboque ainda com energia de vapor.

44 Fazenda era um pedaço de tecido comprado para fazer roupas para a família toda.

conhecimentos técnicos, mas que sabiam na prática a importância de considerar a natureza como mãe da vida, respeitando-a e sabendo cuidar dela. Exemplo disso eram as técnicas de manejo utilizadas pela família de seu Jaciel Martins tanto na prática da agricultura, com o rodízio das áreas plantadas, como no manejo dos lotes de erva-mate. Mesmo sem utilizar em excesso os recursos naturais nunca ficaram sem sustento e erva para fazer o dinheiro necessário à manutenção da vida.

Outra forma que os faxinalenses tinham de ganhar dinheiro era com a safra de porcos, que eram criados às centenas pelos faxinalenses. Aqueles que possuíam mais terras podiam engordar melhor seus animais, soltando-os nas lavouras de milho, enquanto ainda estavam verdes, quase maduros⁴⁵, onde permaneciam até engordarem. Estes animais ganhavam, além de peso, também tamanho. Para isso eram soltos leitões e porcos castrados que poderiam ser abatidos em seguida.

O senhor Edgard, quando indagado sobre quais as formas que tinham para ganhar dinheiro, fala que

Vendia porco, erva, vendia mandioca, batata-doce...os porcos eram engordados no mangueirão⁴⁶...o pai ia de trem até Ponta Grossa, tratava o negócio, no outro dia os porcos tinham que estar lá... quem levava era o pai do veio Leonto Paz...com um fordinho... (GOEBEL, Edgard Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de 2014)

O pai do senhor Edgard fazia os negócios diretamente com o frigorífico em Ponta Grossa, grande centro comercial para a época, devido a esses negócios serem já realizados desde as décadas de 1950/ 1960. Os porcos eram levados ainda vivos em um caminhão, dada a proximidade da comunidade onde residiam (Mato Branco de Baixo) com a cidade de Ponta Grossa (cerca de 65 Km). Seu Delfino, que na época residia em Rio Azul, viu muitos fazerem tropeadas de porcos até Ponta Grossa e outras cidades, como Guarapuava. Mas isso foi em sua infância. Depois que ele se casou, juntamente com seus cunhados Antonio e Domingos Moro, compraram um pedaço de terra de 50 alqueires de chão, e também negociaram porcos. O combinado era que pagariam poder ano as terras e para pagá-las, além de vender excedentes e erva-mate, também vendiam porcos em Rio Azul.

45 Segundo o saber tradicional faxinalense o milho, enquanto está em processo de maturação, tem o poder de engordar os animais de forma mais rápida e uniforme.

46 Mangueirão era o local onde os faxinalenses fechavam suas criações quando não queriam que elas ficassem no criadouro comum. Geralmente os porcos eram fechados para serem "limpos", receberem suplemento alimentar e ficar num lugar onde não comeriam "imundices", como chamavam os faxinalenses, tais como fezes de outros animais, frutas podres e outras coisas que causavam desconforto ao paladar de quem os consumiria. Cavalos de tração também ficavam nos piquetes ou poteiros ao lado do mangueirão para facilitar a captura para o trabalho logo no início da manhã.

Seu Delfino nos conta como era o negócio de vender porcos nos anos cinquenta em Rio Azul,

Era o velho Veronez, Marcilino Veronez, depois de engordar, tinha que chega com o porco as onze horas, com o porco pronto, vende o porco por pé⁴⁷, só tirava a tripada⁴⁸ e os casquinhos... vendia inteiro sem abrir em nada, só abria para tirar a tripada... levava na carroça a quantia que tivesse, o velho Bernardo Moro tinha contrato para terminar de pagar a prestação do terreno que compraram lá... (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014).

Sobre a engorda e o preparo do porco antes da venda ele relata como era: *“Nóis tinha que ajudá de madrugada, carnear três quatro porcos de pancada... fechava dez doze porcos, mas era na terra, cerca de vara, tinha que engordar era o velho Marcilino Veronez que comprava, tinha o açougue”*. Pelo relato, podemos inferir que algumas pessoas, ao perceberem a existência da grande quantidade de animais e com o desenvolvimento urbano que vinha ocorrendo na cidade de Rio Azul, na época, decidiram abrir um açougue, o que facilitou àqueles que também negociavam porcos (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014).

A prática de soltar os porcos nas lavouras para a engorda, geralmente era feita pelos mais ricos, por terem mais terras plantadas, porém não gerava riqueza só aos donos dos porcos, mas também àqueles que eram responsáveis por levarem os porcos até os locais de abate, que geralmente eram muito longe do lugar da roça. Esses “transportadores” eram os tropeiros de porcos.

Um dos inúmeros relatos das tropeadas de porcos nas regiões de faxinais aparece em uma história no mínimo inusitada, contada por seu Darcy de Carvalho. Relata ele que quando tinha mais ou menos doze ou treze anos, foi aprender andar de bicicleta, na bicicleta de seu amigo Eudorico, filho de seu padrinho, Malaquias *“homem muito rico, dono de terrenaria e criações aos monte”*(CARVALHO, Darcy. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 18 de agosto de 2011). Para tornar o aprendizado mais fácil colocou a bicicleta em uma ladeira e ao descer com muito embalo, deu de frente com uma tropa de mais de 200 porcos. O impacto foi fatal para o porco atingido e para a bicicleta de Eudorico. *“Tive que roçá sete alqueires de caíva⁴⁹ para pagar a bicicleta pro padrinho Malaquias...valia mais que uma moto*

47 A expressão vender porco por pé advém de que ao pesar o animal já abatido era pendurado pelo pé na balança de varão, para conferir seu peso.

48 Tripada eram as vísceras do animal que não eram comercializadas, mas não significava ser jogado fora, pois era toda ela aproveitada para fazer chouriços e outros pratos comuns, como “bucha recheada”, ou seja o estômago do animal recheado com os rins, pulmões, fígado e outros miúdos cozidos com arroz, depois colocados no “bucha” e assado nos fornos a lenha.

49 Mata fina, com um, dois anos de idade, que nasce em terras que estão no pousio, já acima citado.

hoje...”(CARVALHO, Darcy. Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 18 de agosto de 2011.).

Os tropeiros de porcos iam a pé tocando os animais, que por causa da gordura caminhavam muito pouco por dia, cerca de três quilômetros. Alguns animais bravios chegavam a ter os olhos costurados para seguir no meio do bando. Chegando ao local de negócios, os porcos eram reunidos e passavam por uma pequena cerca, onde era colocada uma vara. Aqueles animais que as costas alcançavam a vara, eram vendidos. Aqueles que não alcançavam, voltavam para casa ou eram vendidos por preços mais baixos ou sacrificados para o consumo. Essa prática ficou conhecida como “*vender porco por metro*”.

Outra forma que os faxinalenses utilizavam para ganhar dinheiro para as necessidades básicas era a retirada de madeiras como o Pinheiro do Paraná e a Imbuia, árvores que eram abundantes nos faxinais. Também se dedicavam a outras atividades extrativistas, além de exercer pequenos trabalhos temporários, como trabalhar nas linhas da estrada de ferro. Mas, tanto a erva mate como as safras de porcos fizeram a riqueza de muitos, como o senhor Germano Goebel que comprou 11 alqueires de terra somente com suas safras de porcos⁵⁰.

A vida faxinalense girava em torno da subsistência, onde o mais importante era a sobrevivência da família e dos poucos bens que a família possuía. O milho era a lavoura mais importante, pois trazia a base da alimentação, na medida em que fornecia a farinha, o fubá e também a quixerinha⁵¹, um prato muito apreciado.

Além da alimentação humana, o milho servia também para a alimentação de todos os animais que eram criados pelos faxinalenses, animais esses que serviam de alimento e forneciam outros produtos, como a lã e o couro.

Entretanto, na avaliação de alguns faxinalenses, com o passar do tempo as terras estavam produzindo menos. A erva mate trazia dinheiro, mas não era suficiente para dar conta das necessidades de todas as pessoas da família, sempre numerosas, com média de sete ou oito filhos por casal. As pessoas começaram a buscar outras fontes de renda, como se empregar nas serrarias e olarias, presentes em algumas localidades que foram foco desse estudo.

50 O senhor Germano Goebel era pai do senhor Edgard Goebel, um dos depoentes e colaboradores desse trabalho.

51 A quixerinha era obtida através da quebra do grão de milho nos monjolos, onde para sua fabricação o milho era ensacado em sacos de algodão e colocados dentro dos riachos, onde o monjolo era instalado, depois de certo tempo o milho era quebrado e gerava a quixerinha, que geralmente era servido como acompanhante de pratos como carne de porco.

As lavouras sempre davam para o sustento da família, pois as pessoas na época não tinham muitas coisas para desejarem, mas mesmo assim as coisas eram difíceis. O excedente das safras era pouco e tinha pouco valor, pois quase todos produziam tudo o que precisavam⁵², sem contar que os gêneros mais necessários e que não eram produzidos eram caros e raros.

Sobre o comércio do excedente o senhor Jaciel confirmou que

Alguma coisa a gente vendia, mas aquele tempo aqui vou te dizer, eu vi meu pai trazer cebola e feijão uma vez na carroça... não sei quantos sacos ele trouxe, sei que era pouco, uns três de feijão, quatro de cebola e levou de volta... não achou pra quem vender, nem pra trocar, geralmente eles faziam a base de troca... trazia dois sacos de cebola trocava por querosene por açúcar... que naquela época não era que nem agora que compra por quilo, era saco de açúcar, e esse saco de açúcar era caro... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014,).

Através desse relato podemos inferir que o excedente de produção dos faxinalenses não tinha muito valor diante dos gêneros que eram necessários à subsistência das famílias. Talvez por isso é que era necessário trabalhar no corte de madeira, na extração de erva-mate e, aqueles com mais condições, nas safras de porcos.

As safras de erva e de porcos davam o maior dinheiro do ano para essas pessoas, tanto para agregados como para os donos. A diferença é que os agregados tinham o necessário à alimentação da família e com os animais do criadouro comum tinham transporte, carne e leite.

Sobre o excedente das safras seu Delfino fala que *“o que sobrava nós vendia... sobrava quatro cinco sacos de feijão tinha que vender... tudo era baratinho, mas era com o que nós vivia...”* (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014).

O excedente a que seu Delfino se refere, comparando com as atuais safras do agronegócio, é extremamente baixo, mas para época era uma excelente produção. No entanto, não tinha valor no comércio, ao passo que aqueles que não plantassem, não tinham condições de subsistência, trazendo assim um paradoxo muito complicado de se entender.

Seu Jaciel afirma *“que não adiantava nós colher cem sacos de feijão, não tinha pra quem vender. A única coisa certa que nós tinha..era o que sustentava nós financeiramente com remédio pra uma doença... mas na realidade sonho de subi na vida nós não tinha”*.

⁵² Os gêneros alimentícios nos faxinais seguiam uma lei simples do mercado: lei da oferta e da procura. Com muita oferta e pouca procura, o valor dos gêneros eram baixos e as vezes o mercado era inexistente.

(Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014)

A afirmativa de seu Jaciel mostra muito daquilo que era a vida para os jovens, sem perspectivas de ascender financeiramente na vida. Todos sabiam que se casariam e viveriam como seus avós, pais e outros parentes, vizinhos e conhecidos, porém, as coisas estavam ficando mais difíceis.

Como a agricultura era praticada sem fertilizantes químicos durante muitos anos seguidos e com técnicas quase rudimentares aos olhos do agronegócio, apesar do pousio⁵³ essas terras foram decaindo em sua produtividade. Sem conseguir melhorar as técnicas de plantio e os implementos, a subsistência começou a ficar ameaçada e o excedente, tão importante, começou a não existir mais.

A falta do excedente para o comércio foi forçando as famílias a tomarem outros rumos como os já acima citados, onde os jovens se empregavam em serrarias e olarias e os pais continuavam praticando a agricultura de subsistência, mas, a partir dos anos de 1950-1960, sem o sucesso de outros tempos, forçando verdadeiras migrações para as cidades.

Esse êxodo foi citado explicitamente na entrevista dos senhores Jaciel e Acibaldo que viram muitos de seus amigos e famílias deixarem Rio Azul em busca de uma melhor sorte nos centros urbanos como Curitiba. Seu Acibaldo afirmou que *“la onde nós morava, mais de trinta famílias foram embora .Em Rio Azul, mais de cento e cinquenta. Meu sogro tinha um ford bigode⁵⁴ e contava que levou mais de cinquenta mudanças pra Curitiba, Campo Largo e Guarapuava”* (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014)

Através desses relatos podemos perceber que as pessoas estavam passando por dificuldades dentro dos faxinais e muitas optaram por ir embora. As que ficaram passaram por crises, que eram superadas através dos laços de amizade, com a procura por novas oportunidades para se manterem e alguns buscaram novos gêneros agrícolas mas isso não era regra e sim exceção.

Outro motivo para a crise da agricultura de subsistência foi que o desenvolvimento urbano e os produtos do mercado capitalista começaram a ser sentidos como necessidade pelos moradores e a agricultura começou a ser repensada. Ao invés da simples subsistência

⁵³ O pousio assim por mim definido, haja vista semelhança do sistema de pousio praticado desde a idade média, passando pelos indígenas brasileiros, caboclos e algo parecido era feito pelos faxinalenses, e como eles definem como deixar a terra descansar resolvi denominar como pousio a técnica de descanso dos terrenos, praticada com mais frequência em terrenos de baixa produtividade já conhecida.

⁵⁴ Modelo de caminhão da década de 1950 com capacidade par quatro toneladas de peso.

começaram as tentativas de se produzir mais. Isso levou ao aumento nas áreas de lavouras, gerando desmatamento e as primeiras perdas de território de criadouro comum.

Tais medidas não tornaram possível um desenvolvimento maior, levando os faxinalenses ao grande empobrecimento e atraso perante os olhos dos laudos técnicos dos anos de 1960, 1970, 1980, dando-lhes um título de símbolos de atraso e sujeira, além de providos de técnicas atrasadas de plantação e criação de animais (ACARPA, 1982, p14).

Com essa situação, o sistema foi invadido por novas formas de agricultura, principalmente com o uso de adubos químicos e novos produtos, como o fumo, agora voltados ao mercado consumidor e que poderia ser plantado junto com as outras culturas, fato que agradou a alguns, porém nem todos, mas possibilitou que muitos permanecessem no faxinal. “*Se não fosse o fumo e os adubo nós também tinha ido embora né...*” (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014), afirmou seu Acibaldo Martins.

2.2. A “modernidade” nos faxinais: a introdução da fumicultura.

De acordo com Santos, em meados dos anos de 1960, nos anos do governo militar, o Brasil vivia uma era de prosperidade e crescimento e um dos setores que recebiam grandes investimentos era a agricultura. Com o intuito de aumentar a produção nacional, o país vivia um grande projeto chamado de Revolução Verde, marcado por grandes investimentos dos bancos estatais na modernização da agricultura, com empréstimos para a compra de implementos agrícolas (Santos, 2002, p. 59).

Zamberlam e Fronchet consideram que modernização da agricultura passava, também, pela instalação de novos produtos agrícolas, de preferência por aqueles que eram plantados com técnicas modernas, frente a uma agricultura muito atrasada em todo o país. De norte a sul a intenção era modernizar, substituindo uma agricultura tradicional, ainda baseada em técnicas muito rudimentares, com o uso de enxada e tração animal em regiões mais distantes dos grandes centros. Em todas as regiões o governo incentivava a modernização da agricultura e as empresas privadas se aproveitavam dos incentivos fiscais para aumentar a produção. Nessa época muitos produtos novos foram integrados a espaços de domínio de plantas e técnicas tradicionais. Muita coisa estava acontecendo e uma delas era a mecanização em massa da agricultura. Os produtores de menor porte nessa época, por não possuírem bens suficientes para conseguir um empréstimo para financiar as novas tecnologias, acabavam

vendendo suas terras a grandes produtores e acabavam engrossando o êxodo rural, indo parar em favelas nas grandes cidades e trabalhando em sub-empregos (Zamberlam, Fronchet, 2001, p.78).

Para estes autores, a Revolução Verde foi responsável por um dos maiores êxodos rurais da história do país. Significou um passo enorme para tornar o campo brasileiro em empresas capitalistas, que deixaram de servir a agricultura tradicional de subsistência, agricultura de técnicas seculares, que serviram por todo esse tempo para alimentar famílias inteiras, que por mais que de um ponto de vista capitalista e técnico não produzissem bem, alimentavam todas as pessoas que dela dependiam. Mas como existem várias coisas contraditórias, o intuito de produzir mais dos técnicos agrícolas e agrônomos da Revolução Verde, deixou muitas pessoas com fome (Zamberlam, Fronchet, 2001, p.79).

Paradoxalmente, produzia-se mais alimentos com o uso das novas técnicas, como implementos agrícolas mecanizados e uso de adubos químicos, mas as pessoas não tinham dinheiro para comprar esses alimentos, pessoas que antes nunca haviam passado fome, plantando na coivara, com técnicas rudimentares. Mas agora essas pessoas que não conseguiram permanecer no campo por não resistir às pressões da Revolução Verde, sofreram as consequências; aquilo que trouxe desenvolvimento, progresso, trouxe também miséria e destruição de modos seculares de vida, sem contar a enorme destruição ambiental⁵⁵ que esse fenômeno causou.

2.3. Os faxinais em crise: a Revolução Verde e as novas tecnologias.

Andrades e Gamini consideram que no mundo pós segunda guerra, as pessoas queriam apenas paz, mas mesmo com o fim dos confrontos a paz era algo distante, pois a Europa era um monte de cinzas, a guerra havia destruído tudo, cidades, estradas, pontes, as plantações, enfim os confrontos destruíram o civilizado mundo Europeu.

Se agora não havia o perigo do canhão, havia o perigo da fome. Para alguns, o mais assustador era que os comunistas russos iam muito bem nesse pós-guerra e a doutrina comunista ganhava muitos adeptos por todo o mundo, fazendo com que a hegemonia estadunidense estivesse ameaçada. Dessa insegurança surgem dois movimentos que marcaram

⁵⁵ A Revolução Verde trouxe grandes desastres ambientais para vários sistemas naturais, como exemplo de maior vulto nacional podemos citar a construção da rodovia Transamazônica, que com o intuito de interligar o país, nunca foi concluída e causou a destruição de milhões de hectares de floresta amazônica. No Paraná foi um dos motivos da desarticulação dos criadouros comuns nos faxinais e de grande desmatamento, inclusive de pinheiros do Paraná.

a história do resto do século XX: um deles é a guerra fria e o outro, menos conhecido, mas não menos importante, foi a Revolução Verde. Para acabar com o problema da fome, os EUA criaram um programa para aumentar a produção de alimentos no mundo todo, com o uso de adubos químicos e pesada maquinaria. Segundo Andrades a Revolução Verde pode ser definida como

... modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura... seu interesse (era e) é a maximização do lucro através da monopolização cada vez maior do mercado... por intermédio de pacotes tecnológicos. (ANDRADES e GANIMI, 2007, p. 44).

Santos afirma que a primeira vez que a expressão Revolução Verde foi usada foi em uma conferência em Washington, porém o processo descrito na citação acima ocorreu no final da Segunda Guerra. Para uma melhor análise desse movimento vamos considerar as causas e movimentos sociais que tornaram possível a Revolução Verde, pois não existe espaço sem ações e ações dissociadas de um espaço; é a junção dos dois que forma um quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 2002, p. 63).

Segundo ele, a Revolução Verde surge por dois principais motivos: político e econômico. A política do pós-guerra foi marcada pela bipolaridade, sendo, de um lado, a URSS, liderando um modelo socialista de suposta igualdade social e, de outro lado, os EUA, de economia de mercado, em qual a livre concorrência procurava dinamizar a economia.

Os países da Europa estavam com suas economias em frangalhos pelos estragos causados pela segunda guerra mundial e seus habitantes viam que a União Soviética, mesmo sendo o país que mais teve perdas, tanto humanas como estruturais, estava em melhores condições que a Europa e o Japão. Com medo de que mais países aderissem ao socialismo, os EUA, deveriam tomar providências.

Nesse contexto, os EUA buscaram promover maior fortalecimento da agricultura. A história mostra que o homem se apascentou e pode se tornar mais sábio quando começou a plantar e criar seus animais; a partir desse momento nada era mais assustador ao homem do que a ameaça de passar fome, principalmente aos europeus, para quem a fome era sinônimo de peste. Com o intuito de aumentar a produção de alimentos e afastar a ameaça da fome e do comunismo, os EUA, juntamente com a iniciativa privada, em que os grandes símbolos são as empresas ou grupos Ford e Rockefeller, com o intuito de aumentar o capital, viam na agricultura um importante campo de atuação.

Com um imenso arsenal químico resultante de sobras da segunda guerra mundial, não foi difícil construir pacotes tecnológicos capazes de aumentar a produção de alimentos,

pois adubos químicos e agrotóxicos já eram conhecidos no período anterior à guerra. Outro ponto importante era a mecanização da agricultura, também aproveitando os restos da guerra. Nos E.U.A. a Revolução Verde foi promovida pela iniciativa privada (SANTOS, 2002, p. 65).

Com o tempo, nos outros países da Europa e, principalmente, nos de terceiro mundo, a tecnologia criada na América do norte foi financiada, a um alto preço, pelos governos, que também ansiavam aumentar a produção de alimentos, não necessariamente para resolver o problema da fome nesses países, mas para desenvolver o que mais tarde ficou conhecido como agronegócio, que produz com o intuito primordial de exportar (SANTOS, 2002, p. 67).

No Brasil a Revolução Verde chegou quase vinte anos depois, no fim do governo de Jango⁵⁶, e viu com bons olhos as novidades da Revolução Verde, mas o projeto parou com os acontecimentos de Jango e o golpe de 1964, regime que implantou de fato a Revolução Verde no Brasil.

Zamberlan e Fronchet afirmam que a revolução poderia ocorrer de maneiras distintas: havia aqueles que defendiam que para aumentar a produção poder-se-ia usar da reforma agrária, havia outros que defendiam que o necessário era o aumento da tecnologia sem tocar na questão fundiária (ZAMBERLAM, FRONCHET, 2001).

No Brasil o governo militar adotou a postura conservadora dos pacotes tecnológicos sem mexer no centenário modelo latifundiário monocultor, base do agronegócio atual. A Revolução Verde mudou a cara do campo que deixou de ser o símbolo de atraso, para ser o que havia de mais moderno, com os adubos, os agrotóxicos e o mais fenomenal, os maquinários.

Todos os recantos foram invadidos pelas novidades e, no Paraná, o norte pioneiro é o primeiro a se utilizar das novas técnicas, mas como no Brasil a revolução era financiada pelo governo, é nessa época que surgem órgãos como a EMBRAPA, responsável pelas pesquisas que dariam os rumos da revolução, dando ênfase às monoculturas. Nesse contexto, o território de ocorrência dos faxinais, era o “mais atrasado”, pois a agricultura praticada era sem nenhum produto químico, os implementos eram rudimentares e de tração animal. Esse atraso foi relatado em muitos boletins técnicos dos órgãos de pesquisa paranaense, como a ACARPA, que apontavam para a mecanização rápida das técnicas e cultivares utilizados.

Como o Estado sozinho não conseguiria dar conta da revolução ele se uniu a muitas empresas privadas. Esse processo funcionava da seguinte forma: as empresas privadas vendiam “os pacotes” técnicos, que iam de insumos a maquinários, e o governo emprestava

⁵⁶ Após o golpe militar de 1964, o governo militar do presidente Costa e Silva após incondicionalmente as mudanças na agricultura, mas ela já se mostrava nos Estados centrais do país desde o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek.

dinheiro para os agricultores adquirirem os pacotes, mas esse processo era extremamente excludente, pois para conseguir empréstimos do governo era necessário uma contrapartida, que eram terras colocadas como garantia de pagamento das dívidas, caso o pagamento em dinheiro não fosse efetivado.

O processo era excludente para a esmagadora maioria dos trabalhadores rurais, pois eram despossuídos de capital para conseguir financiamentos. Por conta disso, a chamada revolução verde não trouxe benefícios para estes trabalhadores; o que ela trouxe foi mais exclusão e miséria, pois os maquinários tiraram o emprego de milhares de trabalhadores, obrigados a trabalhar em empregos de péssima remuneração.

Na história brasileira muito se fala em um grande êxodo rural a partir dos anos de 1960, mas o que muitas vezes passa despercebido é a sua causa desse êxodo, a saber, a Revolução Verde que com o intuito de aumentar a produção de alimentos, enriqueceu as empresas detentoras das tecnologias e os grandes bancos internacionais e nos países pobres, como o Brasil, centralizou a posse da terra, endividou muitos pequenos proprietários, e atirou na miséria e nas periferias das grandes cidades milhões de trabalhadores sem nenhum estudo formal, que se viram obrigados a se tornar o peão de obra, com um salário de fome.

O Brasil como sempre mostrou sua vocação para as monoculturas, pois desde o início da colonização elas dominaram o cenário da produção. Primeiro a cana-de-açúcar, no Nordeste; depois a mineração de ouro e diamantes nas Minas Gerais; por fim, a cafeicultura em São Paulo e Rio de Janeiro. Obviamente sempre existiram outras plantações, mas em pequenas proporções. O fumo, nos faxinais no século XX, foi mais uma das monoculturas em solo brasileiro.

Pelo que se pode depreender dos depoimentos que temos dos sujeitos de nossa pesquisa, nos faxinais a técnica de derrubada da mata foi largamente utilizada até os anos de 1970, ou mais, dependendo dos lugares. A tecnologia utilizada para aumento da produção era a queimada de novas áreas, mas com o passar dos anos, o aumento das famílias, e a consequente diminuição das áreas de cultivo, já não existiam áreas para aumentar a produção. O solo, sem nenhum trato cultural, a não ser o que neste trabalho foi denominado de técnica de pousio, não produzia mais como antes e a fome passou a ser um perigo presente. Com a diminuição latente da produção, muitas famílias foram embora para os grandes centros da época, como relatam os senhores Jaciel e Alcibaldo:

lá onde nós morava mais de trinta famílias foram embora, em Rio Azul mais de cento e cinquenta, meu sogro, tinha um ford bigode⁵⁷ e contava que levou

57 Modelo de caminhão da década de 1950 com capacidade para quatro toneladas de peso.

mais de cinquenta mudanças pra Curitiba, Campo Largo e Guarapuava⁵⁸. (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014)

Além da diminuição da produção de alimentos causada por falta de tratos culturais adequados, nos anos de 1950 o Brasil vivia uma grande onda de industrialização e capitalização, e essa febre de consumismo criou em todas as pessoas a necessidade de consumir, e os jovens faxinalenses também queriam bens de consumo que não seria possível se continuassem a viver em um lugar de escassas oportunidades. Assim, muitos jovens migraram aos grandes centros em busca de melhores oportunidades de uma vida melhor.

Muitos se viam sem saída, pois sem estudos a vida não seria nada fácil em grandes centros. Aqueles que permaneceram no campo buscaram alternativas de uma maior renda, pois os produtos que eram vendidos como excedentes tinham perdido o valor e a erva mate brasileira sofria com a queda da produção e a concorrência da erva Argentina.

A Revolução Verde engatinhava no Brasil e trazia novos produtos e gêneros a serem produzidos para todas as regiões do país, e nesse contexto de novos produtos surge o fumo, conhecido dos faxinalenses do palheiro de cada dia, mas esse fumo era um pouco diferente, fumo esse que trazia novidades, tais como novos tratos culturais, novas ferramentas e, o melhor, a oportunidade de bons lucros em pequenas áreas de terra, além da garantia de compra de toda a produção.

Mais uma vez o território brasileiro seria utilizado para uma monocultura de tipo exportação, em que os envolvidos não conheciam o produto final. O fumo era de conhecimento de muitos, senão de todos os povos indígenas brasileiros. Passou dos rituais ao uso cotidiano com o colonizador europeu, mas é no século XX que seu uso será em larga escala, com os incentivos das individualidades e do consumismo.

O fracasso da agricultura de subsistência, tímida chegada da Revolução Verde, e o consumismo sendo popularizado pelo rádio, grande meio de comunicação da época, provocou êxodo rural em todo o Brasil e nos faxinais não foi diferente. Os que queriam mudar de vida não viam alternativa de mudança, ou seja, o fumo surge em um momento que reuniu um turbilhão de mudanças e possibilitou a permanência dos jovens no campo plantando fumo e as lavouras tradicionais por muito tempo ainda, mas o fumo trouxe mudanças enormes na maneira de ver a natureza, a terra e a própria existência do faxinalense.

⁵⁸ Em nosso trajeto optamos por manter no texto transcrito e nas citações das entrevistas a linguagem coloquial dos entrevistados, de modo a permitir o leitor a aproximação á forma de uso da linguagem falada pelas populações faxinalenses mais antigas.

O fumo apareceu como alternativa de renda, com bons rendimentos em pequenos pedaços de chão, o que era comum nos minifúndios faxinalenses, com a oportunidade de ser plantado com outras lavouras e com possibilidade de bons lucros e de adentrar nos bons ventos da mecanização, do uso de corretivos do solo e de poder dominar a natureza, pois os adubos passaram a ser utilizados também nas outras lavouras, o que melhorou a produção e afastou o risco da fome para longe e trouxe estabilidade para muitos.

O que de mais extraordinário que o fumo trouxe aos faxinalenses foi a possibilidade de lucro e venda garantida, seguro contra granizo, e as novas ferramentas, que traziam a oportunidade de produzir nas terras que já não produziam mais, e melhorar a produção das outras lavouras, como afirma o senhor Arnaldo Rossa: “*nóis usemo os adubo do fumo no milho, no feijão e isso fez tudo melhorá*” (ROSSA, Arnaldo. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.).

Por mais pequena que fosse a mudança nas ferramentas e nos tratos culturais, isso simbolizou uma mudança sem precedentes para os faxinalenses, nunca vista até então. Pela primeira vez puderam estar no comando da situação, deixando de contar apenas com a sorte ou com a vontade de Deus para o sucesso ou o fracasso em sua lavoura. O fumo aproveitou as terras, a mão de obra e algumas das tecnologias já utilizadas pelos faxinalenses, como a tração animal, mas introduziu novas tecnologias que seduziram agricultores acostumados com safras boas e ruins, e possibilitou a aqueles que se aventuraram nas primeiras safras algum sucesso econômico.

No cenário dos primeiros passos da Revolução Verde brasileira, o fumo surgiu como uma alternativa sedutora de renda aos agricultores e também às empresas, pois elas tinham incentivos governamentais para modernizar a agricultura. No caso do estado do Paraná, os faxinais eram vistos por alguns órgãos governamentais, como ACARPA, e pelas empresas, como a própria Souza Cruz, como se vê no informativo técnico de maio de 1964, como “*local de excelentes solos, gente trabalhadora, mas com deficiência e desconhecimento de técnicas certas para o uso do solo, e sem ferramentas para o seu melhor proveito e aplicabilidade das técnicas apropriadas, sendo necessário o treinamento desses agricultores*” (Souza Cruz, 1964, p.7)

Visto como um grande reduto de atraso e com a impossibilidade de grandes plantações mecanizadas como em outras regiões, por causa da organização fundiária de pequenas propriedades com mão de obra familiar, com o plantio de policulturas de subsistência, fato que agradou a Souza Cruz⁵⁹, pois esses locais tinham as mesmas

59 Souza Cruz foi a empresa que realizou os primeiros contratos para a plantação de fumo nos faxinais.

características dos lugares onde o fumo já era produzido. Da junção de todos esses fatores, a partir de 1950 até 1970, o fumo foi introduzido nos faxinais que essa pesquisa abarca.

De todas as transformações trazidas pela Revolução Verde aos faxinais é a fumicultura, que traz mudanças nos artefatos tecnológicos. Mudanças essas que foram fundamentais para a transformação dos costumes faxinalenses, pois a tecnologia fascina o homem desde sempre e como ela existe para facilitar a vida, imagine como foi deixar de ir para a cidade de carroça e ter a possibilidade de usar um automóvel, sem contar o status diferenciado e todas as melhorias e facilidades no trabalho.

Podemos citar outras tecnologias no que se refere ao trabalho, como máquinas para o manuseio de agrotóxicos, novos implementos para usar na tração animal, enfim, muitas melhorias para o trabalho, não só com o fumo como também com as outras lavouras como o caso do adubo, que se popularizou e aparece com o plantio de fumo e depois é usado em todas as outras lavouras fazendo aumentar a produção e atraindo muitos adeptos para seu uso, desconhecido até então.

Em certa medida é correto afirmar que a inserção da cultura do fumo representou uma forma de expressão da Revolução Verde no território dos Faxinais da Região Centro-Sul do Estado do Paraná. Isso porque foi com essa nova cultura que as técnicas de cultivo “modernas” passaram a fazer parte do dia a dia dos faxinalenses. Essas novas técnicas influenciaram, também, na adoção de novas formas de cultivo dos produtos tradicionais, gerando modificações profundas na estrutura do sistema faxinal, como veremos adiante.

Ao abordarmos a questão da introdução de novas técnicas de produção não podemos deixar de apontar que Álvaro Viera Pinto dedicou uma longa trajetória de pesquisas sobre as tecnologias e sua interação com o desenvolvimento e o subdesenvolvimento. Em sua tese percebemos a questão de que ser proprietário das tecnologias gera o fator de desenvolvimento e quem não possui paga caro e fica em segundo plano, como sinônimo de atraso (VIERA PINTO, 2005, p 20.).

Como afirmado anteriormente, no contexto social, econômico e cultural do Brasil dos anos de 1960 e 1970, a Revolução Verde é o fenômeno que traz o incremento tecnológico em todos os locais do território brasileiro, inclusive ao faxinal, e essas tecnologias é que deveria substituir o trabalho manual. O senhor José Ludovich, técnico agrícola pioneiro da fumicultura em Rio Azul e Rebouças, afirma que

A empresa queria gente que trabalhasse, acostumada com trabalho, e que fosse parecido com o que tinha no Rio Grande do Sul e Santa Catarina... a família trabalhando junto... mas era preciso eles (faxinalenses) aprenderem a

usar novas técnicas... que eles não conheciam... aí nós tínhamos ordens de ensinar eles em grandes reuniões técnicas... e depois fazer o auxílio na hora do trabalho na prática.. (LUDOVICH, José. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 26 de junho de 2014).

O senhor José Ludovich mostra que os faxinalenses não estavam preparados para encararem uma empreitada onde existissem práticas mais elaboradas de trabalho, pois eles praticavam uma agricultura quase primitiva e suas técnicas de cultivo eram muito rudimentares, como o plantio na coivara⁶⁰. O plantio do fumo exigiria deles um melhor preparo e condições de dominarem as novas técnicas, como o uso de venenos⁶¹, os adubos, máquinas de usar agrotóxicos, ferramentas e, o mais importante, uma nova lógica de trabalho, não para subsistência, mas visando o lucro.

Viera Pinto sempre afirmou em seus estudos que na relação centro periferia, na periferia só teria chances de desenvolvimento aqueles com algum bem preexistente ou nas grandes cidades envolvido com o setor de industrialização (VIERA PINTO, 1960, 2v, p78).

Essa afirmativa de Viera Pinto pode desvendar um pouco sobre o fato de que os primeiros a instalarem estufas de fumo foram aqueles com algum poder aquisitivo pré existente, como terras para deixar como penhor ou garantia. Àqueles sem propriedades restou trabalhar na condição de meeiro. Nesse ponto, a fumicultura não mexeu na estrutura de funcionamento social faxinalense. Os donos de terras em sua grande maioria financiavam estufas e colocavam meeiros para realizar os trabalhos, assim como era com as outras plantações.

O senhor Delfino narra que

No primeiro ano a véia Marculina Prestupa pego uma estufa pra mim toca... os que trabaiavam no que era alheio, continuou...compra uma terrinha...difícil e muito depois... o véio Mariano Pageski tocava onze parecia de cavalo em lavoura branca⁶², depois do fumo ele dentro de poucos anos tinha onze estufas... tudo as meias...é o que tinha pro povo fazer... (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.).

⁶⁰ O plantio de coivara já foi explicitado em outra nota desse texto, mas a caráter de informação, consiste na derrubada da mata, a queima das árvores caídas e o plantio das sementes abrindo buracos e depois cobrindo as sementes, sem uso de adubos nem agrotóxicos

⁶¹ Veneno, e como os agrotóxicos são denominados pelos fumicultores, sendo que este mudou de denominações técnicas, conforme as políticas da saúde e da agricultura denominaram, sendo veneno no início, depois defensivo agrícola nos anos de 1980, trazendo a ideia de amigo da produção, e conseqüentemente do agricultor, e a partir dos anos 2000, a denominação que técnica de agrotóxico.

⁶² Lavoura branca é a denominação das policulturas dos faxinalenses, como e principalmente milho Feijão e arroz.

Os proprietários das terras mantiveram por, pelo menos, duas décadas o costume de arrendar suas terras a terceiros, mesmo depois do início do plantio de fumo. É só depois de uma cultura do agronegócio que estas terras serão trabalhadas com o incremento de tratores e outros maquinários agrícolas.

As lavouras de fumo foram as primeiras a usar adubos e essa foi uma transformação fundamental. Mudança enorme que pela primeira vez o homem pode corrigir a terra, e esse termo será longamente utilizado, se antes uma terra não produzia, era abandonada, nesse momento a Ubris Técnica⁶³ doma a natureza e coloca o homem no comando, coisa impossível para os faxinalenses.

Esse poder que as novas técnicas trazem, inauguram o trabalho elaborado. Sobre o trabalho elaborado Viera Pinto afirma que na relação entre homem e utensílios se apresenta o grau de domínio do sujeito sobre o objeto, ou do objeto sobre o sujeito, situação descrita acima, em qual o homem se subordinava à fertilidade ou infertilidade do solo, num segundo momento com outras técnicas é o homem quem subordina o solo à sua vontade.

Conforme Viera Pinto

Uma coisa é mexer-se um pouco de barro, outra é segurar uma vasilha para beber, e outra ainda é tomá-la nas mãos para apreciar a beleza dos desenhos e do colorido que lhe foi dado pela arte na cerâmica. Nos três casos imaginados como exemplo temos a mesma matéria, mas três graus diferentes de manuseio, representados por três modalidades do ser, com tudo quanto há de significado particular para cada um: e o que determina a diferenciação entre esses três modos é a operação do trabalhador, que imprime em cada caso à substância bruta original propriedades que condicionam as diferentes possibilidades de manuseio. Com efeito, é o trabalho que eleva a realidade a um outro grau de amanalidade. E com essa elevação surgem concomitantemente novas características do objeto (VIERA PINTO, 1960, p 9).

Para Viera pinto a relação de amanalidade entre o homem e o mundo, deveria proporcionar a possibilidade de manusear o mundo com mais propriedade e recursos tecnológicos mais elaborados. A fumicultura trouxe esse fenômeno para os faxinais, a oportunidade de trabalhar com mais propriedade com a terra, através das novas tecnologias, imensamente mais elaboradas que as passadas.

A transformação acontece, segundo Viera Pinto, no momento que o homem tem novos objetos ao seu redor, objetos que podem auxiliá-lo em suas tarefas, das mais simples as mais complexas, mudando seu horizonte de visão e suas possibilidades de se apropriar das

⁶³ Termo que define o sentimento de certeza de que qualquer problema pode ser resolvido com seu conhecimento acadêmico, muito utilizado por agrônomos e médicos.

benfeitorias humanas e naturais. Para ele o homem ao trabalhar pode alargar sua visão de mundo ou obscurecê-la.

O trabalho que as massas executam funda sua visão de mundo. Nas formas inferiores, exploradas, humildes, o trabalhador não chega a ter senão uma noção sensível da realidade e, ainda que deseje modificá-la, não alcança compreender como isso seria possível. Ao progredir nas formas de produção, se criam formas superiores de trabalho, realizado por um volume cada vez maior de pessoas, as quais, pela necessidade de fazê-lo bem, tem que possuir conhecimentos amplos (VIERA PINTO, 1960,p. 67 2 v).

O faxinalense, com as poucas tecnologias de que dispunha, não tinha muito a desejar, a não ser a sobrevivência, ideal único de anos. Muitos daqueles que vinham de fora analisar o sistema ficavam assustados com o atraso. Isso estava presente nos discursos e na visão dos órgãos governamentais, como a ACARPA (empresa que cuidava das pesquisas técnicas na área da agricultura) pelos menos até a metade da década de 1980. (ACARPA, 1982, p. 13).

O pensamento de Vieira Pinto mostra o quanto a tecnologia condiciona o comportamento humano. Vemos que o faxinalense não tinha como se imaginar com muito dinheiro no bolso e comprando tudo que pode e deseja com a agricultura de subsistência, a que tradicionalmente estavam acostumados.

Eles não pensavam em lucro, ou seja, o horizonte de visão se baseava na continuação da vida sem grandes pretensões de crescimento e essa falta de pretensão está presente no depoimento dos irmãos Jaciel e Acibaldo “*ser rico, crescê na vida, isso nós não pensava, não era pretensão*”(Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014). Pois como Vieira Pinto afirma, com poucas tecnologias o ser humano não cria pretensões grandes, nem se pensa como agente, mais simplesmente mais um a passar sem deixar nada de novo, nem há as possibilidades de criar.

Não que o faxinalense fosse incapaz de compreender seu mundo e querer a mudança, mas é que quando existem preocupações maiores, como manter a casa sempre em dia com comida, roupas, as criações em condições de uso, enfim, existiam necessidades mais prementes, e sem tecnologias novas, sobreviver era mais importante. Isso não significa que o faxinalense era menos capaz; é apenas um caso da divisão desigual das tecnologias que proporcionam o conforto. Nas palavras de Vieira Pinto, “Quem vive no nível da economia da simples subsistência tem preocupações tão elementares e imediatas que a consciência está ocupada totalmente pelo penoso afã de produzir a vida”. (VIERA PINTO, 1960,p. 280-283 2 v.).

Para os faxinalenses, essa compreensão de atraso não existia, como era o caso dos indígenas na época da chegada dos europeus, pois era como eles podiam viver, sem contar que aqueles que tinham contato com os grandes centros dos quadros econômicos regionais. Geralmente quem fazia essas viagens era o responsável pela família e pelo dinheiro, então não sair do atraso como o laudo da ACARPA de 1982, que pesquisa as cidades de Rio Azul, Rebouças e Mallet, mais de vinte anos depois da implantação da fumicultura, não era culpa do faxinalense, mais sim pelo seu desconhecimento em um primeiro momento e em um segundo momento sua impossibilidade de adquirir essas novas tecnologias, pois eram caras demais para seu bolso. Não era uma questão de capacidade, mas de divisão desigual dos bens e tecnologias.

Essa conclusão é inspirada no pensamento de Vieira Pinto que em “O que é tecnologia?” afirma que qualquer desnível existente entre populações é resultado da apropriação indébita que as nações ricas fazem das riquezas do mundo subdesenvolvido (VIERA PINTO, 2005, p. 23-28). Se levarmos em consideração a questão de países subdesenvolvidos, o Brasil tinha (e tem) um enorme atraso perante países da Europa e os EUA. Exemplo disso é a própria Revolução Verde, que chega ao país com quase trinta anos de atraso. Esses países eram o topo das tecnologias e se os grandes centros brasileiros eram atrasados em quase meio século, o que dizer dos faxinais, território abandonado e desconhecido pelos governos, como a grande maioria do país que se distancia do eixo Rio São Paulo.

Na sua obra “O que é tecnologia?” ele procurou definir o que é técnica e tecnologia, pois desde sempre o homem fez uso de tecnologias, na medida em que mesmo as populações mais primitivas usaram pedras para quebrar coco e isso já é tecnologia. Quanto o homem lascou a pedra temos a primeira revolução; quando forjou o aço e o cobre, outra; a máquina a vapor, o automóvel, a bomba atômica, a TV, o computador, o celular, a internet, todas essas tecnologias revolucionaram a vida humana, trouxeram o avanço, mas foram distribuídas de forma desigual (VIERA PINTO, 2008, p. 25).

A apropriação que o homem faz das tecnologias que condiciona sua existência e quanto mais ele tem tecnologias disponíveis, maior é seu grau de desenvolvimento. Vieira Pinto define esse processo assim

A medida, porém, que vão sendo compreendidos os processos naturais e descoberta as forças que o movimentam, com a conseqüente possibilidade de utilização delas pelo homem, para produzir artefatos capazes de satisfazer novas necessidades, e essa fabricação se multiplica constantemente, o mundo deixa de ser o ambiente rústico espontâneo e se converte em ambiente

urbano, na casa povoada de produtos de arte e, na época atual, de aparelhos que põem as forças naturais a serviço do homem (VIERA PINTO, 2005, p. 47, v. 1)

O impacto da tecnologia é evidente e percebido de várias formas. Exemplo disso é a forma como os faxinalenses consideravam os produtores vindos de Santa Catarina, chamados de “os de fora”, atraídos pelo baixo valor das terras. O depoimento do senhor Arnaldo Rossa demonstra bem o sentimento que predominava: *“eles chegaram com trator, maquinário, carro, uns até com caminhão...então aquilo era um estrondo... quem que não queria aquelas coisas pra si?”*. (ROSSA, Arnaldo. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.)

O mundo do nascente agronegócio era apresentado como o que havia de melhor, e os agricultores que já estavam nesse processo acreditavam piamente nisso. Mas muitos persistiram por muitos anos em sua agricultura tradicional, porém, com o passar dos anos mesmo os defensores do faxinal usam tratores e as novas técnicas agrícolas. Isso mostra que pelo movimento das tecnologias e da globalização, sem contar incentivos governamentais, esses bens tecnológicos estão disponíveis a todos (Santos, 2002, p 37).

A obra de Vieira Pinto aqui explanada nos ajudou a perceber como as tecnologias condicionam a realidade social dos homens. Ele não defende que existiam tecnologias melhores ou piores, o que existe é a desigual distribuição dos bens tecnológicos. Os faxinalenses, por anos, viveram com as tecnologias de plantio que não possibilitavam grandes números de produção.

A terra produzia, mas não em grande escala; “dava pro gasto” como eles afirmam. Eram eles que se submetiam à natureza e não o contrário. Quem condicionava a vida era muito mais a natureza e seus recursos, muito bem conhecidos por eles, mas não tecnologias que pudessem ajudá-los a “domar a natureza”, por assim dizer.

Como essas tecnologias disponíveis cansavam muito o solo, nos anos de 1950 muitos entram em crise e se assustavam ao afirmar que a terra não produzia mais como outrora, e a Revolução Verde trouxe os adubos químicos que, além de dar vida nova ao solo, juntamente com a fumicultura, possibilitaram a permanência de muitos faxinalenses no campo, porém com sérias transformações em seus modos de vida e costumes.

CAPÍTULO III

OS QUADROS DE COMÉRCIO DE 1900 A 1960: INSERÇÃO DOS FAXINAIS

3.1 Relações comerciais incipientes na cultura faxinalense.

Dedicamos agora uma discussão específica sobre os quadros de comércio dos faxinalenses até 1960, abordando como era o consumo, a questão da crise das policulturas de sobrevivência, a crise da erva mate e o êxodo dos jovens faxinalenses para os grandes centros nessa época, tendo como pano de fundo a questão do comércio no mundo.

Como já fora exposto no trabalho, os faxinalenses viveram por muitos anos em um sistema de agricultura de subsistência, com ênfase na criação de animais a solta e na policultura para “o gasto” e a venda dos poucos excedentes. O grosso do dinheiro a que esses sujeitos tinham acesso vinha de atividades extrativistas, como o corte de madeiras e a extração de erva-mate, em trabalhos realizados com o uso de ferramentas rústicas⁶⁴.

Outra forma de ganhar dinheiro era com a venda de porcos, mas isso era somente para os mais ricos, aqueles que possuíam mais terras para plantar, realizando a solta e engorda dos animais que eram vendidos para abatedouros de Ponta Grossa e Guarapuava, os centros comerciais da época.

Por mais que os faxinalenses necessitassem de pouco dinheiro, não há dúvida de que eles necessitavam de dinheiro, pois não viviam em uma ilha de organização primitiva e criavam ligações econômicas com os grandes centros da época, já citados acima. Os faxinais pesquisados nessa dissertação tinham ligações econômicas como fornecedores e como consumidores, fato relatado nos depoimentos colhidos junto aos nossos depoentes.

No que diz respeito ao papel de fornecedores, os principais produtos que tinham, origem nos faxinais eram a erva-mate, os porcos e, em menor escala, as madeiras fornecidas para vários setores, principalmente para a fabricação da estrada de ferro, onde a madeira era utilizada em forma de dormentes para os trilhos.

Seu Delfino afirma que a erva-mate extraída em sua época, na comunidade de Faxinal dos Paulas, era comercializada até os anos de 1950 para a cidade de São Matheus, que beneficiava a erva e depois vendia para a maior empresa do setor em solo brasileiro na época,

⁶⁴ Apesar de ser o que de mais moderno havia para a época em termos de ferramentas, o trabalho era realizado com facões, serras americanas, machados e enxadas.

a Leão Junior, que beneficiava e revendia para o resto do Brasil. Sobre isso o seu Delfino afirma que *“depois que fazia a erva, de primeiro vendia lá pra São Matheus”*.(OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Julho de2014).

Alguns anos mais tarde estabeleceram-se comerciantes em Rio Azul que compravam e revendiam aos grandes centros de comércio, o que demonstra o aumento do fluxo comercial das pequenas cidades. Já sobre o comércio dos porcos, a família do senhor Edgard Goebel, do Faxinal do Mato Branco de Baixo, município de Imbituva, por muitos anos trabalhou com a agricultura de subsistência, baseada na extração da erva-mate e na engorda e venda de porcos. Sobre isso o senhor Edgard afirma como seu pai, o senhor Germano Goebel, realizava a venda dos porcos para cidade vizinha de Ponta Grossa: *“o pai ia de trem até Ponta Grossa tratava o negócio, no outro dia os porcos tinham que estar lá”*. (GOEBEL, Edgard. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de2014,).

As empresas que compravam os porcos para o abate, eram filiais paranaenses do grupo Mattarazo, de São Paulo, que na época comercializava banha para todo o país.

A madeira era comercializada nas cidades por onde a estrada de ferro passava, em Rio Azul, seu Delfino relata como era realizado o comércio

Nóis vinha... de carroça com duas, três dúzias de dormentes e vendia para o véio Jacob Burko... vendia não, trocava pelas coisa que nós não tinha e precisava, como foice, machado, até uma lima pra afiar uma ferramenta... não, nessa época ele não tinha tecido...essas coisinha... (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014).

Podemos perceber que existiam ligações comerciais entre os faxinalenses com os grandes centros comerciais da época que antecedeu o plantio de fumo nos faxinais, e esse processo não era somente de consumir, mas também de fornecer muitos produtos. Podemos concluir que no comércio e nas trocas comerciais os faxinalenses tinham papel de atores e não só de coadjuvantes.

Quando pensamos no consumo de produtos de primeira necessidade, como tecidos, sal e ferramentas, esses produtos também vinham dos grandes centros, aliás, eram os faxinalenses que iam até os grandes centros fazer suas compras, mostrando que a ligação com os grandes centros era realidade e não existia isolamento como por muito tempo se imaginou, pensou e se defendeu.

As visitas aos grandes centros, pelos faxinalenses, eram feitas poucas vezes ao ano, em via de regra uma vez ao ano, depois de receber o dinheiro gerado pelas safras de erva, ou

pela venda de porcos, ficando a venda dos excedentes das safras em trocas simples, como seu Jaciel afirma em seu depoimento sobre as viagens que seu pai fazia para realizar as compras para sua família:

Meu pai seu Durval Martins, ia num dia de trem para Ponta Grossa e voltava no outro dia, fazer compra de tecidos pro ano inteiro e pra todo mundo da casa, era comprado por metro, era caro em Irati, por isso ele ia pra Ponta Grossa, comprá nas Pernambucanas, que na época vendia tecido também... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014,).

O comércio de trocas e excedentes era realizado, em sua grande maioria, nas cidades de origem dos produtos, mas, mesmo assim, tinham ligações comerciais com os grandes centros, pois os outros produtos como o querosene, o sal e o açúcar vinham pela estrada de ferro nas cidades em que passavam os trilhos da ferrovia São Paulo - Itararé. Naquelas em que os trens não passavam essas mercadorias chegavam pelos carroções, ou até pelos tropeiros de gado ou de porcos, nos anos de 1950. (BACH, 2008, p. 28).

Para a sociedade em geral que possui pouco conhecimento sobre o tema faxinal, acreditam e defendem que o faxinal é um reduto de economia comunal e que somente a partir dos nos 1950, 1960 o capitalismo foi sendo incorporado ao sistema. Nesta perspectiva, afirmam que essa introdução do capitalismo causou a destruição de vários sistemas, pois as mercadorias, as facilidades e as tecnologias, seduziram os faxinalenses ao ponto de todos optarem por um modo de vida diferente do qual estavam acostumados, e isso foi ruim para as suas tradições.

Por muito tempo se pensou que o capitalismo foi imposto aos faxinalenses e que eles não tiveram escolha, parecido com o processo de desterritorialização ocorrido com os indígenas, mas os depoimentos e a análise referencial e documental realizada nos permite pensar que os faxinalenses sempre mantiveram laços comerciais com os grandes centros, tanto de venda, troca e compra e as relações capitalistas sempre existiram. Nesse sentido, não é correto afirmar que as mudanças das décadas de 1950 e 1960 inauguraram as relações capitalistas. Elas apenas acentuaram.

No depoimento dos senhores Jaciel e Acibaldo Martins percebemos o interesse dos jovens da época em poder consumir produtos que eram desejados por todos os jovens, desde a cidade até os fundões do campo, e eles nos anos de 1960, Jaciel com 14 anos, e Acibaldo com 15, quase foram embora do faxinal, só permaneceram porque em 1962 começaram a plantar fumo e já na primeira safra puderam comprar roupas desejadas e a primeira gaita, pois eram filhos de cantor. No segundo ano o senhor Jaciel comprou uma bicicleta e o senhor Acibaldo

uma montaria completa pra ir nos locais desejados. Como eles mesmos afirmam, “*não que nós fiquemos rico, mas pra época nós tava bem*” (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

A agricultura tradicional e a criação extensiva dos animais trouxe condições de permanência no campo por muito tempo, mas no século XX, principalmente no período pós segunda guerra, o capitalismo cresceu extraordinariamente, forçando o aumento do consumo e, conseqüentemente, o aumento da produção.

Esse crescimento trouxe novas tecnologias que encurtaram distâncias e dinamizaram os laços econômicos. É nesse momento que algumas cidades se destacam como centros regionais, como é o caso da cidade de Irati, na região geográfica abrangida por nossa pesquisa. Essa cidade assume esse papel trazendo mais para perto as ligações comerciais, agora não precisava ir até Ponta Grossa atrás de tecidos, sal, algodão e ferramentas.

O exposto nos mostra que os faxinalenses não viviam isolados, mas sempre estabeleceram relações com os grandes centros comerciais, com menor intensidade, mas havia esse movimento de periferia-centro. O momento da implementação das novas técnicas agrícolas, acontecido em meados dos anos de 1950 nos EUA e Inglaterra e anos 1960-70 no Brasil, muda a visão sobre a agricultura e o uso da terra. A partir de momento produzir mais e melhor era o lema e muitas indústrias aproveitaram a onda de transformação e apostaram em territórios até então sem muitas conexões de produção de gêneros, daquilo que poucos anos mais tarde veio a ser conhecido como agronegócio.

3.2. Novas culturas, novas ferramentas, novas técnicas e novos moradores.

Após os anos de 1960, o modo de vida faxinalense sofre muitas mudanças e interferências externas ao sistema, principalmente com a chegada dos gaúchos⁶⁵, que com os incentivos governamentais para comprar máquinas e também com a alta dos preços das terras no Rio Grande do Sul, vendem suas terras no Estado de origem e compram terras nos territórios faxinalenses por preços extremamente baixos. Os principais motivos eram os donos terem extensas áreas e não conhecerem boas técnicas de manejo para cultivá-las e os faxinalenses não possuírem condições para comprar as terras (COZER, Darci. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 13 de dezembro de 2013).

⁶⁵ Gaúchos, foram denominados todos os migrantes que vieram ao faxinal, mesmo os catarinenses.

Os gaúchos traziam uma nova ótica cultural de produção, voltada para o mercado, principalmente com as novas plantações de soja. Trouxeram, também, uma agricultura mecanizada, que necessitava de maiores áreas de plantação com o uso de maquinários agrícolas, pois se utilizavam de tratores, plantadeiras, colhedoras, entre outros artefatos de mecanização agrícola, em grande parte contrapondo-se com a sistemática de produção do pequeno produtor rural da região, ainda atrelada aos artefatos agrícolas de tração animal utilizada por muitos anos, sem muitas inovações, pelos faxinalenses (RUPP, 2008, p. 89-95).

A chamada Revolução Verde nos anos de 1960, trouxe novos meios de produção, além de novos gêneros agrícolas, entre eles, no Centro Sul do Estado do Paraná, a fumicultura, teve destaque, pois adaptou-se muito bem ao sistema de produção faxinalense, de forma integrada com grandes empresas fumageiras, como a Souza Cruz, que dão todos os insumos para a produção, além da certeza de compra de toda a produção por um preço bastante atrativo (EMATER, 1998, p. 24).

Percebemos nesse relatório da Emater que os órgãos governamentais viam com bons olhos a fumicultura, e os problemas de uso intensivo de agrotóxicos e a falta de melhores tratamentos culturais, que ainda não tinham ênfase nesses discursos, e nenhuma preocupação com o problema da monocultura, que eliminava os outros produtos que eram tradicionalmente cultivados pelos agricultores dessas áreas, o que se dava destaque era o fator econômico, que melhorou muito com o fumo, e no limiar dos anos 2000, a agroecologia não estava na pauta de discussões da Emater.

A partir do momento que a fumicultura adentra nos faxinais, agrega renda ao produtor rural e traz novas possibilidades de consumo que até então não eram possíveis com a agricultura tradicional de subsistência praticada pelos faxinalenses. Isso torna este cultivo ainda mais atrativo aos produtores, ponto a favor de um produto desconhecido até então.

Os irmãos Jaciel e Acibaldo, que afirmaram não ter perspectivas de subir na vida, com o estilo tradicional faxinalense, contaram que compraram sua primeira gaita no primeiro ano que plantaram fumo, além de uma bicicleta para cada um (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.)

O tipo de fumo que as empresas trouxeram⁶⁶ era algo exógeno ao sistema faxinalense. Não que a cultura do fumo fosse totalmente desconhecida nessa região, mas o tipo e a forma de cultura eram diferentes. Como se observa pelo relato do Senhor Delfino, o fumo plantado pelos moradores locais era o que se denomina fumo-de-corda. Nas palavras dele *“esse fumo Virginia, esse nós não conhecia, só conhecia o fumo-de-corda, que nós*

66 O primeiro cultivar de fumo trazido segundo todos os depoimentos foi chamado de “amarelinho”.

fumava, mas esse prantava pouco; 200, 300 pés pro gasto”. (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014.).

O senhor Jaciel também conhecia e ajudava seu pai no plantio do fumo tradicional, o fumo-de-corda: *“o pai sempre fazia... não era muito... no caso nosso não era pra venda... não dava nem mil pés... o tio Bepe já plantava quatro, cinco mil pé... pra vender..”* (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.)

Essa afirmativa dos senhores Delfino, Jaciel e Acibaldo, todos faxinalenses que aderiram ao plantio de fumo no sistema integrado, nos faz crer que esses sujeitos conheciam o fumo tradicional, plantado em uma escala pequena e que, assim como todos os outros gêneros plantados no faxinal, tinha por função a subsistência, o consumo próprio e as poucas sobras eram comercializadas.

Os faxinalenses começaram a plantar fumo por vários motivos, segundo eles próprios afirmam, porém, o maior de todos os motivos foi a possibilidade de renda que o fumo poderia trazer usando pequenas áreas de terra e permitindo que eles continuassem plantando suas culturas tradicionais, pois eram plantios de épocas diferentes, com exceção do feijão que tinha a colheita ao mesmo tempo em que o fumo, mas em uma semana era realizada a colheita. O fumo era algo que tinha função de trazer renda extra, mas sem excluir as lavouras de subsistência, que inda eram importantes, além de ser uma das várias exigências das empresas que se instalaram na época (ROSSA, 2014, p. 4).

No sistema faxinal, por muito tempo o plantio de fumo conviveu com a agricultura tradicional e foi uma alternativa chamativa de renda, pois aquilo que era produzido para gerar excedente e, conseqüentemente, renda, não comprometia o uso do solo para outras culturas em outras épocas do ano. As lavouras de milho, feijão e arroz principalmente, além das criações no criadouro comum, continuavam a ser produzidas como em outros tempos devido ao uso do solo sem muitos tratos e cuidados agrícolas, mas não tinham preços satisfatórios.

Assim, os faxinais ampliaram a sua inserção na lógica do mercado capitalista, o que representou, como já afirmamos, a aceleração de um processo de mudanças estruturais no modo de vida faxinalense.

CAPÍTULO IV

FUMICULTURA E COSTUMES FAXINALENSES: PRÁTICAS EM TRANSFORMAÇÃO.

4.1 De produto já conhecido pelos povos tradicionais à sua introdução comercial nos faxinais: o fumo em breve trajetória.

Muitos estudos sobre a fumicultura apontam que sua origem é americana, apesar de algumas pesquisas afirmarem que o fumo já poderia ter sido utilizado na Ásia desde o século IX, fumado em cachimbos, mas a hipótese mais aceita é de que sua origem é americana, mais especificamente nos vales orientais dos Andes bolivianos (SEFFRIN, 1995, p. 18-19).

Não eram somente os indígenas dos Andes que usavam o fumo, pois sabe-se que os povos dos Andes comercializavam com toda a América e os povos do grande tronco guarani também o conheceram e o utilizaram de várias formas. O uso em rituais mágico-religiosos e medicinais predominava, ou seja, ele não era para uso de todos, mas limitado aos pajés que usavam sua fumaça como purificadora, entendendo que ela teria o poder de proteger e curar (SEFFRIN, 1995, p 19).

Entre suas propriedades curativas estavam componentes que curavam dores de cabeça e feridas e dores no estômago. Com o tempo seu uso foi aumentando e aqueles que podiam usá-lo, comiam, bebiam, mascavam, chupavam, cheirando e fumando. O pesquisador Jean Baptiste Nardi afirma que no primeiro contato que Colombo teve com os Caraíbas, os indígenas lhe ofereceram frutas e folhas secas, que nada mais eram do que folhas de fumo. Desde então surge uma nova e surpreendente história de expansão do fumo (SEFFRIN, 1995, p 19).

Seu uso inicialmente foi entre os marinheiros e soldados, usado para passar o tempo. Esse fumo era obtido das trocas com os indígenas e com o tempo foi levado para Portugal e depois para o resto da Europa, onde foi cultivado e também usado como moeda de troca de grande valor, tanto no Brasil como também na Europa.

O fumo teve tamanha aceitação na Europa que dentro de poucos anos transformou-se em um negócio muito rentável, tendo papel de extrema importância no comércio escravista do Brasil colonial, visto que era moeda de troca de alto valor com os traficantes africanos. Com o passar do século XVIII, a produção foi saindo do norte, passando por Minas e São Paulo, até

chegar ao Rio Grande do Sul, onde era cultivado por colonos alemães principalmente nas colônias de São Leopoldo e, mais tarde, na colônia de Santa Cruz, que hoje é conhecida como capital mundial do fumo (SEFFRIN, 1995, p 27).

O fator da fumicultura estar localizada no Rio Grande do Sul, depois em Santa Catarina, fez com que, ao faltar o produto nessas regiões de produção, as companhias produtoras viessem ao Paraná, onde identificaram os faxinais como sendo os locais que melhor preenchiam os pré requisitos, por conta dos minifúndios, com mão de obra familiar. Entretanto, a adesão dos faxinalenses não foi imediata. *“Em Rio Azul foram só cinco estufas no primeiro ano”*, (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014) como afirma o senhor Jaciel, mostrando que poucos aceitaram a novidade no início. Ele mesmo achou que não daria certo, mas logo no ano seguinte os produtores se renderam aos encantos e promessas que a fumicultura e os instrutores propagavam.

No início muitos não aceitaram a novidade, diziam que estragaria as terras, que eram muitas dívidas, e os mais antigos, como a avó dos senhores Jaciel e Acibaldo Martins, que não deixou o filho Durval Martins, com quem morava, plantar fumo nos primeiros anos porque acreditava piamente que o fumo era o início da implantação do comunismo no Brasil. Se considerarmos que o mundo vivia os anos iniciais da Guerra Fria e a Cortina de Ferro, ela tinha certa razão em seu medo, pois todos produziram uma coisa só, e exatamente a mesma quantia, isso só poderia ser o comunismo. Mas de qualquer forma o senhor José “Bepe” Zem fez um contrato com a Souza Cruz em 1958, contrariando a mãe, os irmãos, amigos e vizinhos que estavam todos receosos com a novidade.

4.2. Expansão da fumicultura nos faxinais da região centro-sul do Paraná.

No município de Rio Azul, os primeiros a plantarem fumo foram os senhores Gabriel Rymiscza, José Kruk, tio Bepe Zem, José Dusanoski, Antonio Dusanoski e João Veretki.

... o meu sogro, seu Gabriel Rymiscza, fez o primeiro contrato com a Souza Cruz, eles passaram aqui, com certeza vieram de trem, nem sei como eles chegaram, acharam o sogro na cidade, conversaram com ele, daí foram na casa dele e acabaram fazendo o primeiro contrato... daí ali já entrô junto José Kruk, tio Bepe Zem, vizinho nosso colocô estufa, José Dusanoski, Antonio Dusanoski e João Veretki, daí começô a fumicultura em Rio Azul, em 1958... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.)

A lembrança construída pelo senhor Jaciel revela muitas instâncias. A primeira e mais intrigante delas é a do desconhecimento do interesse da empresa para que eles plantassem fumo. Ninguém sabia como, nem porque, a Souza Cruz tinha interesse que eles plantassem fumo, em vez de milho, feijão e arroz, como eles sempre plantaram. Era muito estranho ter que plantar vinte e cinco mil pés de fumo, mas as promessas de grandes lucros seduziram esses a quem seu Jaciel narrou.

Como o consumo aumentava e a produção gaúcha e catarinense não era suficiente, a Souza Cruz, depois de estudos em outras áreas como na Bahia e Alagoas, concluiu que estes Estados eram bons produtores de fumos escuros e seus solos não atendiam a pré-requisitos básicos para a produção do fumo claro, características que foram identificadas na região centro-sul do Paraná. Vejamos o manual que foi um verdadeiro guia para os orientadores que foram para as novas áreas:

Devido a grande demanda mundial por fumos claros... destinados a produção de cigarros com alto padrão de qualidade... desde o século passado o Rio Grande do Sul produz os melhores tipos de fumo... fumos que deram credibilidade a empresa... depois na década de 20, Santa Catarina também conseguiu bons resultados com o plantio... atualmente a sociedade mundial tem aderido ao hábito de fumar... nesse cenário a empresa produz cigarros de excelente qualidade... os locais de produção, na última safra apesar da grande produção não deram conta de matéria-prima para os cigarros Souza Cruz... estão entre os melhores do mundo... uma longa e difícil pesquisa para aumentar os territórios produtores foi ao nordeste brasileiro... pioneiro e tradicional produtor de fumos desde o Brasil Colônia... encontrou entraves intransponíveis... terra de coloração preta, pobre em nutrientes, como nitrogênio, potássio... população com características de produção em escala reduzida... distante do centro produtor (Santa Cruz do Sul)... desse resultado negativo a empresa voltou seu interesse para o estado do Paraná... com solos desejáveis, apesar de apresentar carência de minerais, possível de correção agrônômica... população com descendência europeia... lenha e madeira para a construção das unidades de cura... próximo ao centro produtor... características presentes que agradam a empresa... tradição familiar de produção...(Souza Cruz, 1956, p. 11- 13).

Levando esse documento em conta, podemos afirmar que há um conjunto de fatores interligados que cooperaram para que a fumicultura entrasse nos faxinais. O primeiro deles foi o crescimento do consumo de cigarros em todo o mundo, principalmente nos EUA, particularmente os cigarros de fumos claros, produzidos em grande escala no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com esse aumento do consumo e da demanda, as áreas produtoras precisavam se expandir, mas para onde?

Para essa pergunta o relato do senhor José Ludovich pode trazer esclarecimentos

O que a empresa precisava era de gente com vontade de trabalhar... isso tinha em muitos lugares... de ter ido para essa região se explica por ser mais perto da matriz lá no Rio Grande, uma questão de logística, e a outra era a questão agrônômica, pois os solos eram excelentes... bem parecidos com os do Rio Grande e Santa Catarina... o perfil dos colonos era o mesmo dos do Rio Grande, e a Souza achô que dava certo... (LUDOVICH, José. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 26 de Junho de 2014.)

O relato do técnico, senhor José Ludovich pode ser lido como um complemento de uma das instruções contidas no manual que a Souza Cruz, onde está presente a seguinte orientação:

Será necessário que os técnicos se adaptem aos novos ambientes de trabalho... vários fatores se colocam a favor da futura implementação do cultivo nessa nova área... a proximidade com o estado de Santa Catarina... o que torna o transporte até a matriz mais fácil e rápido... os solos presentes tem resquícios de pedra calcária e também de restos vulcânicos... necessários para a produção de fumos do tipo O... um mercado produtor com qualidades para uma empreitada de sucesso...(Souza Cruz, 1956, p. 17 et seq.)

Relato esse que nunca foi de conhecimento dos futuros produtores; “coisa interna, só para os técnicos” como afirma seu José. Os produtores ficaram sabendo da novidade e muitos nem sabiam como os técnicos chegaram, “*pois não sei de certo de trem, foram na casa do tio Bepe e fizeram o pedido, mas como ele veio, não sei dizer*”, outra afirmativa do senhor Jaciel, comentando do dia que seu tio fez o pedido de número 1 na história do fumo no município de Rio Azul.

Outra questão presente nesse manual é o aconselhamento quanto à possibilidade dos agricultores não aceitarem a proposta do novo plantio. Dizia ele:

Seja feita propaganda de forma intensiva junto as comunidades e agricultores... os primeiros cadastros devem ser feitos com produtores de sucesso nas atividades que exercem...esses produtores devem ser auxiliados em todas as fases da cultura... pois o seu sucesso simboliza o sucesso do novo empreendimento (Souza Cruz, 1956, p 21-22).

A propaganda foi de fundamental importância para que os primeiros agricultores topassem a nova empreitada. Os técnicos mostravam fotografias prometiam muitos lucros e sucesso econômico. Para aqueles que aceitaram, a empresa investiu pesado para que tivessem sucesso. A estratégia deu tão certo que dos primeiros cinco contratos em 1958 em Rio Azul, no ano seguinte o número mais que dobrou, foram onze novos contratos. Momento que os técnicos reuniam os moradores na escolinha da comunidade e novamente a propaganda era a alma do negócio, com fotos e falas convincentes para que os produtores fossem seduzidos e

começassem a se dedicar ao plantio. Muitos disseram não, mas eram vistos como avessos ao progresso e ao possível sucesso econômico.

O fumo trazia a possibilidade de plantar algo cuja finalidade não era alimentação, nem mesmo dos animais, algo quase que totalmente desconhecido, sobre isso a orientação técnica 002 de 1959 diz

Se faz necessário que os técnicos mostrem a importância do novo plantio, pois com a renda do tabaco, o agricultor poderá comprar todos os gêneros dos quais necessitar com menos trabalho que com as culturas sazonais... podendo o agricultor com o fim da safra do tabaco dedicar tempo maior as suas instalações e possíveis reparos... além de tempo disponível ao descanso... e lazer (Souza Cruz, orientação técnica 002, 1959, p 5)

Essa orientação técnica mostra que o fumo interferiria até no modo de produzir e vivenciar o cotidiano dos faxinalenses, pois eles estavam acostumados a viver de forma autossustentável, e esse dinheiro extra poderia mudar as coisas, dar mais tempo livre, a uma cultura que sempre regulou seu tempo, poderia gerar mudanças das quais não se poderia saber o resultado. Como o faxinalense vivenciaria esse tempo e dinheiro a mais?

Muitos disseram não e resistiram o quanto puderam, pois a renda e tempo extra, não seduziram, nem despertaram interesse.

O que chama a atenção nesse caso é o fato de que os faxinais tinham um modo de vida que, se comparado com a atualidade, tinha pouca ligação com o capitalismo mais abrangente, conforme vimos anteriormente, por motivos como distanciamento, poucos recursos e uma cultura de subsistência, mas as relações comerciais sempre existiram, com mais contato em determinadas épocas do ano, mas relações comerciais entre faxinal e centros comerciais sempre foram de importância. O que se pode afirmar, com base nos depoimentos colhidos. é que antes do fumo os produtos e principalmente o dinheiro para transações comerciais era escasso.

A cultura do fumo possibilitava o rompimento dessa realidade, pois o fumo seria comercializado a quilômetros de distância, traria dinheiro, e exigiria cuidados em tempo quase integral, dificultando as culturas de subsistência, apesar de que até os nos de 1990, fumo e policulturas de subsistência coexistiram nos faxinais.

Para a Souza Cruz, a sua intervenção não era ruim, pois de acordo com a orientação técnica 002 de 1969, a empresa acreditava que

Pela sua ação a empresa tem como intuito trazer melhorias na vida de agricultores acostumados com escassez de boas colheitas e dinheiro... podendo assim ajudar esses agricultores a terem melhores condições de

vida.. deixando de serem vítimas pelo desconhecimento da natureza... possuindo-a como amiga (Souza Cruz, orientação técnica 002, 1959, p. 5)

Aqueles que se aventuraram no plantio do fumo desejavam um pouco mais de tranquilidade econômica, pois os agricultores não tinham noção de tudo que representava os adubos e venenos, mas o que mais seduziu e funcionou foi a questão econômica, e essa era a promessa mais tentadora do fumo, como explica o senhor Arnaldo Rossa que era jovem nos anos de 1960 e também estava descontente com a situação econômica de sua família, devido ao baixo poder aquisitivo que a venda dos excedentes proporcionava.

Olha, quando o instrutor chamou o pai pra fazer o pedido... porque nós não tinha terreno, então era plantado de meeiro, era aqui na Palmeirinha... eu fui junto porque era o mais velho, o Picareta⁶⁷, encheu de conversa, trouxe fotos de gente, família de Santa Catarina que plantaram fumo e ficaram bem de vida... até carro tinham... nós naquela esperança do começo... e nos primeiros anos até que melhorou bastante... deu pra comprar carroça... pagá os financiamentos... mais sempre continuemo plantando as lavoura pra comer. (ROSSA, Arnaldo. Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.).

Plantar fumo para os faxinalenses significou ter mais dinheiro disponível para as despesas da casa e para a compra das ferramentas, que haviam aumentado depois do fumo. O fator econômico também levou o senhor Delfino a plantar uma estufa em porcentagem com sua vizinha, dona Marculina, pois os filhos estavam crescendo e o dinheiro diminuindo. Plantar fumo foi a saída, vejamos

Plantar fumo por que? Pois não tinha mais o que fazer, os filhos grande queriam as coisa, erva não dava mais nada, coisa miúda⁶⁸ também não, porco bastante a gente não podia criá, pois não tinha terra pra plantá bastante milho e faze a engorda, outros serviço não dava muita coisa... ói eu trabalhei na pedreira muito tempo, mais o serviço era pesado e dava poco... daí quando a Marculina me propois a estufa eu topei... dizia que dava dinheiro... dava mesmo... as coisa melhoraram...dentro de pouco tempo os (filhos) mais véio se casaram e foram plantá fumo... no que tão até hoje (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosinaldo de Carvalho em 2014, p. 13).

Percebemos que o fator econômico levou o senhor Delfino a plantar fumo, pois tudo aquilo que ele e os filhos faziam já não dava conta dos novos consumos e produtos que na grande maioria das vezes era desejo dos mais jovens, aqueles que foram embora nessa época buscando melhores condições.

⁶⁷ Picareta era o apelido do senhor José Ludovich, o instrutor que realizava os pedidos e financiamentos das primeiras estufas.

⁶⁸ Coisa miúda eram os excedentes das safras de milho, feijão, e outros gêneros de subsistência.

Muitos foram aqueles que foram aos grandes centros em busca de melhores condições de vida e consumo e não obtiveram sucesso. Um caso é do senhor Mariano Romanovichz que foi com seu irmão José para Curitiba trabalhar em madeireiras, pois segundo ele

Não tinha o que fazer, o pai não quis plantá fumo, foi cuidá do moinho, morreu lá e nós sem terreno sem nada, sem dinheiro pra pagá uma gasosa pras moça nos chimango⁶⁹, minha irmã já morava lá, daí fumo trabalhar pra ganha uns troco... mais não se acostumemo só fiquei dois ano e voltei (ROMANOVICHZ, Mariano. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de 2014.).

O senhor Mariano ao voltar fez como muitos que foram e voltaram, ao ir cheio de esperança de melhorar de vida mais não se acostumaram, voltaram frustrados, se casaram e foram plantar fumo. O senhor Jaciel, com seu irmão Acibaldo, convenceram seu pai a colocar uma estufa e tudo melhorou depois de cinco anos que seu tio Bepe havia iniciado com o plantio. *“Se nós tivesse começado plantar antes, hoje a coisa tava bem melhor, naquela época dois ano dava dinheiro por dez anos hoje”...* (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.)

De acordo com os relatos, plantar fumo trouxe um dinheiro desconhecido até então pelos faxinalenses, até mesmo por aqueles que tinham uma situação melhor, como a família do senhor Edgard Goebel, de Imbituva, que mesmo com terrenos para plantar grandes lavouras para os padrões da época, com tração animal e vendendo porcos em quantidades consideráveis, o fumo em pequenas quantidades gerava mais lucros.

Nas palavras do senhor Edgard

Aqui começô o plantio em 1965, o pai dizia que fumo nas terras dele nunca ia ser plantado, quando ele deixou eu coloquei uma estufa, pra Souza Cruz, pra 25.000 mil pés, um pedacinho bem pequeno nos treze alqueires do pai, dava dez vez mais dinheiro que o resto das coisa que ele fazia em muito mais terra (GOEBEL, Edgard Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de 2014.).

Os depoentes sempre afirmam que para pouca terra, o fumo é a melhor alternativa. Nos faxinais as medidas de terra seguem as medidas paulistas, ou seja, o alqueire mede quarenta litros e cada litro mede 605 metros quadrados. A contagem dos pés de fumo é feita em milhar, ou seja, costuma-se dizer que fulano plantou 50.000 pés de fumo. Para mil pés de

⁶⁹ Chimango era um momento dos bailes e fandangos que em dado momento eram as moças que convidavam os rapazes para dançar e esses, em sinal de agradecimento, pagavam uma gasosa. Essa prática era comum em dois momentos: podia ser para se arranjar os namoros e casamentos, ou quando era baile da escola podia servir para dar mais lucro ao botequim do evento, sem deixar de servir o primeiro motivo.

fumo é necessário um litro de terra, ou seja, 605 metros quadrados. Em um alqueire podem ser plantados 40.000 mil pés de fumo.

Segundo todos os relatos, sem exceção a empresa cedia o financiamento e o pedido para 25.000 pés de fumo para uma família de no mínimo seis pessoas, ou seja, não exigia apenas 25 litros de terra, que tinha que ser de terra branca com presença de cascalhinho, “*igual as presentes no Rio Grande do Sul e Santa Catarina*”. (LUDOVICH, José. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 26 de Junho de 2014).

Comparando-se que 25 litros de terra geravam mais renda para seu Edgard plantando fumo, do que todas as outras lavouras em 13 alqueires, o dinheiro do fumo era extraordinário. Vejamos; 13 alqueires X 40 litros totalizaria 520 litros trabalhados não rendiam por 25, ou seja, cerca de 12% da área cultivável. O plantio do fumo era muito atraente.

Mas não era qualquer um que podia plantar fumo, pois sem terras era impossível. Esse fator traz um fato que se repete nos faxinais, pois muitos daqueles que não tinham terras plantaram logo nos primeiros anos, como seu Delfino que aderiu já na segunda safra, ou seja, 1959\1960; e seu Arnoldo que em 1963, com seu pai, trabalhando de meeiros, realizaram plantações de fumo na comunidade de São João da Palmeirinha.

Isso mostra que a antiga estrutura agrária permaneceu depois do fumo, pois quem tinha as terras, mas não queria cultivá-las acabava entregando-as para os antigos meeiros das lavouras de subsistência, que continuaram a cultivar essas lavouras juntamente com o fumo, assim o fumo não trouxe tantas riquezas como prometia, nem ascensão social.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, a pioneira Souza Cruz viu no local um grande produtor, e insistiu trazendo mais renda as famílias de agricultores, não foram só eles, mas nos primeiros anos o fumo movimentou toda a economia, pedreiros, olarias.

Os técnicos escolhiam os produtores que segundo a política da empresa “*tenham um histórico de trabalho e capacidade de seguir orientações, além de suas terras serem do tipo “branco*” (Souza Cruz, orientação técnica 002, 1959, p 8)

Mas ter as terras não era suficiente; tinha que ser terra branca. Além disso, a família tinha que ter pelo menos 6 adultos, para conseguir o pedido para 25.000 pés. O financiamento era para 3 anos somente e era para materiais de construção e canos. A madeira a ser utilizada era de responsabilidade e de contrapartida do plantador. Como afirma o relato dos irmãos Jaciel e Acibaldo

O tio Bepe fez o pedido, depois veio o pedreiro acharam o lugar e depois que chegou os materiais. O pedreiro fez ate uma altura daí desistiu, e é incrível, eu tinha dois três anos e me lembro do tio Bepe terminando aquela estufa...

era uma novidade tão grande... nós ia lá ajudá e querendo plantá... mas a avó e o pai resistiram o quanto puderam... (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014).

O fumo foi novidade e como toda novidade gerou medo e desconfiança no início. Depois, ao ver o sucesso dos que se arriscaram, muitos acabaram por ceder. Personagens de destaque foram os orientadores, chamados desde aquela época de instrutores, os técnicos agrícolas tinham um imenso trabalho, pois muitos, quase todos os agricultores faxinalenses, tiveram verdadeiras aulas para aprender com os professores instrutores. Seu Delfino diz que *“nóis tivemo que ter escola pra plantá fumo... foi lá no véio pai do Juca Saqueto... pois não conhecia esse fumo virginia...”* (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.).

E os instrutores estavam lá mostrando como seria trabalhar com o novo produto. Sobre o trabalho dos instrutores\orientadores o relato de seu Jaciel e Acibaldo mostra que

No primeiro ano ele ajudô fazer os canteiro, preparar os canteiros desde reuni a terra, passá veneno, semeá, podá as muda... plantá foi ele, cortá a flor... foi ele, colher o baixeiro...fazer o fogo...montá os cano...tudo, tudo foi ele que fez por primeiro e mostrou como fazia (Acibaldo MARTINS,Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014).

O papel desempenhado pelo instrutor era de um verdadeiro assistente, que se comparado com a atualidade passa por loucura, como aparece nesse relato: *“Picareta que chegava de madrugada vê se o caboclo tava cuidando do fogo e não tava dormindo, depois do Picareta, era o Irineu, que já andava de bicicleta”*. (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014.).

O orientador era muito respeitado nas tarefas de medir a terra antes de plantar e contar os pés depois de plantados. Caso ultrapassasse os 25.000 pés o excedente era arrancado, pois esse era o limite por estufa. Ainda assim, ao invés do que se pensa, eles eram queridos e respeitados por todos os produtores.

No início as dificuldades foram grandes, principalmente em se habilitar com os venenos, coisa até então de total desconhecimento dos faxinalenses. Muitos sofreram e nunca se acostumaram em acreditar que podia fazer mal, por isso muitos pagaram caro, inclusive com a própria vida, como aparece no relato do senhor Edgard

veneno e adubo ninguém conhecia e sabia trabalha, tinha um veneno que passa nas carreiras antes de plantá, o tar de Furadã, pros bicho, era terrível, como plantava com a mão, ele tava plantando, as três horas, parô, fez um

paeiro e fumô bem sussegado, mas não lavô as mãos, de noite tava morto. (GOEBEL, Edgard. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 22 de Julho de 2014.).

Esse caso relatado mostra uma relação de descaso que ocorreu desde sempre entre fumicultor e agrotóxico. Outro caso de como os agricultores faxinalenses estavam despreparados era sobre o uso de um pó para eliminar pulgões, uma das poucas pragas da época. Sobre isso vale observar o relato do senhor Jaciel:

olha tinha uns veneno, o mais forte era posto nos canteiro, o Brometo, se tivesse furo na lona e alguém cherasse aquilo tava morto, depois tinha o Furadã, pra lagarta, depois o pó pras purga, depois, mais isso bem depois, tinha o tal do 7,5, o nome certo eu não sei, era em embalagem de vidro, nós conhecia pelo nome de mata sete, mais era só também, pra broto não tinha veneno, nem pro amarelinho, nem pro virginia⁷⁰ (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.).

A relação entre venenos e plantadores foi sempre de que o veneno só mata quem não sabe usar, ou abusa, mas durante a pesquisa o que se pode perceber é que os agrotóxicos ceifaram vidas e hoje ainda existe uma relação de extremo descaso com o uso dos agrotóxicos.

4.3. A gradativa desagregação das práticas coletivas de produção.

Nos primeiros anos a nova cultura parecia não interferir no sistema de ajuda mútua dos faxinais, mas o fumo, filho de um sistema de produção diferente, entrou para ficar e como a partir desse momento os instrutores passaram a ditar verdades, eles, em suas reuniões técnicas na escolinha da comunidade, diziam que quem dava dinheiro era o fumo e por isso tinha que ser cuidado em tempo integral e a antiga vida dos fortes laços de amizade começou a sofrer interferência.

Os instrutores davam orientações para que cada um cuidasse de sua lavoura de fumo o máximo que pudesse, pois era atividade que todos “estavam cientes que cada um precisava cuidar do seu, por isso só aqueles com capacidade é que realizavam os pedidos”, afirma o senhor José Ludovich, responsável pelos primeiros anos como orientador.

⁷⁰ Amarelinho foi a primeira variedade a ser plantada, depois veio o virginia que se estabeleceu e é plantado até hoje.

Ao longo da pesquisa o que se pode perceber é que a empresa não dizia com todas as letras que era proibido um vizinho ajudar o outro, mas esse discurso era presente nas entrelinhas. Vejamos:

Não que não pudesse, mais fumo não era que nem milho, arroz, que espera, tinha que colher no dia, se atrasa dava prejuízo, então era meio que cada um por si, não dava pra se ajudá, pois tudo mundo colhia junto, então quando um terminava, tudo terminava (OLIVEIRA, Delfino. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014.).

Esse depoimento mostra que o fumo impossibilitava a prática do puxirão, exposto neste trabalho e, sendo ele um grande elo da vida comunitária, se o fumo não o permitia em nenhuma de suas fases, desde os canteiros até o fim da classificação, e se levarmos em conta que esse tempo no início ia de junho a março do ano seguinte, sobravam apenas três meses para as atividades em grupo.

Deve-se considerar que o puxirão não desapareceu no ano que se começou a plantar fumo, pois muitos não plantaram nos primeiros anos, mas com o decorrer dos anos a maioria dos moradores passou a se dedicar a esse plantio e a prática do puxirão perdeu espaço. Existiam momentos que a comunidade se reunia, como na viação⁷¹, e em outros momentos preestabelecidos, mas com o decorrer dos anos a prática do puxirão deixou de existir.

Aqui até mais ou menos 1986 tinha puxirão pra fazer a viação, depois tudo se combinaram de cada um fazer o seu... depois do fumo cabô a união, o povo não vê, mas até os campo de futebol ninguém mais joga... (depois do fumo) cabô a união e começô as disputa de quem tem mais e pode mais... a vida dos antigo ninguém quer mais... (ROSSA, Arnoldo. Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 10 de Julho de 2014.).

Sente-se uma nostalgia no relato do senhor Arnoldo. Na sua opinião e visão de mundo a vida comunitária se desfez em poucas décadas depois do fumo e no seu lugar se instalou uma rivalidade. Fato curioso, visto que muitos dos faxinalenses se ajudavam ao ponto de mesmo sem quase ninguém ter, chegavam a emprestar dinheiro um ao outro.

O consumo nunca foi muito forte entre os faxinalenses, pois o grande ideal era a subsistência, mesmo porque o dinheiro era raro e escasso e no horizonte de visão das pessoas existia pouco a ser consumido. Naquela época, riqueza consistia em ter terras para que pudesse alugar para terceiros e ter mais recursos para explorar a erva-mate e a madeira e acessar a mais produtos de consumo, como aqueles que inundaram o mercado nos anos de

⁷¹ Viação e a limpeza das estradas e outros locais de costume da comunidade, como cemitério e escola.

1950\60, como televisão, geladeira, aspirador, liquidificador, até mesmo porque nem energia elétrica estava disponível.

Depois da chegada do fumo e a possibilidade de consumir, muitos compraram carroça, arriames e ferramentas que auxiliaram no trabalho. Depois puderam comprar roupas, alguns móveis, os jovens compraram bicicletas, montarias para seus animais, meio de locomoção dos jovens faxinalenses dos anos de 1960, para irem às festas e não precisavam mais fugir do salão na hora do chimango.

Aqueles que estavam há mais tempo trabalhando com o fumo, nos anos 1970 começaram a comprar os primeiros carros, como Jipes, Rural e Fuscas, além de alguns adquirirem os primeiros tratores. O senhor Edgard comprou *“um Jipe em 1975, ano 1958, depois troquei por um Fusca e daí uma Kombi”*. O poder aquisitivo aumentou e possibilitou compra de bens de consumo que trouxeram mais conforto e tranquilidade às famílias, ao passo que diminuiu o contato entre elas.

A vida em comunidade teve seus laços diminuídos com a introdução da fumicultura, afetando um dos maiores elos da vida faxinalense: a religião. As novenas diminuíram, principalmente aquelas que ocorriam durante a época das colheitas, que não contava com a presença daqueles que estavam nas estufas, cuidando do fogo, e não eram só os homens, pois muitos colhiam de dia para amarrar a tardinha e a noite, e as mulheres sempre trabalharam com o fumo, fator que impedia de irem aos encontros.

Outro momento que leva um duro golpe e estava presente no calendário de festas religiosas\rezas faxinalenses foi a reza de São Sebastião, realizada dia 20 de janeiro, no auge das colheitas. O horário da realização era as três horas da tarde e esse dia santo foi o primeiro a sofrer com o trabalho do fumo. Pela primeira vez na história dos faxinais um dia santo era sobreposto pelo trabalho.

Sobre esse fato único até então nos faxinais, seu Jaciel comenta que *“quase ninguém ia, pois se desse no meio da semana, tavam coiando e esse ninguém deixava pra depois, só se fosse num domingo, ou dia que não tinha coieita”*. (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.).

Não foram só as novenas de Natal, a reza de São Sebastião e o puxirão que a fumicultura interferiu. Ela modificou os modos de ver e de pensar dos faxinalenses, principalmente dos mais novos, que com mais dinheiro disponível, começaram a consumir mais e se tornarem mais individualistas.

4.4. Transformações no modo de vida ou colapso de um modelo cultural?

Não se pode afirmar que o fumo tenha transformado os faxinalenses em pessoas ruins. Ele nem interfere imediatamente nos laços de afeto e amizade nos primeiros anos, até mesmo porque o modo de vida faxinalense só foi afetado, de fato, com a chegada dos plantadores de soja, que em conjunto com o fumo e o aumento das áreas de lavoura, foram dando contorno à extinção de muitos criadores de uso comum, para evitar as invasões dos animais nas lavouras. De início esse parágrafo parece contraditório com o resto do texto, mas como ao historiador não cabe o papel de juiz, o que foi feito foi mostrar as alterações que o fumo trouxe na vida faxinalense, mas não cabe aqui julgar se ele foi bom ou ruim, pois devemos considerar o fato de o próprio sistema estar em crise antes o fumo.

O desejo era mostrar as memórias construídas pelos próprios faxinalenses de um momento único em sua história, momento esse em que ele continuou a ser faxinalense, mas passou a integrar mais fortemente o mundo que o abrangia, mundo esse com o qual ele pouco estabelecia contato, até por uma questão de distância e deslocamento, distância essa que segundo seu Edgard ficou bem menor a bordo do seu Jipe 1958.

O faxinalense não mudou por causa do fumo, o mundo é que forçou ele a mudar e se adaptar. Muitos foram embora e deixaram de ser faxinalenses e aqueles que ficaram continuaram a ser faxinalenses, com modificações em seu modo de ser original, mas faxinalenses. Continuaram a criar os animais a solta e a produzir tudo que necessitava para viver.

O senhor Jaciel conta que

Continuemo plantando de tudo, milho, feijão, arroz, abóbora, batata-doce, tudo, tudo... se não, não dava pra viver, sem o milho ia tratá as criação com o que? Feijão e arroz era caro pra comprá, pra vendê não... então nós continuemo quase mais 30 anos naquele mesmo tipo... com a diferença que tinha o fumo pra cuidar. (Acibaldo MARTINS, Jaciel MARTINS, Entrevista cedida a Rosenaldo de Carvalho em 20 de Junho de 2014.)

Esse relato nos mostra como o fumo era visto por um sujeito adolescente na época. Ele sabia que sem o faxinal a vida era quase impossível, assim como era impossível viver sem o fumo e o dinheiro que ele trazia. Então o fumo possibilitou, em um primeiro momento, a permanência do faxinalense no campo em um momento em que ele estava em crise.

Para darmos um melhor contorno do papel de grande vilão que o fumo tomou ao longo dos anos, a partir do fim dos anos 80 do século XX, pesquisas na área médica

mostravam os vários malefícios do cigarro à saúde humana, o que o tornou motivo de várias e pesadas críticas por parte dos médicos, do governo e da sociedade em geral, sempre confiantes em seus médicos.

Hoje convivem vários discursos, dentre eles o de que a Revolução Verde acarretou inúmeros problemas sociais, econômicos e principalmente ambientais. Surgem novos discursos, principalmente favoráveis à agricultura orgânica, nos moldes destruídos nos anos 1960 pelo discurso inovador da Revolução Verde, e agora os órgãos que atacavam a agricultura atrasada dos faxinais querem que produtores, acostumados a produzir com maquinários e adubos, produzam de forma agroecológica. Isso tem se mostrado de difícil aplicação pelo novo perfil dos modernos agricultores dos antigos territórios faxinalenses (EMATER, 2010, p.8)

Segundo afirmam nossos depoentes, e tomamos conhecimentos pela realidade social com a qual passamos a ter conhecimento, os produtores e órgãos governamentais têm pleno conhecimento de que o cigarro faz mal à saúde humana e ao meio ambiente. O desejo de batalhar para diminuir seu uso é aceito como necessário, mas segundo produtores e suas organizações, não é justo atacar quem planta, pois o fumo ainda segura as pessoas no campo e por mais contraditório que possa parecer, os plantadores não consomem cigarros industrializados. Não se trata de fazer juízo de valor ou defesa do fumo, visto que hoje as tentativas de se encontrar alternativas ao fumo são várias e necessárias, mas atacar o plantador de fumo é algo sem consistência, pois a soja e o milho transgênico também fazem mal à saúde e esses agricultores não são atacados por ninguém e recebem grandes incentivos governamentais

Contrariamente estão os fumicultores, sem incentivos e alternativas para sair do plantio e nem mesmo para continuarem no que lhes garante renda e permanência no campo e em alguns casos, condições de permanecerem como faxinalenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos faxinais segue a mesma linha da história de todas as populações pobres e marginais do Brasil. Formadas prioritariamente por caboclos, ex-escravos e imigrantes europeus pobres, constituíram-se, desde sempre, em massa de população fracassada. Esse sempre foi o lugar desses povos, desde o Império, com raras exceções individuais. Esse povo que se virasse, e ele sempre se virou e, surpreendentemente, não desapareceu como o desejado. Quando se fala em imigrantes europeus no Paraná, sempre vem à mente enormes fazendas e muita riqueza com o agronegócio, mas os imigrantes faxinalenses são pobres e não acumularam grandes fortunas como aqueles que foram para outros lugares. Então cabe a pergunta: o faxinal é mesmo um lugar de atraso?

A essa pergunta as respostas seriam várias, mas essa dissertação pode dar uma resposta a partir de um viés de quem procurou ver, pensar e agir como um faxinalense, pois como tudo no mundo, riqueza é um conceito, e como todo conceito, é criado e entendido por determinado grupo. Fora desse grupo o mesmo conceito pode ter significados diferentes. E para os faxinalenses dos anos de 1900 até 1950 ser rico era ter certa quantia de terras e ter agregados trabalhando nelas, para obter mais conforto, visto que as tecnologias disponíveis não possibilitavam que poucas pessoas lavrassem muitas terras sozinhas. Nesse contexto de horizonte de visão o mundo do faxinal se desenvolveu.

Mesmo com essa visão sempre existiram ricos e pobres, mas talvez em nenhum outro lugar na sociedade contemporânea brasileira a diferença entre ricos e pobres tenha sido tão tênue, a ponto de que mesmo quem não tinha terras, podia criar no criadouro comum, desde que participasse da manutenção do próprio criadouro. Quem não tinha terras, não significava não plantar, somente tinha que entregar parte da produção para o dono, mas ser agregado não impedia ninguém de viver com certo conforto.

Viver nos faxinais dava segurança às pessoas de ao menos não passarem fome, pois terra para se plantar os alimentos mais necessários sempre teve e aquilo que agradou muitos imigrantes, carne, leite, ovos e transporte, vivendo soltos, os animais do criadouro, isso era algo desconhecido até de muitos dos imigrantes e eles, vendo tanta fartura para quem vinha de uma terra muitas vezes arrasada, o faxinal era o melhor negócio.

Mas nada é eterno. O mundo foi se modernizando e assim como no “Fausto de Goethe”, onde tudo que não se adapta deve ser eliminado, tudo que era tido como antigo

deveria ser superado. Ora, qual o maior sinônimo de atraso se não as populações rurais de um país?

A organização da sociedade no início dos anos de 1900 se parecia em muito com a do século XIX, por isso que se afirma que o breve século XX tem seu início com a I Guerra Mundial, e termina, com a queda do muro de Berlim em 1991, e nesse espaço de tempo nada escapou da mudança e da globalização, e o mundo nunca em sua história evoluiu tão rapidamente como depois da Segunda Guerra Mundial. (HOBSBAWM, 2005, p. 53 et seq)

A segunda guerra trouxe muitas consequências e, dentre elas, suas sobras. Os EUA apostavam em sua vitória e construíram um arsenal gigantesco de armas, de produtos químicos e automóveis de guerra. Quando findou a guerra, o que fazer com tudo isso? Eram milhões de dólares investidos e sem serventia? E a Europa destruída, com fome e mais perto dos soviets russos do que dos EUA. Assim, as sobras foram remanejadas para aumentar a produção de alimentos e salvar a Europa do “perigo comunista”, depois disso vender essas sobras como pacotes tecnológicos a todo o mundo e salvar as pessoas da fome se tornou um negócio altamente lucrativo, uma das alavancas da era de ouro do capitalismo do segundo pós-guerra.

No Brasil, esse fenômeno que ficou conhecido como Revolução Verde, inovou e modernizou a agricultura, possibilitando a produção de mais alimentos. Em contrapartida, no momento em que a agricultura deixava de lado sua inseparável amiga, a enxada, e se utilizaria de modernos e caros maquinários, o país assistiu o maior êxodo rural da sua história. Para os pobres do campo a Revolução Verde trouxe a fome e o exílio, pois o processo desterritorializou milhões de pequenos agricultores que sem condições de financiar as melhorias para sua propriedade se viram obrigados a vender suas terrinhas e ir para a cidade, engordar os índices de subempregos, de desnutridos e, em alguns casos, de novos criminosos.

Nos faxinais, nesse período, ocorrem várias catástrofes, como a peste dos gafanhotos⁷² mais ou menos na década de 1940, a peste do tifo nos porcos e a infestação de Aftosa em todos nos animais, mais ou menos nessa mesma época⁷³. Para piorar, somou-se a uma crise da erva-mate na década seguinte e, o mais inesperado, uma crise de produção por

72 Para mais informações ver: Narrativas sobre a praga de gafanhotos nas localidades de Faxinal do Rio do Couro, Faxinal dos Mellos e Rio do Couro: Irati-PR, década de 1940. Regiane Maneira. Dissertação de mestrado.

73 Sobre esses assuntos, ocorridos na década de 1940, o escritor rioazulense Jurandir Alves Pires, hoje residente em Curitiba, mas que vivia em Rio Azul nessa época escreve em seu livro de crônicas “Rio Azul também têm história”, que os habitantes comentavam na pousada de seu pai, que esses sinais juntamente com a guerra na Europa era o prelúdio do fim dos tempos descrito por São João no Apocalipse.

esgotamento das terras também colocou muitos faxinalenses de na estrada, rumo aos grandes centros.

Aos que resistiram no fim dos anos de 1950 uma novidade sem precedentes se anuncia, e alguns se lançam nessa quase aventura: plantar fumo, algo que o faxinalense estava acostumado, pois assim como o pão, tinha-se o palheiro de todo dia, mas esse fumo era diferente, pois tinha que fazer mudas, estufas para secagem e colher em várias etapas. Alguns toparam o desafio e em poucos anos o fumo ajudou aqueles que ficaram a sair da crise e até melhorar de vida.

O fumo, como foi exposto, não interferiu de imediato na estrutura da antiga vida comunitária faxinalense, pois os antigos laços da vida comunitária se mantiveram ainda por alguns anos, como o puxirão em consertos e limpeza de locais públicos. O criadouro comum persistiu por muito tempo, juntamente com as lavouras de subsistência, momento esse em que o fumo era muito mais “amigo” que “inimigo” do sistema faxinal.

O fumo trouxe a possibilidade do faxinalense se recriar, pois, ele vivia uma violenta crise, sem o dinheiro da erva-mate, as criações se levantando de duros golpes. Levemos em consideração que os animais eram uma das bases da vida do faxinal e se suas duas bases capengavam o homem do faxinal passou a ver no fumo a única saída.

Sem condições de ser como fora nos “tempos de dantes”, mas sem saber que caminho seguir, o homem faxinalense busca novas alternativas de vida com a plantação do fumo. O desprender-se custa caro ao homem, e muitos mesmo em crise não plantaram fumo. Com o tempo todos se viram quase obrigados a aderir ao novo sistema produtivo.

O fumo permitiu ao faxinalense se reinventar e ser mais moderno. Se foi bom ou ruim, o tempo permitirá interpretar, mas é certo que possibilitou ao faxinalense continuar como faxinalense, agora com dinheiro no bolso, de Fusca e Jipe na garagem e com porcos, vacas e cavalos nos criadouros.

Como já fora dito, o fumo sozinho não destruiu o faxinal, se pensarmos o sistema como uma corrente, onde os elos eram as policulturas de subsistência, o puxirão, a religiosidade, o criadouro comum. O fumo, isoladamente, não arreventou esses elos, mas apenas corroeu, enferrujou, elos que tiveram o golpe final com a chegada dos catarinenses e gaúchos que, também em crise, venderam suas terras no lugar de origem e compraram terras no meio do sistema de faxinal. Desconhecedores do sistema, achavam que os animais que sempre andaram por todo o sistema eram invasores de áreas produtivas. Fizeram surgir cercas diferentes, de quatro fios, e muitas brigas se instalaram, de modo que alguns faxinais se extinguíram. Aqueles que resistem, em parte o fazem graças ao fumo. O mais triste nessa

história de brigas é que os verdadeiros invasores, os “gaúchos”, saíram como vencedores de uma luta desigual, onde nem sempre quem venceu ganhou.

Com a atuação desses novos moradores, as monoculturas da soja, do milho, em grande escala, plantados no meio do criadouro, decretaram o fim dos criadouros comuns, mais não da grande cultura faxinalense, pois ainda hoje os vizinhos ainda trocam presentes, pequenos pedaços de carne, quando carneiam seus animais. Podemos afirmar que o fumo encurtou os laços entre a modernidade e os faxinais e plantou as sementes do movimento que o acompanhava: o individualismo, o consumismo e o egoísmo, e essas sementes, mais cedo ou mais tarde, deram seus frutos.

Depois do final dos anos de 1980 o fumo toma conta das antigas propriedades faxinalenses, que se tornam verdadeiras empresas de produzir fumo, algumas chegando a plantar até vinte vezes mais que no início, com o número de 500.000 pés de fumo. Essas são em pequeno número. O mais normal é o número de 100.000 pés de fumo e as lavouras de subsistência sucumbem para o fumo. Existiram aqueles que resistiram até os anos 2000, mas não resistiram às lavouras de soja, que ficaram com o que sobrou das terras do plantio de fumo.

Se por um lado o fumo trouxe mudanças no cotidiano do faxinalense, que passou a usar adubos, venenos, colher em várias etapas um mesmo produto, trabalhando dia e noite, a conviver com a presença de pessoas diferentes, dizendo o que era e não era para fazer, além das mudanças nas práticas culturais, como impossibilidade de participar das rezas e novenas e daquele que foi o grande elo da vida comunitária faxinalense, o puxirão, ele trouxe a possibilidade de permanecer no faxinal; mesmo interferindo nele, trouxe melhores condições de vida às famílias e todos os benefícios do dinheiro a mais que o fumo trazia com ele.

Assim, podemos conceber que o fumo foi um divisor de águas na história dos faxinais, daqueles que ainda existem e daqueles que deixaram de existir. Não cabe ao historiador falar se foi algo bom ou ruim, apenas em sua narrativa expor com ética os fatos que ele encontrou. Esse foi todo o esforço intelectual desse trabalho. Um sistema centenário de vida no campo entra em crise, um produto ao mesmo tempo conhecido e exógeno tal qual se apresentou proporciona vida nova aos faxinais, mas a globalização e o consumo de bens de curto e longo prazo deram as cartas e o fumo se constitui como grande produto da pequena propriedade faxinalense, principalmente com a divisão das grandes heranças, e o mundo em que se vivia, por inúmeros motivos, ou se reinventou, ou deu espaço ao novo e moderno, algo meio fáustico. E hoje, perante uma nova crise, muitos querem por força resgatar o que se perdeu, mas isso é historicamente impossível.

Ao se envolver em uma pesquisa vive-se o mundo dos pesquisados. Por isso, esse trabalho termina com uma máxima sempre presente nas palavras do senhor Delfino de Oliveira, prestes a completar 95 anos: “*a coisa muda meu filho*”. Os homens presentes no meio do olho do furacão não sabem se as mudanças serão boas ou não, mas o ser humano terá de usar sua melhor habilidade, aquela que lhe deu o topo da cadeia alimentar e o posto de comando na vida no planeta: a habilidade de se adaptar “pois a coisa muda”.

FONTES

ACARPA. Laudo técnico sobre a área rural de Rio Azul, Rebouças e Marechal Malett.1982. 25 p.

AFUBRA. Anuário brasileiro do fumo. Santa Cruz do Sul. 2009, 150 p., p. 47 et seq.

EMATER. Boletim técnico. 1998. P. 24. 78 p.

EMATER. Relatório técnico. Curitiba: Emater: 1987. P.. 37 et seq.

SOUZA, Cruz. Orientação Técnica 002. Santa Cruz do Sul. 1959.

SOUZA. Cruz, manual de orientação técnica PR técnicos agrícolas Santa Cruz do Sul.1956.

Entrevista cedida pelo senhor Darci Cozer a Rosenaldo de Carvalho em 10 de setembro de 2013.

Entrevista cedida pelo senhor Arnaldo Rossa a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.

Entrevista cedida pelo senhor Delfino Oliveira a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.

Entrevista cedida pelo senhor Edgard Germano Goebel a Rosenaldo de Carvalho em 22 de junho de 2014.

Entrevista cedida por Arnaldo Rossa a Rosenaldo de Carvalho em 20 de dezembro de 2013.

Entrevista cedida por Darci Cozer a Rosenaldo de Carvalho em 13 de dezembro de 2013.

Entrevista cedida por Darcy de Carvalho a Rosenaldo de Carvalho em 19 de abril de 2009.

Entrevista cedida por Darcy de Carvalho em a Rosenaldo de Carvalho em 18 de agosto de 2011.

Entrevista cedida por Delfino Oliveira a Rosenaldo de Carvalho em 24 de janeiro de 2014.

Entrevista cedida por Delfino Oliveira a Rosenaldo de Carvalho em 10 de julho de 2014.

Entrevista cedida pelos senhores Jaciel e Acibaldo Martins a Rosenaldo de Carvalho em 20 de junho de 2014.

Entrevista cedida por Mariano Romanovich a Rosenaldo de Carvalho em 22 de julho de 2014.

Entrevista cedida por Delfino Oliveira a Rosenaldo de Carvalho em 10 de abril de 2009.

Entrevista cedida por Irineu Dietrich a Rosenaldo de Carvalho em 16 de dezembro de 2013.

Entrevista cedida por José Ludovich a Rosenaldo de Carvalho em 26 de junho de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACH, Arnaldo Monteiro. *Porcadeiros*. Ponta Grossa: Pallotti, 2009.
- BERGSON, Henry. *Matéria e Memória: Ensaio Sobre a Relação do Corpo com o Espírito*. Tradução Paulo Neves. 2º Ed. São Paulo., Martins Fontes, 1999.
- _____. *Os usos sociais da memória*. Paris: F. Alcan, 1925. Reed.
- BONA, Aldo Nelson. *História, Verdade e Ética: Paul Ricouer e a epistemologia da História*. Guarapuava: Unicentro, 2012.
- BORDIEU, Pierry. *O poder simbólico*. 2005.
- CAMPIGOTO, José Adilçom. BONA, Aldo Nelson. *A hermenêutica dos faxinais: a questão da origem*. 2008.
- CARDOSO JUNIOR, Helio Rebello. *Enredos de Clio, Pensar e Escrever a História com Paul Veyne*. São Paulo. Ed. Unesp. 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.
- CARVALHO, Rosenaldo de, BONA, Aldo Nelson. *Fumicultura e Agricultura Tradicional: Mudança no Modo de Vida Faxinalense*. Anais de evento 1º Congresso Internacional de História, UNICENTRO e UEPG, maio 2013.
- CARVALHO, Rosenaldo de, BRITO, Rosemeire dos Santos. *Masculinidades faxinalenses e fracasso escolar*. Monografia de Especialização em história, educação e diversidade. Maio de 2013.
- CARVALHO, Rosenaldo de, CAMPIGOTO, José Adilçom. *Os santos nos faxinais: religiosidade e povos tradicionais*. Revista TOPOI N° 2. Janeiro/ julho 2012.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. – São Paulo: Graal, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.
- DOSSE, F. *A História*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Tradução de Agostinho D'Ornellas. Editora Martin Claret, 2004.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Em torno de Galileu: o esquema das crises*. Madri, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GINSBURG, CARLO. *O queijo e os vermes*. São Paulo: companhia das Letras, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, Paris: Albin Michel. 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX-1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Ed. JZE.
- _____. *Foucault, A Ciência e o Saber*. Rio de Janeiro: Ed. JZE.
- MANEIRA, Regiane. SOCHODOLAK, Hélio. *NARRATIVAS SOBRE A PRAGA DE GAFANHOTOS NAS LOCALIDADES DE FAXINAL DO RIO DO COURO, FAXINAL DOS MELLÓS E RIO DO COURO: IRATI-PR, DÉCADA DE 1940*. Dissertação de mestrado 2014.
- MOTTA, Manoel Barros. *Ditos e Escritos* vol. IV. Forense Universitária, 2001. Rio de Janeiro. P. 95.
- NORA, P. *Entre memória e História; a problemática dos lugares*. Projeto História. Nº 10. São Paulo; PUC, 1993.
- PINTO, Álvaro Viera. *Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro. ISEB, 1960. 2 v.
- _____. *O conceito de tecnologia*. São Paulo. Contraponto, 2008. V.1.
- PIRES, Jurandir Alves. *Rio Azul também tem história*. 2008.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: estudos históricos. VOL. 5 Nº 10, 1992, P. 200-212.
- RAGUSA, Pedro. JOANILHO, André Luiz. *ARQUEOLOGIA DO SABER E A HISTÓRIA*. 18 p.
- RICOEUR, P. *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas; Unicamp, 2007.
- RICOEUR, PAUL. *Tempo e narrativa I*. Papirus, 1995.
- RICOEUR, PAUL. *Tempo e narrativa II*. Papirus, 1995.
- RUUP. Marla Luciana Treichel. Martins, Valter. *Mudanças culturais nos faxinais*. In: Estudos em história cultural na região sul do Paraná./ Organizado por Hélio Sochodolak e José Adilçon Campigoto.-Guarapuava; Unicentro, 2008. 298 p. p. 89 à 95.
- SANTOS. Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SEFFRIN, Guido. *O fumo no Brasil e no mundo*. Santa Cruz do Sul. AFUBRA, 1995.
- SOCHODOLAK, Hélio, MANEIRA, Regiane. *Os faxinais na região de Irati na década de 1940: a força de uma cultura tradicional*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. 2011.
- SUTERMEISTER, PAUL. *A meta-história de Hayden White: uma crítica construtiva a "ciência" histórica*. Revista espaço acadêmico, nº 97, junho de 2009.

TOLEDO, Ilma Aparecida de. *Representações e praticas culturais do sistema faxinal*. In: Estudos em história cultural na região sul do Paraná./ Organizado por Hélio Sochodolak e José Adilçon Campigoto.-Guarapuava; Unicentro, 2008. 298 p.

TÚLIO, M, E. *O sistema de faxinais em Rebouças: O ápice e o declive de uma experiência de vida no campo*. UNICENTRO. 2004. TCC em História.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: São Paulo: EDUNB, 1982, 2ª. Ed.

VEYNE, PAUL. Como se escreve a história: edições 70, 1997. P.128. IN; BONA, ALDO NELSON. *História, Verdade e Ética: Paul Ricouer e a epistemologia da história*. Guarapuava: Unicentro, 2012.

VEYNE, PAUL. Como se escreve a história: edições 70, 1997. P.128. IN; BONA, ALDO NELSON. *História, Verdade e Ética: Paul Ricouer e a epistemologia da história*. Guarapuava: Unicentro, 2012.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo. 1995.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo. 1995.

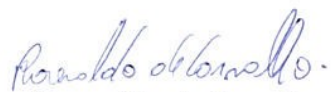
VERISSÍMO, Érico. *Um Certo Capitão Rodrigo*. Henrique Bertaso. Porto Alegre: Globo, 1972.

ZAMBERLAM, Jurandir. FRONCHETI, Alceu. *Agricultura ecológica: preservação do pequeno agricultor e o meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2001.

Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 02 de março de 2016.


Rosinaldo de Carvalho